

ENTRE A MOCAMBÓPOLIS E A MANGUETOWN

Narrativas Urbanas em torno da Recife
de Josué de Castro





Universidade Federal da Bahia
Faculdade de Arquitetura
Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo

Maria Eduarda Azevedo T. de Paiva

ENTRE A MOCAMBÓPOLIS E A MANGUETOWN

Narrativas Urbanas em torno da Recife
de Josué de Castro

Salvador
2024

Maria Eduarda Azevedo T. de Paiva

ENTRE A MOCAMBÓPOLIS E A MANGUETOWN

**Narrativas Urbanas em torno da Recife
de Josué de Castro**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em
Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia como
requisito para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e
Urbanismo. Área de Concentração: Urbanismo

Orientadora: Prof^a. Dra. Margareth da Silva Pereira

Co-orientador: Prof. Dr. Washigton Drummond

Salvador

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI)
Biblioteca da Faculdade de Arquitetura (BIB/FA)

P149

Paiva, Maria Eduarda Azevedo T. de.

Entre a Mocambópolis e a Manguetown [recurso eletrônico] :
narrativas urbanas em torno da Recife de Josué de Castro / Maria
Eduarda Azevedo T. de Paiva. – Salvador, 2024.
206 p. : il.

Dissertação – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de
Arquitetura, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e
Urbanismo, Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. 2024.

Orientadora: Profa. Dra. Margareth da Silva Pereira

Coorientador: Prof. Dr. Washington Drummond

1. Mangue. 2. Narrativas urbanas - Recife. 3. Manguebeat. 4.
Cidade. I. Pereira, Margareth da Silva. II. Universidade Federal da
Bahia. Faculdade de Arquitetura. III. Título.

CDU: 633.876(813.4)

Responsável técnico: Jeã Carlo Madureira - CRB/5-1531

AGRADECIMENTOS

Ao decorrer do processo de escrita dessa dissertação, em alguns momentos, me peguei em reflexão sobre as forças que possibilitaram a vinda para Salvador, assim como a permanência em Salvador, e por isso, eu agradeço:

À minha mãe, Hilda, e ao meu pai (*em memória*), Alexandre, por terem me ensinado coragem e curiosidade. E à meu irmão, Lucas, por sempre inspirar criatividade e força. Sem eles isso não teria sido possível, assim como, sem todos que vieram antes deles.

À cidade do Recife, seus rios, mangues, e as comunidades ribeirinhas; e também a Salvador, e seu mar imenso.

Ao Programa de Pós Graduação de Arquitetura e Urbanismo (PPGAU) da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), por dois anos de apoio com bolsa de estudos.

Aos grupos que, como coletivos pensantes, contribuíram para construção desse trabalho: Laboratório de Estudos Urbanos (PROURB/UFRJ) e ao Laboratório Urbano (PPGAU/UFBA).

À Margareth da Silva Pereira, orientadora deste trabalho em mim, por despertar em mim um olhar sensível a cidade e por incentivar a seguir os caminhos que acredito.

À Washington Drummond, co-orientador deste trabalho, por ter aceitado participar dessa pesquisa, pelas conversas inspiradoras e pela presença sempre que possível.

À Paola Berenstein Jacques, pelas aulas inspiradoras.

À Carmen Cavalcanti, por ser minha primeira mestra no universo da arquitetura e por sempre incentivar e inspirar a voar.

À meus mestres e professores (as): Thais Portela, Virgínia Pontual, Fabiano Diniz, Dilton Lopes, Luiz Antonio, Fabiana Britto, Mario Magalhães, Daniel Marostegan, e a todos os outros que acreditam na universidade pública e na educação.

Aos servidores da UFBA, em especial, a Maria Henriques, da secretaria do PPGAU, pela sempre prontidão e ajuda.

À todos meus amigos, colegas, conhecidos, que atravessaram meu caminho, e que de forma direta ou indireta, contribuíram para esse trabalho, seja em um abraço, uma palavra ou incentivo, muito obrigada a todos vocês! Sem vocês não seria possível: Taylla, Felipe, Luciana, Isabela, Thainá, Lucas, Giovana, Lorena, Vivi, Isabel, Joana, Beatriz, Heloisa, Mario, Mirela, Victor, Mouzi, Duda, Eugenia, Amanda, Anderson, Jessica, Igor, Anna, Eloisa, Flora, Gabe, Julia, Gloria, Rafaela, Bárbara, Janaina, Rafael, Chico, Eliana, Luiza, Nathan, Leo, Chrys, Rodrigo, Luiza, Daniel, Akemi, Marcus, Diego, Mariana, Gal, Juna, Pedro, Rafael, Clara, Shunya, Bia, entre tantos outros.

À todos os seres, visíveis ou não, obrigada!

(...) no Recife tudo está ostensivamente jogado numa espécie de desarranjo cósmico: os mangues invadindo as terras, as águas dos rios entrando pelos quintais das casas, as línguas de terra penetrando mar adentro, os mocambos se infiltrando por dentro dos mangues e da lama dos rios, numa desordem assustadora. Do nível da planície, dificilmente poderíamos conceber os limites da cidade e do campo, de tal forma a floresta se insinua na área urbana, sob a forma de jardins, de parques, de sítios e de mangues e de tal forma se surpreende dentro dos maciços vegetais, edificações de função urbana.¹

Josué de Castro

RESUMO

O estudo observa a construção da metáfora dos homens caranguejos na obra de Josué de Castro e sua resignificação pelo manguebeat, que transformou essa figura em uma crítica às dinâmicas urbanas e ao processo de metropolização da cidade. Com um recorte histórico que vai de 1930 a 1990, o trabalho examina as sobreposições e transformações na ocupação dos manguezais, destacando o mangue como um elemento da construção identitária da cidade. Baseando-se na teoria das "nebulosas" (PEREIRA, 2021a), o estudo propõe uma leitura de narrativas e projetos não-lineares, revelando os atores sociais e culturais que, ao longo do tempo, resistiram e subverteram as dinâmicas de segregação impostas, a partir de uma lógica "para além do humano".

Palavras Chave: Mangue, Narrativas Urbanas, Recife, manguebeat, Josué de Castro, cidade

ABSTRACT

The study observes the construction of the metaphor of crab men in the work of Josué de Castro and its reinterpretation by the manguebeat movement, which transformed this figure into a critique of urban dynamics and the metropolitanization process of the city. With a historical focus spanning from 1930 to 1990, the work examines the overlays and transformations in the occupation of mangroves, highlighting the mangrove as an element of the city's identity construction. Based on the theory of "nebulas" (PEREIRA, 2021a), the study proposes a reading of nonlinear narratives and projects, revealing the social and cultural actors who, over time, have resisted and subverted imposed segregation dynamics, from a "beyond-human" perspective.

Keywords: mangrove, urban narratives, Recife, manguebeat, Josué de Castro, city

LISTA DE FIGURAS

- 15** Figura 01: Foz do Rio Mamanguape, 31/12/2020. Fonte: autora. 2020. Topográfico de Pernambuco.
- 22** Figura 02: Projeto da Zine. Autor: autora. 2023.
- 34** Figura 03: Colagem de imagens "cidade-mangue". Autor: Maria Eduarda Azevedo. Fontes diversas. 2023
- 45** Figura 03: Artigo “A alma dos nossos lares” publicada no jornal "A Noite", 1924. Autor: Lucio Costa. Fonte: Jornal "A Noite". Disponível em: Hemeroteca digital, edição 04421, 1924.
- 48** Figura 05: Primeira versão do conto “O Despertar do Mocambos” publicado no Diário Carioca em 16 de Fevereiro de 1935. Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Disponível em: memoria.bn.gov.br
- 56** Figura 06: Josué de Castro em discurso de posse do título de "Cidadão do Mundo", no dia 3 de março de 1969. Fonte: Revista Eletrônica de Jornalismo Científico - Com Ciência.
- 57** Figura 07: Josué de Castro no mangue. Fonte: Diário de Pernambuco. Autor: Desconhecido
- 63** Figura 08: Chamada de matéria publicada no jornal “A Noite”, Rio de Janeiro, no dia 27 de maio de 1943
- 71** Figura 09: Colagem de imagens. Fontes diversas. Autora: Maria Eduarda Azevedo. 2023
- 74** Figura 10: Colagem de imagens. Fonte: Acervo da “Associação Cultural Pedra do Reino” de São José do Belmonte/PE. Autor: Diversos fotógrafos

- 79** Figura 11: Planta da cidade em 1956. Fonte: Laboratório Topográfico de Pernambuco
- 80** Figura 12: Planta da cidade em 1943. Fonte: PONTUAL, 2001.
- 83** Figura 13: Projeto de Urbanização de Brasília Teimosa. Fonte: BERNARDES, Denis. O Caranguejo e o Viaduto. 2. ed. – Recife : Ed. Universitária da UFPE, 2013.
- 95** Figura 14: Capa do disco “Da lama ao caos”, lançado em 1994, autoria de Helder Aragão - conhecido como DJ Dolores - e Hilton Lacerda Fonte: <https://brasiledesenvolvimento.wordpress.com/tag/da-lama-ao-caos/>
- 96** Figura 15: Encarte do “Da lama ao caos” (1994). Autor: Helder Aragão e Hilton Lacerda. Fonte: <https://brasiledesenvolvimento.wordpress.com/tag/da-lama-ao-caos/>
- 106** Figura 16: A poligonal em vermelho corresponde ao conjunto tombado, pelo Iphan; os pontos em vermelhos, os bens tombados individualmente e, em verde, os bens com processo de tombamento. Fonte: IPHAN 5ª. Superintendência – em jan/2011.
- 107** Figura 17: Folheto de divulgação da festa “Sexta sem Sexo” que aconteceu no fim dos anos 1980, no Adília’s Place, no Bairro do Recife. Fonte: Porto Digital
- 116** Figura 18: Traçado da Via Mangue, acesso para Zona Sul da cidade do Recife, UC Parque dos Manguezais, Bairro de Brasília Teimosa, ZEIS Ilha de Deus e Conjunto Habitacional Via Mangue. Fonte: Google Earth, marcações feitas pela autora. 2024
- 117** Figura 19: Ilha de Deus antes das intervenções. Fonte: Flickr Autor: Bernardo Soares. 2000.
- 117** Figura 20: Ilha de Deus antes das intervenções. Fonte: Diagonal Social Autor: Desconhecido. 2006.

- 118** Figura 21: Ilha de Deus depois das intervenções. Fonte: Diagonal Social
Autor: Desconhecido. 2010.
- 118** Figura 22: Ilha de Deus depois das intervenções. Fonte: Diagonal Social
Autor: Desconhecido. 2010.
- 121** Figura 23: Imagem de divulgação do projeto. Fonte: Marco Zero Conteúdo.
2014.
- 121** Figura 24: Foto aérea pós execução do projeto. Fonte: Marco Zero
Conteúdo. 2023
- 126** Figura 25: Colagem de imagens. Fontes diversas. Autora: Maria Eduarda
Azevedo
- 153-154** Figura 26: imagens sobrepostas da matéria na revista realidade número
48, ano iv, março 1970. fonte: acervo autora. autor: maureen bissiliat e
audálio dantas
- 159** Figura 27: Ilustração feita por Darel para o conto “Ciclo do caranguejo”,
na 3a edição do “Documentário do Nordeste”, publicada em 1965. Fonte:
Acervo da autora
- 159** Figura 28: Ilustração feita por Darel para o conto “Despertar dos Mocambos”,
na 3a edição do “Documentário do Nordeste”, publicada em 1965. Fonte:
Acervo da autora
- 160** Figura 29: Ilustração feita por Darel para o conto “Ciclo do caranguejo”,
na 3a edição do “Documentário do Nordeste”, publicada em 1965. Fonte:
Acervo da autora
- 163** Figura 30: Imagem retirada do capítulo do dia 21/02/2024 da novela
Renascer, da Rede Globo. Fonte: Globoplay
- 168** Figura 31: Raízes aéreas de manguezal. Fonte: Atlas dos Manguezais.
- 171** Figura 32: Manifesto à Opinião Pública enviado pelo conselho de moradores
de Brasília Teimosa em julho de 1979. Fonte: FERNANDES, 2010.

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| PRÓLOGO: QUE EU ME ORGANIZANDO POSSO DESORGANIZAR | 14 |
| 1.CIDADE MANGUE | 35 |
| 2. RECIFE: DO CAIS AO CAOS | 70 |
| 3. HERÓIS DO ATÓPICOS DO MANGUE: HOMENS CARANGUEJOS | 125 |
| EPÍLOGO: "PARA ALÉM DO HUMANO" | 167 |
| ANEXOS | 178 |
| "A cidade" | 179 |
| "Ciclo do Caranguejo" | 184 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 188 |
| NOTAS | 199 |



Caranguejo "chama-maré". Fonte: Planeta Invertebrados

PRÓLOGO

QUE EU ME ORGANIZANDO POSSO DESORGANIZAR

No último dia do ano que precedeu a pandemia do Covid-19, eu estava em Barra de Mamanguape, uma praia no litoral norte de João Pessoa, na Paraíba. Essa região conta com uma Área de Proteção Ambiental de mais de 14 hectares, onde 5,7 hectares dessa área (38,88%) são manguezais, aos quais se sobrepõem duas aldeias indígenas e mais algumas comunidades que exercem atividades extrativistas desses manguezais¹. O turismo lá é focado em uma abordagem ecológica, contando com algumas iniciativas de preservação da vida das espécies que vivem na foz do Rio Mamanguape e afluentes, como o Parque Ecológico do Caranguejo-Uçá e o Projeto Peixe-boi. Acompanhada de um dos moradores da vila da Barra do Mamanguape, pescador e catador de caranguejo, entramos nos manguezais enquanto ele cobria seu corpo de lama e enfiava todo seu braço naquela terra aquosa para retirar o caranguejo de sua toca.



FIGURA 1: Foz do Rio Mamanguape, 31/12/2020. Fonte: da própria autora. 2020.

Mesmo que eu seja pernambucana, nascida em Recife e tenha crescido vendo os mangues do Rio Capibaribe e ouvindo Nação Zumbi cantar sobre a manguetown, essa imersão na Barra de Mamanguape me marcou. Com a pandemia do COVID-19 e as formas de interação na cidade reduzidas, devido a necessidade do isolamento, me pus a pensar nas cidades que existiam dentro de nós, nos sonhos e nas histórias. Os estudos realizados por Paola Berenstein-Jacques, coordenadora do Laboratório Urbano, no PPGAU/UFBA², sobre a espetacularização das cidades, situações e deriva (JACQUES, 2003), inspirados na Internacional Situacionista (DEBORD, 1997), foram o combustível inicial dessa pesquisa. Na época eu ainda não havia feito a conexão da relação dos mangues

e homens caranguejos com a cidade, porém, a influência das experiências dos encontros Corpocidade³, sobre as co-implicações entre corpo e território (JACQUES;BRITTO, 2008) (JACQUES;BRITTO, 2012), foram ponto de partida para a candidatura no PPGAU/UFBA.

Com a aprovação do pré-projeto, que até então era intitulado de “Cidade, corpo e arte: uma proposição de afetos sensíveis para a cidade”, entrei em contato com a professora Paola Berenstein-Jacques (PPGAU/UFBA), coordenadora do Laboratório Urbano, que me apresentou Margareth da Silva Pereira, coordenadora do Laboratório de estudos Urbanos (PROURB/UFRJ) e, então, professora visitante da UFBA, que me aceitou como sua orientanda. Entrei em um universo que até então era novo para mim: a mudança de Recife para Salvador em uma pandemia, assim como a entrada na pós-graduação e o sentimento de ser estrangeira em um lugar.

Minha primeira aula no programa, em março de 2021, foi uma aula de “História da Cidade”, ministrada pelas professoras Margareth da Silva Pereira e Paola Berenstein-Jacques, que tomou como ponto de partida a possibilidade de novas entradas e narrativas sobre como problematizar a cidade como uma questão teórica. Narrativas que partem de uma “viagem e deslocamento” de si, a fim de analisar as narrativas que envolvem os atores sociais e sujeitos que constroem a cidade, observando as diferentes temporalidades que atravessam suas práticas. Foi a partir daí que passei a me familiarizar com a forma de abordagem dos temas de estudo implícita na ideia de “Pensar por Nebulosas”, que parte de um esforço de colocar os atores como sujeitos na pesquisa, e não como objetos. Esse duplo deslocamento, de minha cidade natal para Salvador, assim como um

deslocamento das formas de pensar cidades, fez parte da motivação de afunilar o tema e investigar narrativas que constroem cidades a partir de referenciais múltiplos.

Outra contribuição importante na trajetória dessa pesquisa foi meu contato com o professor Washington Drummond, do Programa de Pós-Graduação de Crítica Cultural na Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), que generosamente aceitou fazer a co orientação desta pesquisa, quando a escrita já estava em andamento. A participação das discussões no Pós-Crítica ampliaram o repertório da pesquisa, incorporando disciplinas como música, história e teoria crítica. A noção de "genealogia", pensada por Drummond (2024), como uma metodologia de investigação, aproximou a pesquisa de um modo de fazer, "uma poética", em que a concepção da historicidade do sujeito acontece na falha, na ruptura, nos rastros e reapropriações que flagram "acontecimentos nos seus desvios e acidentes" (DRUMMOND, 2024, 166-170).

Pensar a pesquisa a partir desses dois eixos metodológicos nos permitiu transitar por uma cidade outra, nas margens das tessituras hegemônicas e por narrativas dissidentes. Refazendo a trajetória desta pesquisa para escrever esse prelúdio, a memória da imersão nos manguezais da APA Barra de Mamanguape/PB emergiu, me lembrando do texto que Suely Rolnik escreveu em sua palestra de titulação como professora titular da PUC/SP em 1993, "Pensamento, corpo e devir: Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico". No texto Rolnik discorre sobre esses acontecimentos que não são fatos, mas uma memória do invisível que nos atravessa, que ela chamou de "marcas" (ROLNIK, 1993). Segundo Rolnik, essas marcas quando encontram ambientes que fazem

ressonância, são atualizadas em um contexto de novas conexões.

Essa pesquisa nunca se deu de forma linear, e transitou por muitos lugares, mas fazendo essa “cronologia” da pesquisa agora consigo associar como as “marcas” de Rolnik junto com as reflexões sobre as “nebulosas” desenvolvidas por Pereira me ajudaram a visualizar um campo – feito de associações, conexões e nexos entre memórias, experiências e práticas – aberto e instável.

Este trabalho, então, foi se construindo a partir da noção de que as cidades são construções complexas, dinâmicas e multifacetadas, a partir de um jogo relacional de diversas marcas, atores, memórias, práticas e histórias. A proximidade com o movimento mangubeat já existia, mas o sentimento de ser estrangeira em Salvador me aproximou dos manguezais e de Josué de Castro, principalmente do romance *Homens e Caranguejos* publicado em 1966.

Médico, geógrafo, antropólogo, humanista e escritor pernambucano, no romance de 1966, Castro aproxima através da metáfora do homem caranguejo a cidade do Recife do mangue, chamando a atenção no sentido de considerar a complexidade do Recife, entre tantas, como a de uma cidade de muitas cores, sons, texturas e cheiros, que se forma em um campo movediço, de disputas, lutas e encontros. O objetivo do trabalho foi aos poucos sendo desenhado, mas não sem dificuldades. Tomando como ponto de partida o objetivo amplo de analisar o encontro da natureza com a cidade. Os objetivos foram se tornando claros ao analisar a relação simbiótica, simbólica e material, entre o mangue e a cidade, focando especialmente na cidade do Recife e seus manguezais.

A partir do romance de Josué de Castro e das conexões futuras com o movimento manguebeat, a pesquisa buscou, assim, investigar como o encontro do mangue e cidade, presente nessas narrativas, produzem outros sentidos de cidade, que revelam outras formas de habitar e ocupar o espaço citadino, nem sempre estudadas, discutidas, valorizadas. Os manguezais emergem nessas narrativas como uma metáfora, que se entranha e contamina eventos marcantes na história do Recife e que compuseram a configuração urbana assim como suas representações culturais. Como Pereira (2021b) nos lembra, é possível pensar cidades a partir das interações de diferentes corpos, de forma plural:

Ademais, na reflexão sobre as formas de cada cidade de ser cidade, sobre a interação com seus fragmentos, com suas ruínas, com seus sonhos, com seus projetos de futuro e com o próprio movimento de exploração de seus mitos e de suas fantasmagorias, pressupõe uma relação sempre aberta e a capacidade de mostrar-se atento às metamorfoses cotidianas entre todas as dimensões, forças, direções, ritmos e “acidentes” em presença. (PEREIRA, 2021b)

O romance *Homens e Caranguejo*, apesar de ter sido publicado em 1966, é sobre o Recife dos anos 30, durante o processo de metropolização da cidade. Castro, quando escreveu o livro, se encontrava em exílio, após o golpe militar no Brasil. Logo nas primeiras páginas podemos ver certa nostalgia alimentada pelo que vivera o jovem Castro, nascido na primeira década do século XX, quando narra a cidade do Recife a partir dos manguezais

“Não há, pois, a menor dúvida, que tôda esta terra que hoje flutua à flor das águas, na baía entulhada do Recife foi uma criação dos mangues. Os mangues vieram com os rios, e

com os materiais por êstes trazidos foram os mangues laboriosamente construindo seu próprio solo, batendo-se em luta constante contra o mar.”(CASTRO, J. Homens e Caranguejos. 1966)

Qual a imagem de cidade que surge da obra literária de Josué de Castro? Ao colocar o mangue como agente de construção da cidade do Recife, Castro amplia o repertório de narrativas da cidade assim como a descentraliza do homem fazendo-nos pensar em uma *cidade mangue*, que se relacionam também com a sua obra. Cidade como a dos homens caranguejos, metáfora que dá nome ao romance, assim como o contexto em que esse trabalho se insere.

Mário Lacerda de Melo (1977, p.29), em "Metropolização e Subdesenvolvimento", mostrou como na década de 1930 houve um movimento de deslocamento do sertão pernambucano para a capital do Recife, o que gerou uma ocupação dos mangues e morros que “compactou a cidade”. Esse movimento foi também o que criou, o que Josué de Castro chamou, de “mocambópolis”, uma cidade à parte da cidade formalmente reconhecida que, na década de 50, segundo Castro:

"Dos 700 mil habitantes que o Recife possui, **230 mil vivem em habitações do tipo de mocambos**, plantados nos mangues e nos arredores da verdadeira cidade. Sobre esta população marginal escreve Mário Lacerda de Mello: “Assim, de acordo com informações oficiais, construía-se em nossa capital quase duas vezes mais mocambos do que casas de alvenaria e taipa. E a população das áreas onde se levantam aquelas habitações miseráveis que cercam a cidade sobe a cerca de 165.000 almas. É população superior à de qualquer cidade brasileira, exceto uma meia dúzia: Rio, São Paulo, Recife, Salvador, Porto Alegre e Belém. **Se separássemos**

imaginariamente esta parte da população do Recife em uma “mocambópolis” à parte, teríamos uma cidade tão grande que estaria em sétimo lugar entre as cidades brasileiras. Para rivalizá-la em população, só encontraríamos um centro urbano na Amazônia, um no Nordeste, dois no Brasil oriental e dois no Brasil meridional. No Brasil central, nenhum.” (CASTRO, [1946]1984, 141, grifo nosso)

Essa "cidade à parte" provoca reflexões sobre disputas que se atravessavam tanto pelas questões morfológicas do território, por ser uma região de alagados, quanto pelas dinâmicas sociais que surgem da relação entre o mangue, o homem e suas práticas de interação com o território, assim como, seus efeitos, de modo geral, nas representações culturais da cidade.

A partir disso, foi feita uma pesquisa de como a cidade mangue é conceituada, e encontramos uma diversidade de narrativas textuais, visuais e sonoras. Foi feita uma reflexão de pensar na circulação, empréstimo, contaminação dessas linguagens, em seus contextos, a fim de entender os efeitos dessas narrativas para a criação de uma certa visão de “cidade mangue”, ou em outras palavras, de uma cidade que é como um mangue, e como contribuem com a preservação de culturas híbridas. Como o Povo Caranguejo (1970), a manguetown (1994), entre outras narrativas, sob o aparato de outras linguagens além da escrita textual, como imagens, poemas, reportagens, músicas.

A metodologia adotada reflete a complexidade dessa “cidade mangue”, que buscou se estruturar em torno da abordagem que Pereira chama de "*pensar por nebulosas*" (PEREIRA, 2021a), como já mencionado. **Para isso, um esforço**

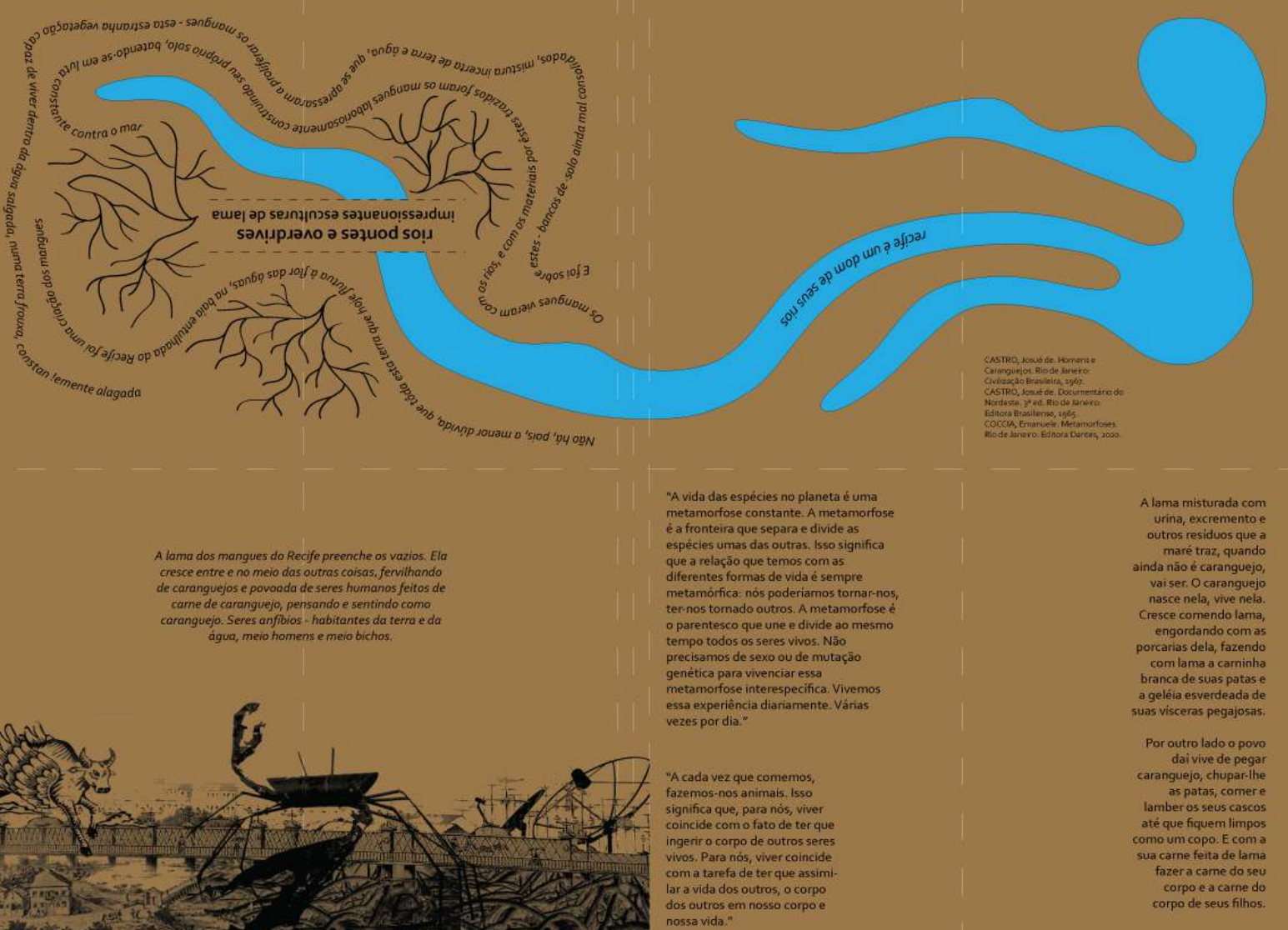


Figura 02: Projeto da Zine. Autor: autora. 2023.



Aponte seu celular para o QR-Code para ter acesso a um vídeo em stopmotion da zine, ou, acesse: <https://www.youtube.com/watch?v=fE5c6Kfn8KM> Fonte: acervo pessoal da autora.

para pensar o campo relacional que é próprio de cada cidade como um lugar de possibilidades ilimitadas, no qual as linguagens interferem umas nas outras (PEREIRA, 2021a). Isso implica em um olhar instável sobre as dinâmicas citadinas, onde as categorias de análise não são rígidas, mas fluídas e interconectadas.

Essa abordagem permite a navegação por diferentes campos de conhecimento, combinando aspectos históricos, literários, biológicos, geográficos e sociais. Dessa forma, **a pesquisa não busca respostas definitivas, mas sim uma compreensão ampliada e multifacetada da cidade e suas narrativas.** Busca-se fomentar um debate atento a outros regimes de interação de corpos, atento às contradições, disputas e tensões que se dão nessa mistura. Isso envolve levar a sério uma história dos corpos em relação a uma natureza encarnada, não apartada do homem, na construção urbana.

Isso também implica entender que uma dissertação também é uma linguagem de investigação narrativa. Para isso, colocamos a narrativa de Josué de Castro do homem caranguejo em diálogo com textos e imagens que se relacionam com temas que atravessam a “*cidade mangue*” de Josué de Castro, e os problematizam, como práticas alimentícias, simbiose do homem com a natureza e território. Observa-se que embora na sua obra Josué de Castro não ter dialogado frontalmente com o tema da relação da cultura e da natureza como conceitos teóricos, seu trabalho traz ecos de uma longa tradição reflexiva sobre o assunto, como veremos nos capítulos seguintes.

A zine, composta por colagens, recortes e sobreposições, parte de uma abordagem

experimental, instável e movediça. Esse exercício inicial, onde os textos utilizados partem de uma bibliografia “selvagem”, que busca entender a territorialização dessa parte da cidade no corpo e vice-versa. Aqui ela é citada apenas como um registro processual do trabalho de pesquisa, dessa organização que parte de uma desorganização, afinal como diz a canção, “posso sair daqui para desorganizar; posso sair daqui pra me organizar; da lama ao caos, do caos a lama”⁴.

O deslocamento do que seria da ordem do texto para uma outra linguagem permite também o deslocamento de sentidos implicados no próprio texto, ampliando os sentidos dessas “cidade mangue”. **O exercício da zine permitiu trazer a linguagem para um campo de experimentação, um exercício de instabilidade que se propõe desorganizar para organizar ou vice-versa⁵, como se faz desejável em todo exercício reflexivo.** O mangue, por seus atributos morfológicos, já é imprevisível, a textura da lama, não é sólida, assim como a origem do termo “mangue”.

Palavras não são neutras, seus significados se relacionam e infiltram. E dando continuidade ao exercício de instabilidade, foi feita uma sobreposição de documentos históricos, registros botânicos, romances, jornais, planos urbanos, entre outros, a fim de questionar o sentido social, cultural e biológico dos manguezais, que deu origem a uma “nebulosa” de termos, que contextualizados, evidenciam a textura plástica do manguezal.

Os manguezais despertam curiosidade, e há registros desde a literatura botânica antiga. Teofrastus (325 a.C.), em seus registros, descreveu os manguezais como árvores que crescem sobre o mar com troncos “sustentados por suas raízes como

manggi-manggi Malaia

mangais

mange Kimbundu Árvore empregada a indústria de tinturia

mangre

mangle

século XVII - XVII Árvore que nasce na beira do rio

caranguejar

mangue

século XIX Lugares lamacentos, estuarinos

mangrove

grove

groove ritmo

manguebeat cena cultural

século XX

mangueirown

bioma ecossistema

biodiversidade

Agamenon Magalhães

sociedade do mangue

Liga Social Contra os Mocambos

século XXI

parque dos manguezaís

Sobrados e Mocambos

Gilberto Freyre

Josué de Castro

Favela

Homens e caranguejos

“As paredes de varas de mangue e lama amassada. A coberta de palha, capim seco e outros materiais que o monturo fornece.”

Kimbundu

mukambu cumeeira

mocambo

abrigo

quilombo século XVII - XIX

Quilombos, formas de habitar e construir na mata por quilombolas

sociedade do mangue

RECIFE

mocambo

um polvo”. William Mcnae (1968) destaca que termo provavelmente deriva da palavra caribenha “mangle”, ou “mangre”, relacionada à palavra malaia “manggi-manggi”, sendo também um termo guarda-chuva para descrever um ecossistema de espécies de árvores e animais. A “nebulosa” permite que o trabalho navegue entre diferentes camadas de conhecimento e formas de expressão.

No Brasil, o trabalho de Josué de Castro, principalmente em *Geografia da Fome* (1946) e em *Homens Caranguejos* (1966), ampliou o entendimento do mangue, entendendo-o como um elemento essencial na formação social, econômica e cultural das cidades, desempenhando um papel crucial na proteção e segurança alimentar de comunidades costeiras.

A biodiversidade dos manguezais inspirou, nos anos 1990, a criação do Mangubeat, no Recife. Um movimento estético cultural, que reforçou a crítica às dinâmicas urbanas de segregação e ao processo de metropolização, destacando o “mangue” também como um elemento de construção de uma identidade híbrida (VARGAS, 2007)

Dessa forma, o trabalho é dividido em duas partes e três capítulos. O primeiro, que é composta pelo primeiro capítulo, em torno das narrativas de cidade que emergem da obra de Josué de Castro e suas nebulosas, explorando a relação do mangue com a cidade do Recife, seus conflitos e disputas, em três décadas: 1930, 1970 e 1990. A segunda parte, composta pelos dois últimos capítulos, explora a potência da ideia de *Homens Caranguejos*, de Josué de Castro, como disparador cultural, e portanto ético e poético, tem ajudado à sucessivas gerações atualizar uma crítica social sobre as assimetrias de renda e de condições de vida no Recife,

que mostram-se difíceis de serem deslocadas ou combatidas.

Os procedimentos de pesquisa foram organizados de forma a garantir uma exploração contextualizada dos temas abordados. No primeiro capítulo, **Cidade-mangue**, identificamos e analisamos qual é a cidade que surge do trabalho literário de Josué de Castro, a partir do romance publicado, em 1966, *Homens e Caranguejos* e dos textos que inspiraram o romance, presentes na antologia, *Documentário do Nordeste*, publicados em 1937, pela editora José Olympio. Vale mencionar que a editora José Olympio nos anos 1930 era vista como uma das maiores editoras de livros de ficção, o que contribuiu para o lançamento de um Josué de Castro literato.

Nota-se que os contos desta obra passariam a integrar, mais tarde, uma antologia mais ampla, reunindo textos escritos nos anos 1940 e 1950 e que seria, sucessivamente, publicada com título homônimo em 1957 e 1965. Essa permanência sublinha o quanto essas questões se interpenetram na obra de Josué de Castro, ganhando novas articulações ao longo dos anos em um caráter processual e auto-reflexivo que se mantém, e a sustenta ao mesmo tempo.

Como poderemos constatar neste trabalho, as dinâmicas sociais e culturais do território, evidenciam as conexões entre a fome, o espaço urbano e as práticas de subsistência e seriam temas centrais tanto da antologia, quanto do romance. A partir do que Josué de Castro chamou de “ciclo do caranguejo”, encontramos uma “cidade mangue” de uma Recife dos 1930 construída pelo prisma da fome. Castro desenvolve a ideia de “ciclo do caranguejo” para narrar as experiências cotidianas dos moradores dos mocambos, evidenciando a relação de coimplicação

existencial e social da fome com o território do mangue.

Para fins metodológicos, a nebulosa escolhida para começar esse trabalho parte, assim, de um conjunto de acontecimentos, atores, organizações e agenciadores, que marcaram o que Helder Remigio chamou de “verdadeira descoberta da fome da fome mundial” (AMORIM, 2022), e como ela está relacionada com o território da cidade que surge na produção de Josué de Castro.

Essa nebulosa é composta por publicações, conferências, encontros que traziam a fome para um campo expandido que leva em consideração fatores biológicos, sociais e geográficos. Os trabalhos de Josué de Castro se inserem nessa nebulosa ao investigar as disputas políticas e sociais sobre o “drama da fome” (1966), assim como sua relação com o meio em que se insere. Sua experiência como médico em Recife nos anos 1930, fizeram da cidade paisagem de suas análises bissociais no início de sua trajetória acadêmica e literária. Em seus textos literários, Josué de Castro usa da ficção para narrar uma Recife nos anos 1930.

Uma cidade-mangue que surgia nas margens dos manguezais, que ele chamou de “sociedade do mangue” (CASTRO, 1966), “mocambópolis” (CASTRO, 1965), que, como veremos a seguir, pode ser interpretada como efeito da industrialização e das políticas urbanas de higienização da época, habitada por homens caranguejos.

O reconhecimento da cidade na obra de Josué passa pela ideia de um ambiente de existência do corpo e das tradições, de uma população que tinha o mangue como meio de subsistência, marcada pela seca, tanto quanto, se implica nos processos interação e práticas sociais cotidianas que constituem a própria cidade.

Seguindo o eco de sua obra, podemos levantar questões como: qual o peso que a problemática da fome têm na dimensão cidadina? Como a fome afeta a vida social da cidade, em toda sua complexidade? Em uma dissertação que está em um Programa de Arquitetura e Urbanismo, a relevância do tema se encontra em como essa questão pode nos ajudar a pensar a cidade.

No capítulo seguinte, Recife: do Cais ao Caos, explora-se o contraste entre tendências nacionalistas em torno da noção de tradição na década de 1970, com os processos de modernização e metropolização da cidade, e com uma cultura híbrida que surgia nos seus manguezais e áreas alagáveis, enfocando nos projetos urbanos da época e as manifestações sociais e culturais. Esse capítulo também tem a intenção de evidenciar as lutas de ocupação territorial relacionadas com os manguezais do Recife, assim como a permanência da cidade-mangue até a atualidade, em suas formulações.

No capítulo Heróis atópicos do mangue, faz-se uma genealogia da metáfora do “homem caranguejo”, para explorar como essa narrativa, ao se entrelaçar com aspectos sociais e ficcionais, explora os conflitos e encontros na cidade. Trata-se de uma tentativa de “ler o ilegível”, como propôs Renato Cordeiro (1994) , buscando trazer uma inteligibilidade do Recife a partir de uma análise de outras narrativas de “homens caranguejos”, que, por semelhança, se associam à metáfora em Josué de Castro.

A metodologia utilizada neste capítulo se apoia em uma "genealogia", conforme descrito por Junia Mortimer e Washington Drummond (2020), sugere um campo aberto onde práticas e narrativas se ressignificam em contextos históricos

específicos, um “procedimento de corte”, como descreve Dumond (2024):

“(...) efetuado segundo o entendimento de que as relações entre as práticas e narrativas é um espaço aberto em que - sob o signo da invenção - as diversas combinações emergem para configurar a tessitura histórica” (DRUMMOND, 2024, 169)

A análise foca em como essas narrativas, contaminadas por diferentes linguagens como o cinema e outras artes visuais, como a fotografia, além do texto, revelam e dão voz às dinâmicas fragmentárias e múltiplas da cidade, abrigando o que “não tem nome” (DRUMMOND, 2024), revelando uma “presença fantasmática” (PEREIRA, 2021b). A fim de mostrar como a metáfora nos ajuda a ler o “o ilegível na cidade”, sendo ela própria, como alerta Pereira (2021b), também metáfora:

“E talvez o próprio termo nada mais seja do que uma dobra do ser da cidade e uma metáfora de si própria e da inconceitualização que a permeia e habita. Múltipla, enigmática e incapturável em uma única imagem de pensamento, ela parece ser apenas, como diria Bailly, uma forma de condensação da vida, ou, como acrescentaríamos mais uma vez, um território fluido e fugidio.” (PEREIRA, 2021b)

O trabalho se conclui se detendo nos agenciamentos sociais, culturais, biológicos e antropológicos que se encontram em manguezais que estão dentro das cidades. Tais agenciamentos são fundamentais para repensar a cidade em um contexto de crise ambiental e social. O mangue, como um espaço de resistência e sobrevivência, oferece não apenas uma crítica social às práticas urbanas dominantes, como também oferece uma visão de cidades multiespécies e inclusivas, onde a justiça

social e ambiental são centrais.

Essa pesquisa explorou o potencial simbólico e imaterial do mangue como metáfora e bioma, mas reconhece que ainda há um vasto campo a ser investigado com um diálogo mais próximo das populações que habitam os manguezais atualmente.

No imaginário popular, o mangue não só representa um espaço de sobrevivência na cidade, mas carrega valores culturais. A relação íntima de comunidades ribeirinhas com a terra, a lama e os caranguejos, expressa um processo de construção identitária que opera por meio de códigos secretos que não apenas traduzem uma realidade social na cidade, mas também traduzem uma sociabilidade “para além do humano”, que produz efeitos em um corpo-território vivo.

A continuidade dessa pesquisa no doutorado permitirá uma ampliação desse diálogo, integrando uma perspectiva antropológica que investiga como as populações que vivem nos manguezais constroem suas relações com o território. Isso incluirá o estudo de práticas culturais, modos de subsistência e as estratégias de resistência dessas comunidades frente aos desafios contemporâneos, como a crise climática, a exploração de recursos e a industrialização próxima aos manguezais.

A narrativa de Castro revelou que, nas práticas das populações ribeirinhas, encontra-se uma forma única de habitar que subverte as lógicas convencionais de urbanização. A metáfora do ciclo do caranguejo exemplifica a circularidade e interdependência entre as populações e o mangue, sugerindo que a cidade pode

ser reimaginada a partir desses espaços limiars.

Aqui trata-se de entender que a cidade é um “singular plural” (PEREIRA, 2021b) e que participam da sua construção o urbanismo mas também outros, atores os quais com suas subjetividades e práticas sociais criam as experiências do cotidiano citadino. Se a cidade é a articulação e desarticulação contínua de suas práticas, podemos pensar que as narrativas da fome e do homem caranguejo, no contexto específico de seus tantos manguezais, produzem experiências também particulares, como buscamos chamar a atenção nas páginas a seguir.

Nossos pais e avós respiravam como carangueijos

cidade que surge do mangue



Nossos pais e avós respiravam como carangueijos

1 CIDADE MANGUE

FIGURA 3: Colagem de imagens "cidade-mangue". Autor: Maria Eduarda Azevedo. Fontes diversas. 2023

“Para o leigo, para aqueles que têm conhecimento da fome apenas através do noticiário dos jornais, reduzem-se a estas duas grandes regiões geográficas — o Oriente exótico e a Europa devastada — as áreas de distribuição da fome, atuando como calamidade social. Infelizmente esta é uma impressão errada, resultante da observação superficial do fenômeno. Na realidade, a fome coletiva é um fenômeno social bem mais generalizado. É um fenômeno geograficamente universal, não havendo nenhum continente que escape à sua ação nefasta. Toda a terra dos homens tem sido também até hoje terra da fome. Mesmo nosso continente, chamado o da abundância simbolizado até hoje nas lendas do Eldorado, sofre intensamente o flagelo da fome. E, se os estragos desse flagelo na América não são tão dramáticos como sempre foram no Extremo Oriente, nem tão espetaculares como se apresentaram nos últimos anos na Europa, nem por isso são menos trágicos, visto que, entre nós, esses estragos se fazem sentir mais sorrateiramente, minando a nossa riqueza humana numa persistente ação destruidora, geração após geração.”⁶

“A fome universal sempre querendo tudo/ E comem por inteiro a seu favor/ Um pulo nessa imensidão de famintos/ Sem leite nem pra pingar no expresso do dia/ Não vejo a hora de comer já salivando/ O estômago fazendo festa em alto volume/ Daqui da fome da pra ver o que acontece”⁷

“Fome já é generalizada em Gaza”⁸ alerta matéria publicada pela ONU em Janeiro de 2024. Em outra reportagem⁹, letras garrafais anunciam que comboios humanitários da Agência da ONU de Assistência aos Refugiados Palestinos, Unrwa, foram atacados por militares israelenses na Faixa de Gaza. Sem feridos, o alvo era a carga. Arlene Clemesha, professora de História Árabe na USP esclarece porque isso acontece em debate promovido pela Opera Mundi¹⁰ quando diz que a

fome vem sendo utilizada como ferramenta de tortura na Faixa de Gaza, e reitera:

“[A] faixa de Gaza (...) fechada como um gueto, o mínimo que entra de comida, água, medicamento, o mínimo que entrou ao longo dos últimos 16 anos foi para manter a população castigada. E o castigo, a punição coletiva, é mais um crime de guerra, pela lei internacional. (...) Isso é um crime contra a humanidade “.

E não apenas a fome é como uma ferramenta de guerra, mas a guerra também contribui para o agravamento da fome no mundo. Como vimos nos conflitos na Ucrânia, a insegurança alimentar de sua população aumentou por conta do conflito, quando também houve um aumento do preço dos fertilizantes, que afetou agricultores e o preço final dos alimentos¹¹. O alto comissário da ONU para os Direitos Humanos, Volker Turk, em sessão do Conselho de Direitos Humanos, em julho de 2023, fala que a crise climática ameaça colocar 80 milhões de pessoas a mais do que no presente em risco de fome até metade do século XXI¹². Segundo o “Panorama Regional de Seguridad Alimentaria y Nutricional”, publicado em 2023, em Santiago do Chile, pela Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação (FAO), apesar dos avanços em políticas para redução da insegurança alimentar e da fome na América Latina, a região ainda continua enfrentando “notáveis desafios para erradicar a fome e a malnutrição em todas as suas formas”¹³. Segundo o relatório, o aumento nos índices de pessoas em insegurança alimentar nessa área vem se agravando:

“As estatísticas mostraram que a prevalência da fome na região aumentou de 5,8% em 2015 a 8,6% em 2021. Esta prevalência está abaixo do nível mundial com 9,8% em 2021; entretanto, o aumento da proporção de pessoas

que padecem de fome na região durante a pandemia foi maior que o nível global. Entre 2019 e 2021, a prevalência da fome na região aumentou 28%, frente um aumento de 23% a nível mundial. Em 2021, a insegurança alimentar afeta 40% da população da América Latina e do Caribe, em comparação com a prevalência mundial de 29,3%. (...) Estas preocupantes tendências em matéria de insegurança alimentar poderiam se explicar, em parte, pelo fato de que a região tem o maior nível de desigualdade social do mundo, somado a que foi fortemente impactada pela pandemia”¹⁴ (grifo nosso)

São dados alarmantes, entretanto, muitas vezes esses dados são divulgados em mídias que, para acelerar a forma como as imagens e significações são absorvidas, acabam por produzir uma narrativa homogeneizante que não complexifica a questão. A noção de fome e alimentação como política pública é datada desde a experiência das duas grandes guerras, com o surgimento de organizações que instrumentalizam as ações políticas neste sentido. Contudo, essa mecanização da informação e da cultura cria uma narrativa de imagens e frases de efeito que modificam os significados de forma como as imagens e significações são absorvidas, acabam por produzir uma narrativa homogeneizante que não complexifica a questão. A noção de fome e alimentação como política pública é datada desde a experiência das duas grandes guerras, com o surgimento de organizações que instrumentalizam as ações políticas neste sentido. Contudo, essa mecanização da informação e da cultura cria uma narrativa de imagens e frases de efeito que modificam os significados de forma que a questão é achatada.

A fome sob uma perspectiva social, geográfica e biológica foi compreendida por Josué de Castro, que atuou no campo da política, da nutrição, da sociologia e da

geografia no combate ao problema da fome durante o período do pós guerra. Na verdade, desde o período entre-guerras, o tema da fome foi marcante e se tornou uma demanda social na voz de organizações, universidades e centros de pesquisa (AMORIM, 2022) e trazendo o foco para as condições precárias que uma parcela significativa da população estava vivendo.

Em 1943 aconteceu a Conferência de Alimentação de Hot Springs, onde representantes de mais de quarenta e quatro nações foram convocados pelas Nações Unidas para “tratar de problemas fundamentais à reconstrução do mundo do pós-guerra” (CASTRO, 1946), dentre elas buscar enfrentar de frente o problema da fome. Um dos desdobramentos dessa conferência foi a fundação Organização de Alimentação e Agricultura das Nações Unidas (FAO), em 1945, que até hoje faz diversos projetos em combate à insegurança alimentar no mundo.

No Brasil a politização da fome acompanhou os eventos internacionais mas desde antes, no Estado Novo, foi criado o Serviço de Alimentação da Previdência Social (Saps), onde o Estado brasileiro assumiu o papel de solucionar o problema da insegurança alimentar, principalmente nas classes operárias. O Serviço era uma criação do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, e seu perfil se aproxima hoje do Programa de Alimentação do Trabalhador (PAT).

O tema da fome e da sua relação entre mangue e cidade em Recife emerge, no entanto, na obra de Josué de Castro, em um universo ampliado e ainda muito mais complexo. Em sua produção, ele se encontra em textos de cunho autobiográfico mas que são também científicos, em ensaios teóricos que podem ser vistos entre literatura e análises sociais, ou ainda assim, eram romances.

Apesar dos diferentes fins, suportes e contextos de seus trabalhos, todos eles trazem um elemento comum, que foi o problema e a tese que ele defendeu durante toda sua vida: “a análise do fenômeno da fome no nosso país, de sua influência como fator biológico na formação e evolução dos nossos grupos humanos” (CASTRO, [1946]1994). Como dito acima, Castro tratou a fome como um operado de análise científica e literária que atravessa a vida em seu sentido político, social e cidadão. Ele partiu da sua observação antropológica no Recife, e, utilizou essa lente para analisar outras regiões do globo.

Josué, que nasceu no começo do século XX, em setembro de 1908, foi filho único de Manoel Apolônio de Castro e de Josepha Carneiro de Castro. Seu pai era dono de terras em Cabaceiras¹⁵ - localizada na região do sertão do Cariri paraibano -, e comerciante de gado e leite, já sua mãe, também conhecida como “Dona Moça”, era filha de um senhor de engenho da Zona da Mata de Pernambuco. Pode-se dizer que a família detinha certas condições, mas ainda assim, dedicava-se a uma agricultura familiar de subsistência. Era, portanto, uma família de pequenos produtores rurais do interior do Nordeste - e, formando, até certo ponto, uma classe economicamente negligenciada.

Em 1877, devido a terríveis estiagens, houve, naquele ano, a chamada “Grande Seca de 77” . Além da seca, com o monopólio e expansão da monocultura da cana-de-açúcar, a família de Josué, como a de centenas de outras do interior de Pernambuco, ainda no começo de sua vida, precisou migrar para o Recife em busca de condições melhores de vida.

Estabeleceram moradia em região privilegiada no Recife, no bairro da Madalena,

mas nem por isso Josué de Castro deixou de ter contato com uma parcela marginalizada da população, residentes dos manguezais que cortam toda cidade do Recife, ao longo dos rios Capibaribe e Beberibe. Foi no quintal dessa casa, que tinha os fundos para os mangues do Rio Capibaribe, onde um Castro, ainda criança, começaria observar a relação dos homens e dos caranguejos, e conheceu os efeitos do que ele chama mais tarde de “ciclo do caranguejo”.

Durante sua trajetória intelectual, Josué veria as materialidades da vida em suas nuances, sempre atento às práticas cotidianas relativas ao espaço, tanto em sua dimensão simbólica, como biológica, como alguns amigos diziam, era um homem de caráter passional e, até, compulsivo. Buscou ser escritor para narrar o drama da fome; foi médico para compreender os mecanismos biológicos da desnutrição e suas consequências; foi geógrafo, o que lhe permitiu desenvolver um método de pesquisa que norteou seu trabalho. Tornou-se sociólogo e antropólogo para esclarecer como as consequências da fome afetam o homem comum e a sociedade como um todo. Foi diplomata, para expandir a luta contra a fome no mundo e político, na tentativa de dar sentido a uma disputa que não poderia ficar apenas no plano intelectual. Enfim, fez uma ciência comprometida e engajada, que não se restringia apenas ao âmbito acadêmico.

Entender a trajetória multidisciplinar de Castro nos ajuda a situar o homem e seus esforços em um período, assim como sua inteligibilidade intercontextual das coisas, e, principalmente, que sentidos de cidade podem, eventualmente, surgir dela própria. Se a cidade é a articulação de subjetividades, práticas sociais e narrativas que criam experiências, pode-se pensar que as narrativas da fome e do homem caranguejo em Josué de Castro,

no contexto específico do mangue na cidade do Recife produziram experiências também particulares.

Ao refletir sobre a trajetória e o modo de pensar “transversal”, sempre atento, curioso, e “aberto” à diversidade de Josué de Castro, em um campo ampliado, produz, assim, efeitos: diálogos, deslocamentos e choques. Faz e desfaz nebulosas de nexos, de gente, de sentidos, de vidas e de modos de sentir e construir cidades, a cada situação e a cada dia. Castro parece que pensava e praticava uma forma de abordagem sobre cidades que se aproxima do que Pereira define como pensar e agir a partir de nebulosas:

Pensar por nebulosas, é [assim...,] um convite a uma ideia instável e dialógica de saber [e de ação] que, mesmo quando feita de configurações, conceitos, categorias e noções, entende-as como esforços de uma teorização mais ou menos precisa, mas jamais neutra, e cuja estabilidade e consenso são momentâneos. (PEREIRA, 2018)

O esforço é em atravessar e deslocar, eventualmente, os sentidos comuns da cidade, atualizando-os através de uma pesquisa e reflexão de natureza ética implicada com um campo simbólico e material que se propõe a ampliar e flexionar a gramática dos discursos e práticas dominantes sobre a própria cidade.

O trabalho literário de Castro parece ser contaminado pelas dinâmicas sociais e práticas populares no território dos anos 1930 a 1940, com foco no problema da fome. Esse é o período, em que Castro recorta a cidade do Recife em suas narrativas literárias, assim como também é marcante na configuração urbana do Recife atual, os manguezais eram .

Uma das mais potentes contribuições de Josué de Castro foi o lançamento do livro “Geografia da Fome”, publicado em 1946, fruto de um lento amadurecimento sobre o tema da fome e quando a aproxima e a associa ao território, permitindo que se possa pensar o Recife também como cidade-mangue.

O livro foi traduzido em 25 idiomas, demonstrando uma disseminação global. Segundo Josué de Castro, “entre as forças que ligam o homem a um determinado meio, uma das mais tenazes é a que transparece quando se realiza o estudo dos recursos alimentares regionais” (CASTRO, [1946]1994). No livro, Castro busca entender a “fome profunda”, aquela fome que surge da deficiência nutricional, e não da falta de alimento, articulando essa questão com temas como biologia, política, geografia e antropologia, já mostrando a transdisciplinaridade que percorre seu trabalho.

Vale mencionar que pouco após a publicação do “Geografia da Fome”, Josué de Castro conheceu Louis-Joseph Lebret, conhecido como padre Lebret¹⁶, um economista e religioso católico francês que visitou o Brasil em 1947, onde chegou a fazer um estudo preliminar de projeto urbano para Recife.

Lebret se interessou tanto pelo trabalho de Castro, ajudando a traduzir o “Geografia da Fome” para o francês (NASCIMENTO, 2023). A amizade se estendeu por muitos anos, Lebret e Castro participaram de algumas reuniões com a perspectiva de criar um organismo mundial de desenvolvimento no fim da década de 40 e início da década de 50, “o que resultou na fundação do Institut de Recherche et d’Action contre la Misère Mondiale (IRAMM), em 1955, e a Associação Mundial contra a Fome (ASCOFAM), em 1957” (NASCIMENTO, 2023). A ASCOFAM

é uma associação não governamental que procurava desenvolver ações de combate à fome e desenvolvimento econômico em populações mais vulneráveis, principalmente no Nordeste do Brasil. Em ocasião da fundação, Josué de Castro declara:

Não se pense que julgamos possível resolver o problema da fome universal apenas com a criação de um organismo especializado que viria, num passe de mágica, apagar da fisionomia de nossa civilização este traço negro. Não somos tão ingênuos nem tão otimistas. Sabemos que estão bem fincados, nas estruturas econômicas do mundo, as raízes desse problema, que só poderá ser extirpado revolvendo-se profundamente toda a estrutura deste solo pantanoso de nossa civilização, onde a fome encontrou condições as mais favoráveis possíveis ao seu desenvolvimento
(CASTRO, [1957]1968)

Lebret nesse mesmo período da criação da ASCOFAM, foi uma figura muito importante no governo de Pelópidas Silveira (1955-59) no Recife, influenciando ações políticas com o Movimento Economia e Humanismo que foram fundamentais no processo de urbanização da cidade do Recife (PONTUAL, 1998)¹⁷.

Ora, pouco mais de 10 anos mais tarde, a antologia Documentário do Nordeste, com primeira edição publicada em 1957, já mencionada no prólogo desta dissertação, auxilia na análise sobre como a fome, o mangue, e os homens e os caranguejos, foram amadurecidos pelo autor e continuariam a se misturar para definir uma cidade, um modo de vida e certos territórios de resiliência mas também de marginalização. A antologia é dividida em três partes, sendo a primeira chamada de “A paisagem viva do Nordeste”, a segunda “Estudos Sociais”, e a terceira

A alma dos nossos lares

Porque é erronea a orientação da architectura do Rio

Fala-nos um verdadeiro e commovido artista

O artista, muito joven ainda, mergulhava seu pensamento, como uma flor esmalhada e fresca, nas correntezas do passado, que era curto ou recente, em verdade, mas, para elle, se afigurava já bem longínquo:

— Revi o meu paiz, em 1917, depois de uma longa ausencia. Partira criança, volta-
ra rapaz feito, tendo quasi todas as lembranças dos meus primeiros delirios no cortejo das sensações estrangeiras, impressas na cêra molle da adolescencia. De maneira que, avistando o Rio, percorrendo-o, cada imagem se reflectia no meu cerebro como uma novidade.

Anoitecia, quando desembarquei; e a som-

oppôr esses elementos é o que se chama bom gosto, e em architectura domestica o ouro cede o logar ao sentimento, ao bom gosto. Com o mesmo amontoado de moedas que se faz uma casa pretenciosa, inexpressiva e fria, de uma complicação que nada exprime... pôde fazer-se uma joia de architectura, um paraíso onde se viva; uma casa rica de simplicidade, de belleza, de conforto; que pareça viver connosco e connosco sentir; que tenha personalidade; que esteja em harmonia com o temperamento daquelle que nella mora... Uma casa que tenha alma, enfim. Assim como a principal missão da mulher é ser mãe, a missão principal da casa é ser lar. Ella, com tudo que a com-

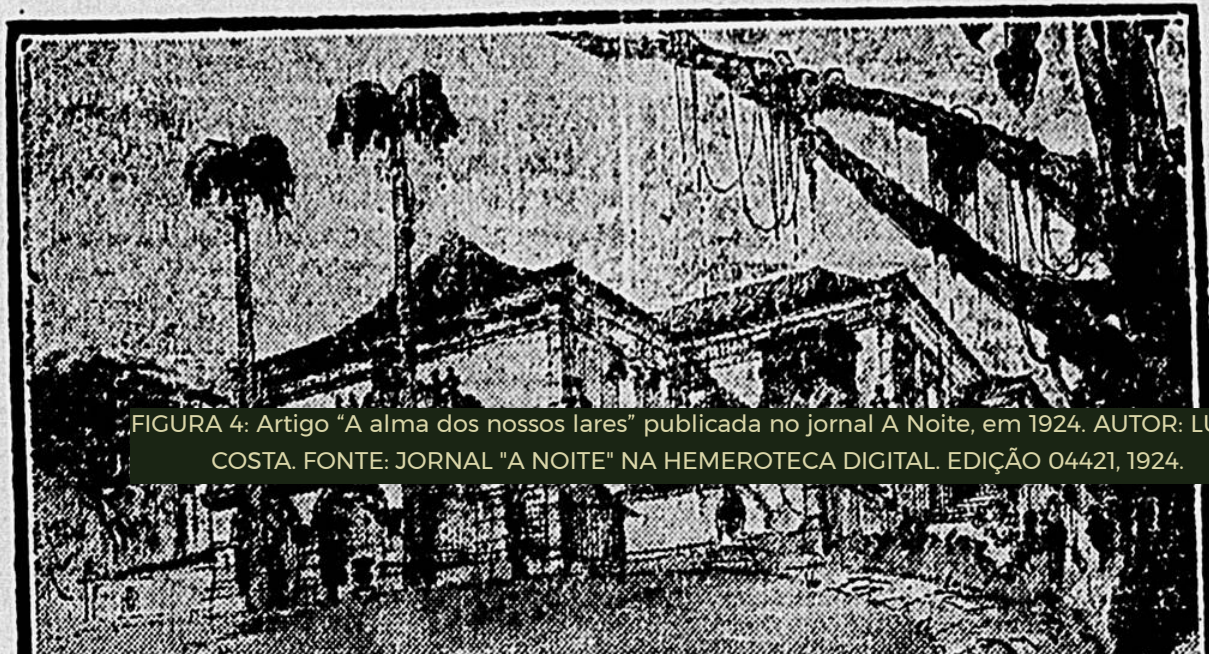


FIGURA 4: Artigo "A alma dos nossos lares" publicada no jornal A Noite, em 1924. AUTOR: LUCIO COSTA. FONTE: JORNAL "A NOITE" NA HEMEROTECA DIGITAL. EDIÇÃO 04421, 1924.

“Estudos Biológicos”. A classificação dos textos da primeira parte da antologia, “A paisagem viva do nordeste”, é dada como “contos”, como o autor esclarece nas edições de 1957, e de 1965:

“Numa série de pequenas narrações quase que documentárias da simples vida quotidiana, escritas entre 1935 e 1937, sente-se bem o quanto devemos à paisagem do Nordeste no rumo de nossa vida intelectual. (...) Estes contos têm no pauperismo nordestino o seu tema central e constante e são como as primeiras tentativas de índole mais emocional do que racional de dar expressão aos nossos sentimentos diante destas sombrias paisagens de uma geografia da fome” (CASTRO, p. 10, 1965)

Nesta primeira parte, dedicada à paisagem viva do Nordeste, Josué reuniu oito contos, tendo como foco e relevância para as questões tratadas neste capítulo os contos “Ciclo do Caranguejo”, “O despertar dos mocambos” e “A Cidade”. Entre os oito contos também se encontram os contos “Assistência Social”, “João Paulo”, “A Sêca”, “Ilha do Leite” e “Solidariedade Humana”. Essas “narrações documentárias”, como Castro às designa, partem de uma abordagem sensível do Recife, fazendo referências a imagens do cotidiano, as quais definiriam o que ele chama de a “alma da cidade”.

Anos antes, em 19 de março de 1924, Lucio Costa, após passar um longo período fora do Brasil, retorna ao seu país e escreve o artigo sobre o Rio de Janeiro intitulado “A alma dos nossos lares”¹⁸. Nesse texto, Costa além de trazer suas impressões da arquitetura de cidades na Inglaterra e na Suíça, ele trás a ideia de “alma” para construções arquitetônicas, através de observações sobre as

significações da cidade e dos efeitos sensoriais de uma arquitetura situada em seus modos de viver, em suas práticas culturais, e na “cor local”. Uma arquitetura que pareça “viver conosco”, em contraste com uma arquitetura “doméstica” focalizada no embelezamento.

“Uma casa que tenha alma, enfim. (...) É um canto que nos pertence, um complemento do nosso ser; e com o correr do tempo, a ela dedicamos um amor que se confunde em nossa alma com os mais elevados sentimentos.” (COSTA, 1924)

Em Castro (1965), essa “figuração”¹⁹ da cidade através de sua “alma”, surge em um limiar entre ficção e as materialidades da vida na cidade, sugerindo outras formas de narrar a cidade. Assim, em “A paisagem viva do Nordeste”, Josué de Castro desenvolve uma forma de escrita que faz uma fabulação do Recife, mas ao mesmo tempo é documental ao fazer uma denúncia social das “sombrias paisagens de uma geografia da fome” (CASTRO, p. 10, 1965). Sua abordagem parte de uma observação social participativa, sem empobrecer o interesse subjetivo e simbólico e como Olívio Montenegro insiste em esclarecer no prefácio da antologia: a “preocupação do sociólogo” não esgota a “disponibilidade do ficcionista”, e pelo contrário, até parece redobrar o interesse em uma “humaníssima ficção” (CASTRO, 1965).

As duas partes seguintes - “Estudos Sociais” e “Estudos Biológicos” – têm um caráter mais científico, usando uma abordagem pautada em pesquisas técnicas, que haviam dado suporte para os contos da primeira parte, mas trazendo a fábula para um campo “documental” mais estrito. “Estudos Sociais”, contrasta com a

O Despertar dos Mocambos

JOSUE' DE CASTRO

O Recife, cidade dos rios, das pontes e das antigas residências palacianas, é também a cidade dos mocambos — casebres de barro batido a sopapo, com telhados de capim, de palha e de folhas de flandres.

Na manhazinha fria de junho, quasi noite, vem chegando os balaeiros carregados de frutas e verduras, pela estrada de Afogados. Sairam dos seus mocambos alta madrugada, com os grilos cantando, os sapos respondendo lá fóra, de dentro da noite escura. A estrada arrazada pelas chuvas de maio, estão lama só. Os pés chatos dos balaeiros se enterram na terra, mole, espirrando barro por entre os dedos.

Nesta hora incerta, ainda com a cor da noite, mas já soprando um arzinho da manhã, a estrada do Motocolombó se perde invisível no meio dos mangues, com os seus mocambos ainda apagados dormindo na placidez do charco. Só de longe, vê-se uma porta aberta por onde se projecta uma luz baça e um rolo de fumaça do alcoviteiro de kerozene. É alguma vendinha ou botequim que abre cedo para fazer negocio com os balaeiros.

Vender aguardente, bolacha, rosca, café pra esquentar o figado, forrar o estomago dos madrugadores. Pouco a pouco uma luz muito tenue vae limitando o contorno da estrada por onde os balaeiros, curvados ao peso do calão torto da carga, maldizendo da lama e da sorte, vão puxando na perna pra que antes do dia amanhecer de tudo estejam abançados nas feiras do Bacuráu, da Encruzilhada ou da Casa Amarella.

Bruscamente, ha uma especie de precipitação na claridade leitosa do ar e, rufando no chão como num tambor, desaba em grossos pingos d'agua, uma chuva incommoda e fria. Os balaeiros retiram depressa dos seus balaios a estopa com que embrulham os tamancos e pondo-a na cabeça em forma de capuz, entram com esta grotesca fantasia de mendigos da idade média, no largo da feira. Para a chuva com a saída do sol, e de repente, apitos desvairados irrompem no ar. São as fabricas chamando gente pra seu tra-

balho, acordando o pessoal de Afogados, de Santo Amaro, da Ilha do Leite. E os mocambos que ainda dormem despertam com esses apitos, uns mais rispidos e violentos, outros mais distantes, mais ronceiros. Pelas gretas das portas, pelas frestas dos telhados dos casebres, começa a escapar fumaça, cheiro de café, ruido de tosse e de choro de criança. Abrem-se depois as portas e apparecem na rua os seus moradores com as caras cansadas e mal dormidos. Os homens, apressados, com o almoço numa latinha debaixo do braço, as mulheres mais lentas, com umas caras mais satisfeitas, arregaçando as saias procurando lugares mais enxutos, pulando com cuidado as poças de lama, com horror da agua fria. A meninada solta também vae cahindo no mundo. Os menores nús, os maiorzinhos com qualquer trapo cobrindo o sexo, todos se atolando na lama com gosto, sem cerimonia como quem está em seus commodos, com o corpo descoberto indifferente a frio e aos mosquitos que zumbem por entre as folhas gordas dos mangues.

Com o despertador do dia ficam vazios todos os mocambos, saindo os homens pra trabalharem nas fabricas, carregarem e descarregarem os navios, as mulheres pra cosinharem e lavarem nas casas ricas, os meninos pra vagabundarem, tomarem conta das ruas, entrarem de lama a dentro pra pegar carangueijo. Até os aleijados e os cegos que moram nos mocambos saem, pra mendigar pela cidade. O bairro fica deserto: o sol brilhando, dando reflexos prateados, nas aguas lamacentas dos mangues, os carangueijos imóveis escumando na beira d'agua. (Durante o dia inteiro a paisagem dos mocambos é uma paisagem morta). Numa trepidação assustadora passa, bem por cima, o avião da Panair. O ruido vae crescendo, crescendo, treme com o ar, com os mocambos, com os carangueijos de olhos em pé, assustando, depois vae diminuindo, diminuindo, até se extinguir inteiramente.

E um silencio doloroso volta a abafar a cidade deserta dos mocambos.

primeira parte ao situar o problema da fome, trazendo análises quantitativas, atravessadas por estudos interpretativos que cruzam diferentes disciplinas como a biologia, a ecologia e a sociologia.

Alguns dos textos desta parte são: “O Nordeste e o Romance Brasileiro”, “O Problema dos Mocambos”, “As condições de vida das classes operárias no Nordeste” e “A Perspectiva Ideal de uma Cidade”, entre outros. Na terceira parte, e última parte, “Estudos Biológicos”, ele embasa sua pesquisa a partir de análises sobre nutrição e alimentação no Nordeste, também seguindo uma abordagem técnica. Importante situar que os textos da terceira parte são escritos no período de 1947 a 1957 em que os sintomas da metropolização e do êxodo rural devido à seca no sertão estavam já se solidificando no Recife. (CASTRO, 1965)

A cidade que Josué de Castro constroi é uma cidade construída por meio de palavras. As palavras que nomeiam os bairros, as ruas, as praças, no texto trazem a possibilidade de uma leitura de um Recife que surge de suas práticas cotidianas e das tradições culturais, ampliando as formas de leitura.

O conto 'Ciclo do Caranguejo', havia sido publicado primeiramente pelo periódico paulista A Plateia, em 30 de março de 1935, antes de ser republicado na antologia de 1937 de José Olympio, e naquela ampliada de 1957 e, mais uma vez, em 1965. Em 1935, o conto registra a aparição do escritor pernambucano no âmbito da narrativa ficcional, destacando no 'ciclo do caranguejo' as dinâmicas sociais da cidade nos anos 1930, muitas das quais parecem perdurar até hoje:

“No mangue não se paga casa, come-se caranguejo e anda-se quase nu. O mangue é um paraíso. Sem o côr-de-rosa e

o azul do paraíso celeste, mas com as côres negras da lama, paraíso dos caranguejos.

No mangue o terreno não é de ninguém. É da maré. Quando ela enche, se estria e se espreguiça, alaga a terra tôda, mas quando ela baixa e se encolhe, deixa descobertos os calombos mais altos. Num dêles, o caboclo Zé Luís levantou o seu mocambo. As paredes de varas de mangue e lama amassada. A coberta de palha, capim sêco e outros materiais que o monturo fornece. Tudo de graça encontrado ali mesmo numa bruta camaradagem com a natureza. O mangue é um camaradão. Dá tudo, casa e comida: mocambo e caranguejo.

Os mangues do Capibaribe são o paraíso do caranguejo. Se a terra foi feita p'rô homem, com tudo para bem servi-lo, também o mangue foi feito especialmente p'rô caranguejo. Tudo aí, é, foi ou está para ser caranguejo, inclusive a lama e o homem que vive nela. A lama misturada com urina, excremento e outros resíduos que a maré traz, quando ainda não é caranguejo, vai ser. O caranguejo nasce dela, vive dela. Cresce comendo lama, engordando com as porcarias dela, fazendo com lama a carinha branca de suas patas e a geléia esverdeada de suas vísceras pegajosas. Por outro lado o povo daí vive de pegar caranguejo, chupar-lhe as patas, comer e lambe os seus cascos até que fiquem limpos como um copo. E com a sua carne feita de lama fazer a carne do seu corpo e a cerne do corpo de seus filhos. São cem mil indivíduos, cem mil cidadãos feitos de carne de caranguejo. O que o organismo rejeita, volta como detrito, para a lama do mangue, para virar caranguejo outra vez.”

(CASTRO, grifo nosso, p.24, [1935] 1965)

O conto também faz um recorte nas populações que se assentaram nos alagados

e mangues do Recife nos anos 30, no começo do processo de metropolização da cidade, evidenciando os processos construtivos dessa população, as práticas alimentícias, e suas técnicas de sobrevivência nessa região enfatizando uma relação de simbiose do mangue e o homem na cidade, ambos buscando sobreviver.

Nessa simbiose, Castro enfatiza, e positiva, uma Recife que se contrasta com os movimentos de metropolização da cidade, na década de 1930, quando no texto trás mesmo que brevemente a noção de mocambo. As “paredes de vara”, de “lama”, “palha” e “capim seco” (CASTRO, p. 24, 1965), apresentam escolhas de materiais construtivos que remetem a técnicas seculares, como as utilizadas por populações quilombolas e aldeias indígenas, de aproveitamento dos materiais do terreno.

Em sua tese, intitulada "Mocambo e Cidade: regionalismo na arquitetura e ordenação do espaço habitado" (1997), José Tavares Correia Lira, articula o mocambo ora visto como expressão de uma arquitetura vernácula na região nordestina do Brasil", ora como "ameaça à salubridade, moralidade e ordem pública das populações urbanas", associado a questões não apenas sociais, mas também sobre tradição, raça, os trópicos e o povo.

José Tavares Lira analisa desde a etimologia do termo "mocambo" até os usos sociais do termo. Ele observa que o desmembramento da palavra "mukambu" - mocambo, em em quimbundo, uma das principais línguas faladas no noroeste da Angola -, nos trás o prefixo “mu”, associado à raiz “kambu”, que pode significar “lugar onde se esconde”. Lira e Charlot (1998) também nos mostram que o primeiro registro da palavra mocambo, foi em 1789, quando Moraes Silva a

adicionou ao “Diccionario da Língua Portuguesa do Padre Rafael Bluteau” (1638-1734). A definição de Moraes permaneceu por todo século XIX, relacionando os mocambos com formas de habitar e construir “na mata por quilombolas”.

A aproximação do sentido da palavra com uma forma de construir que nos remete a relação de simbiose com o território, no caso, a floresta, implícita em Josué de Castro, aparece quando os materiais utilizados pela construção são materiais geralmente encontrados na região onde se é construída. Moraes também extrapola os sentidos de habitar quando diz que os mocambos são “qualquer cabana [choça], ou pequeno abrigo coberto de palha [palhocinha] no Brasil” (LIRA; CHARLOT, p. 79, 1998). Essas reflexões nos ajudam a ampliar a compreensão dos processos históricos imbuídos nessas práticas, seus atravessamentos, sobreposições e contrastes.

Castro estava localizado em uma primeira geração de médicos e nutrólogos com brasileiros como Dante Costa, Jamesson Lima e Orlando Parahym que refletiram sobre o valor nutritivo de alimentos regionais e dieta do povo sertanejo. Orlando Parahym, em 9 de agosto de 1953, dá um depoimento para uma reportagem do “Diário de Pernambuco” que reflete sobre uma Recife “que surge do mangue”, a partir de aterros, no bairro da Imbiribeira²⁰. Nesse período, a prática de aterrar os alagáveis foi comum, pois, com a visão negativa associada aos mangues estava praticamente consolidada, a elite dominante queria apagar os manguezais da cidade.

Lira também nos mostra como o período entre 1920 e 1950 foi marcado por um pensamento de cidade higienista, que se baseava em modelos urbanos europeus:

Ribeiro Couto (1898-1935), o poeta paulista, de passagem pelo Recife em 1928 a caminho de Marselha, anotou: “Internamente, alguns moradores de Pernambuco sentem vergonha dos turistas tirarem fotos de suas cabanas de palha.” Afinal, “Recife não é o Golfo da Guiné”. O engenheiro Eduardo de Moraes, natural da cidade, manifesta sua angústia diante da “indescritível” miséria desses “milhares de mocambos barulhentos, aninhados no coração e nas laterais da cidade para nossa vergonha e nossa tristeza”. Esses “cistos” prejudicam a famosa beleza da cidade. Foi nesta altura que a ideia de iniciar uma “grande luta contra a mocambaria” deu origem a uma Sociedade dos Inimigos do Mocambo: ainda não tínhamos chegado às “chamas purificadas”: catrice” que “curaria o Recife de suas feridas”, mas “as tochas apontadas para medidas radicais” poderiam, pelo menos, responder ao ódio que os mocambos atraíam. O mocambo, na verdade, opunha-se inteiramente à imagem de modernidade que a cidade reivindicava” (LIRA;CHARLOT, 1998, p.93, tradução nossa)

Assim, lentamente desde os anos 1920-1930, tomava forma também iniciativas desejavam exterminar os mocambos, sem levar em considerações questões sociais, como a relação dos mocambos, do mangue e da fome, assim como questões de **valorização de técnicas construtivas seculares que se associavam as formas de construções populares utilizadas pelas populações indígenas e africanas, amalgamadas com a taipa de mão ou de sopapo.**

De todo modo, no universo ideológico e poético de Josué de Castro, os mocambos também aparecem em outro conto, presente no "Documentário do Nordeste", antologia de 1957. Trata-se de ‘O Despertar dos Mocambos’, mas que também

já haviam sido veiculado em 1935²¹ pelos periódicos Revista para Todos (Recife) e pelo Diário Carioca. Estes textos enfocaram os mocambos também antes que Gilberto Freyre publicasse “Sobrados e Mocambos” (1936). Gilberto Freyre, foi um escritor e sociólogo brasileiro dedicado a analisar as relações sociais do Brasil colonial e o reflexo disso na formação de uma "identidade brasileira", dialogou bastante com Castro nesse período²².

Seguindo uma linha narrativa em terceira pessoa, o conto põe em destaque uma cidade à parte da cidade formal, a mocambópolis. O texto se inicia contrastando a Recife que é “cidade dos rios, das pontes e das antigas residências palacianas” (CASTRO, 1965, p.19) com a Recife das “choças, casebres de barro batido a sopapo, com telhados de capim” (CASTRO, 1965, p.19) - evidenciando a existência de uma outra Recife ali.

O aspecto temporal é central na narração, que a partir da personificação da paisagem divide o plano narrativo em dois estados: “dormindo” e “desperto”²³. A paisagem é também humanizada quando a terra se imiscui com o homem quando escreve, por exemplo, “os pés chatos dos balaieiros se enterram na terra mole” (CASTRO, 1965, p.20) ou quando o homem caranguejo se perde nessa paisagem, como em “a estrada do Motocolombó se perde invisível no meio dos mangues” (CASTRO, 1965, p.20).

“Bruscamente, há uma espécie de precipitação na claridade leitosa do ar e rufando no chão como um tambor, desaba em grossos pingos d’água uma chuva incomoda e fria. Os balaieiros retiram depressa dos seus balaies a estôpa com que embrulham os tamancos e pondo-a na cabeça em forma de capuz, entram com esta grotesca fantasia

de mendigos da Idade Média, no largo da feira. Para a chuva com a saída do sol, e de repente, apitos desvairados irrompem no ar. São as fábricas chamando gente para seu trabalho, acordando o pessoal de Afogados, de Santo Amaro, da Ilha do Leite. E os mocambos que ainda dormem despertam com esses apitos, uns mais ríspidos e violentos, outros mais distantes, mais ronceiros. Pelas gretas das portas, pelas frestas dos telhados dos casebres, começa a escapar fumaça, cheiro de café, ruído de tosse e de choro de criança. (...) Com o despertar do dia ficam vazios todos os mocambos, (...) O bairro fica deserto; o sol brilhando, dando reflexos prateados, nas águas lamacentas dos mangues, os caranguejos imóveis escumando na beira d'água. (Durante o dia inteiro a paisagem dos mocambos é uma paisagem morta)” (CASTRO, 1965, p. 19-20).

O advérbio “bruscamente” é usado para indicar desses dois estados temporais na narrativa. O despertar dos mocambos, metonímia usada para aproximar o homem da topologia, é marcado pelos apitos das fábricas, indicando o contexto de industrialização em que a cidade narrada se situa. A narração também trás para o primeiro plano e destaca a vivência sensorial da paisagem, primeiro na materialização do tempo de um “despertar”, através dos sons, do ruído de tosse e no choro de crianças. Segundo, nas suas marcas visíveis e efêmeras que indicam esse despertar, como os cheiros que exalam do café e sua fumaça, que invadem as ruas, humanizando a paisagem, até a sua morte, indicada pelo esvaziamento da população que vive nos mocambos, restando apenas as “águas lamacentas dos mangues, os caranguejos imóveis” (CASTRO, 1965, p. 19-20).

No conto de Josué, o homem é apresentado como uma representação simbólica dos mocambos, onde se misturam e coexistem valores históricos, sociais e biológicos. Os mocambos que, segundo Virgínia Pontual (2001), no Recife já

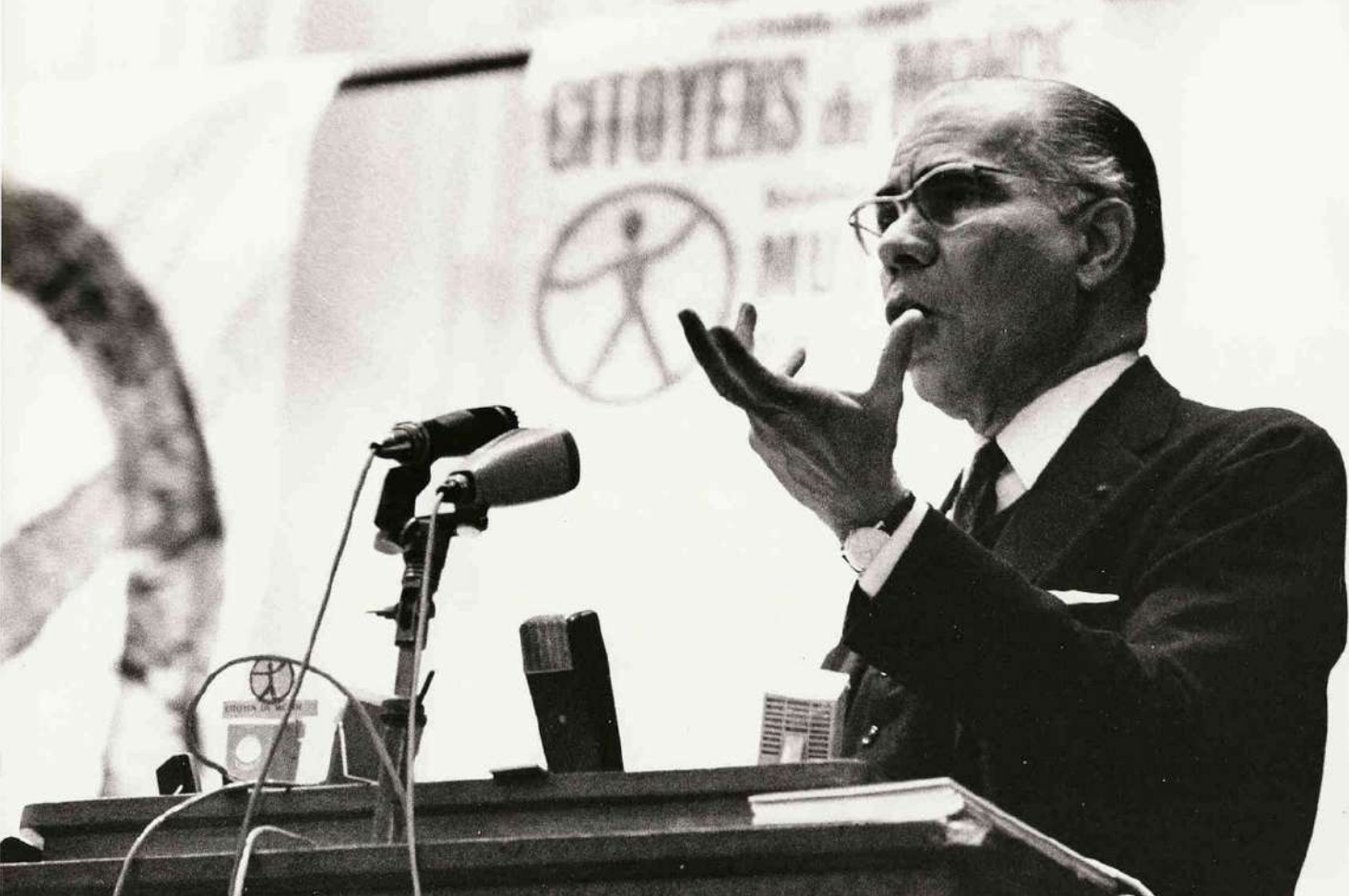


Figura 06: Josué de Castro em discurso de posse do título de "Cidadão do Mundo", no dia 3 de março de 1969. Fonte: Revista Eletrônica de Jornalismo Científico - Com Ciência.

eram 16.347 unidades em 1913, totalizando 43,3% dos prédios existentes; em 1939 já eram 45.581, abrangendo 63,7% dos imóveis da cidade. Em quase 30 anos entre uma pesquisa e outra, os mocambos haviam aumentado quase em 30.000 unidades, indicando que eles não apenas “cercavam a cidade como um babado” (LIRA, 1994 in PONTUAL, 2001) como faziam parte da construção de base da cidade do Recife nesse período.

A narração de Josué de Castro em ambos os contos, ‘O Ciclo do Caranguejo’ e ‘O Despertar dos Mocambos’, apesar de ficcional, busca denunciar a precariedade de morar nos mocambos e manguezais nos anos 1930. Ao mesmo tempo que atribui a literatura o lugar da memória, projetando por meio do texto a positivação cultural e social da população que vivia na “mocambópolis”, ele também sublinha tanto a falta de saneamento básico quanto políticas de apoio à população imigrante do



Figura 07: Josué de Castro no mangue. Fonte: Diário de Pernambuco. Autor: Desconhecido.

sertão que se densificava no Recife, **propondo linhas de fuga na narrativa dominante negativa em torno dos manguezais.**

Essa população que chama de uma “sociedade dos mangues” é um povo que vivia imprensado entre a “estrutura agrária feudal e a estrutura capitalista” (CASTRO, 1966, p. 16), escorrendo “como uma lama social” ao mesmo tempo que se misturava “com o caldo grosso da lama” que construía como uma cidade à parte, uma mocambópolis.

Em “Documentário do Nordeste” Josué traz a noção de que o mangue era uma zona limiar na cidade, por não se enquadrar nos parâmetros de urbanização pelo seu caráter fundiário, instável e lamacento: “mangue o terreno não é de ninguém. É da maré” (CASTRO, 1965, p 24).

Não era campo, não era floresta, não era cidade, e não havia políticas públicas relacionadas à proteção da área. Era apenas um limiar, onde uma população igualmente rejeitada pelas normas podia e conseguia habitar. Josué descreve essa população nos contos como sendo uma massa populacional excluída e esmagada pela estrutura dominante: os aleijados e os cegos, os operários das fábricas e os retirantes da seca, os mendigos e os desempregados, as prostitutas e os doentes. O ciclo do caranguejo nos ajuda a compreender uma cidade que surge das brechas, a partir do prisma da fome e da necessidade de sobrevivência. A (cicli)cidade-mangue de Josué de Castro nos ensina que nenhuma destruição é absoluta e que apesar de tudo a vida também reside no incomensurável.

Situando essa imagem na nebulosa de acontecimentos do período de “descoberta da fome”, podemos inserir um fato que nos ajuda a entender a complexidade da questão e a pensar como ações e linguagens “interferem uma sobre as outras” (PEREIRA, 2018), nos ajudando a entender com quem Josué de Castro estava buscando dialogar, e como as políticas urbanas se posicionaram em relação a essa população imigrante

Para isso, seguindo o que Margareth Pereira chama de “fazer por cronologias” (2019), traçamos um recorte cronológico, não a partir de uma abordagem cartesiana, a fim de traçar o caminho da construção de algo solidificado, congelado, mas como uma forma de não naturalizar as linguagens, à contrapelo:

“(…) recorta-se também o mundo social e tanto mantém-se um status quo como pode-se contribuir para trazer à esfera pública questões represadas, mas que, justamente, reverberam como problemas historiográficos a serem levados em conta.” (PEREIRA, 2019, p. 422)

Início de um processo de metropolização

1913 16.347 dos prédios existentes eram mocambos, totalizando 43,3%

1927 Gilberto Freyre, então chefe de gabinete do governo de Pernambuco, acompanha o urbanista Donat Agache que veio ao Recife fazer algumas conferências sobre o conceito de urbanismo. O urbanista visitou becos, vielas, “os chamados quadros”, as “mucambarias”

1930 Josué de Castro publica “Documentário do Nordeste” - referências a imagens do cotidiano recifense nos anos 1930, as quais ele chama o “Despertar dos Mocambos” da “**alma da cidade**”

1936 Gilberto Freyre publica “Sobrados e Mocambos”

1935 Josué de Castro publica “O Despertar dos Mocambos” na “Revista para Todos” e no “Diário Carioca”.

1939 René Ribeiro publica em artigo “O Problema da Habitação do Operário Urbano no Recife”, que era vital era encontrar um lugar para se viver, e com isso a expansão de Recife nas zonas de manguezais, áreas vulneráveis a inundações

1919 Lei municipal nº 1051, de 11/09/1919, codificou as normas urbanas e estabeleceu um primeiro sistema de zoneamento de Recife. A lei tinha como componente crucial o banimento dos mocambos e casas de taipa das “zonas primárias” e das “zonas urbanas” do Recife

1928 O engenheiro Eduardo de Moraes, natural da cidade, manifesta sua angústia diante dos “milhares de mocambos barulhentos, aninhados no coração e nas laterais da cidade para nossa vergonha e nossa tristeza”.

1934 Gilberto Freyre publica “Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife”

1938 Surgimento da comunidade de Brasília Teimosa

1939 45.581 dos prédios existentes eram mocambos 63,7%

1945 Liga Social Contra os mocambos é extinta

1939 Agamenon Magalhães, governador de Pernambuco, cria a “Liga Social Contra os Mocambos”

Em 1919, quando foi criada a Lei municipal nº 1051, de 11/09/1919, codificou as normas urbanas e estabeleceu um primeiro sistema de zoneamento de Recife. A lei tinha como componente crucial o banimento dos mocambos e casas de taipa das “zonas primárias” e das “zonas urbanas” do Recife (FISCHER, 2020). Josué, mesmo anos mais tarde, investe contra essa lógica quando escreve que os mocambos são “espécie de planta braba” que “não se extermina com um simples decreto, nem com tentativas empíricas de urbanização” (CASTRO, 1965, p.61-62).

Como René Ribeiro, médico e antropólogo pernambucano observava, na esteira de Josué de Castro, no artigo “O Problema da Habitação do Operário Urbano no Recife”, era vital era encontrar um lugar para se viver, e com isso a expansão de Recife nas zonas de manguezais, áreas vulneráveis a inundações. Em artigo apresentado, em 1939, na Terceira Semana de Ação Social do Recife, analisava:

À medida que a cidade se expande e os terrenos bem preenchidos avançam, melhores moradias substituem os mocambos e os obrigam a se mudar para uma área de menor valor ou não aterrada, na periferia da cidade. Aqui e ali, aglomerados de antigos mocambos são cercados por casas de alvenaria, às vezes luxuosas, que aos poucos acabam dominando completamente a área. (Ribeiro apud

Lira e Charlot , 1998, p.91, tradução nossa)

Em 1927, Gilberto Freyre, então chefe de gabinete do governo de Pernambuco, acompanha o urbanista Alfred Hubert Donat Agache, que veio ao Recife fazer algumas conferências sobre o conceito de urbanismo²⁴. O urbanista visitou becos, vielas, “os chamados quadros”, as “mucambarias” (FREYRE apud LIRA, 2005,

144) e até mesmo fez um passeio de barco pelo rio Capibaribe, reforçando uma perspectiva da cidade a partir do rio.

“Do meio do rio, Agache parecia-lhe descobrir os véus da moura: cidade “a mais árabe das que os portugueses criaram no Brasil”, mais lusitana que haussmaniana, mais feminina que masculina, oriental e aquática.⁴ Pouco fotogênica, deixava de fora apenas metade do rosto, cheia de encanto e sedução de beleza recatada de viúva de Conde.” (LIRA, 2005, 144)

“[...] começa na Rua da Aurora sendo fotogênico para quem o vê do meio do rio; mas é descer a gente o rio ou ganhar as ruas e os pátios de dentro de Santo Antônio e de São José e vê que a capital de Pernambuco guarda valores característicos a cujo encanto nenhuma lente de câmera de cinema poderia fazer justiça. [...] Mestre Agache era agora quase um lírico a falar da necessidade de reconciliar a cidade com as suas águas tão lindas por onde a lancha subia.” (FREYRE apud LIRA, 2005, 144)

José Tavares Lira comenta sobre o significado dessa visita para o urbanismo brasileiro na década de 1930-40, suscitando um “triângulo interessante entre a cidade, o estrangeiro e o nativo” (LIRA, 2005, 144). O “Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife” (1934), de Gilberto Freyre, tem como essa visita um dos pontos de inflexão, revelando o rumo que as cidades brasileiras estavam tomando nos anos 1930.

Se compararmos os dados de 1919 e de 1939, em duas décadas, a questão social se ampliava e se agravava. É neste contexto que outro acontecimento marcante acontece, em julho de 1939, quando o governador Agamenon Magalhães, associado

ao Estado Novo²⁵, criou a “Liga social contra os mocambos”²⁶, com o objetivo de extinguir os mocambos. A iniciativa fazia parte dos planos de higienização da cidade que tomavam como base os debates urbanísticos locais e no exterior que se acumulavam no período entre-guerras²⁷. Apesar da Liga ter sido extinta em 1945, como vimos, havia sido criado um forte imaginário social que associava os manguezais à insalubridade e ao lixo e que paira até hoje.

Esses fatos permitem compor uma pequena nebulosa de representações sobre partes da cidade que nos ajuda a entender tanto os conflitos em torno da compreensão da fome como a questão relativa ao território quantos os processos de apagamento de formas não "hegemônicas" de experimentar o espaço da cidade.

Quando atravessados pelo conto “O ciclo do caranguejo”, esses acontecimentos evidenciam a inviabilização das comunidades ribeirinhas diante das políticas públicas de planejamento urbano e uma inflexão na história da cidade. “O ciclo do caranguejo” afirma a existência desses conflitos, e denuncia a visão de que são problemáticos para a vida social urbana, expondo que as narrativas da cidade do Recife podem ser feitas sobre outros parâmetros.

A problemática da fome é central para entender ainda a dimensão e complexidade da relação do corpo com a construção da cidade do Recife no ciclo do caranguejo. Nesse texto específico Castro enfatiza a existência dos mangues nas cidades, assim como da população, a **partir da relação da fome com o território** e não a partir do próprio mangue. Segundo Helder Remigio, Castro, “faz com que enredos particulares deem unidade às relações sociais e lembra que o mundo pobre e o mundo rico são partes de uma unidade urbana de vida que pulsa nos

mangues da cidade” (AMORIM, 2021). Recife, “cidade dos rios, das pontes e das antigas residências palacianas, é também a cidade dos mocambos – das choças, casebres de barro batido a sopapo, com telhados de capim, de palha e de fôlhas de flandres” (CASTRO, 1965, p. 21). Entretanto, apesar de Castro nesse conto enfatizar o mangue, ele aparece como um coadjuvante, e o protagonismo está na



Figura 08: Chamada de matéria publicada no jornal “A Noite”, Rio de Janeiro, no dia 27 de maio de 1943

“alma da cidade”. Essa observação é relevante, pois trata-se de um momento da carreira de Castro, no qual ele ainda não havia desempenhado cargos políticos, nem feito as viagens que o levaram a ver o mangue em outras localidades²⁸.

Em “Ensaio sobre a geografia urbana” (1954), Castro fala sobre o conceito de *alma da cidade*, ao publicar uma pesquisa que faz um cruzamento de documentos encontrados em arquivos históricos em Amsterdã com documentos geográficos e sociais encontrados em Recife. Busca entender como uma cidade contamina a outra, sejam em seus métodos construtivos ou seja em suas práticas sócio-culturais.

A ideia de “alma da cidade” é explorada por em outros textos como um conceito

metodológico para compreender como a “força expressiva” da cidade alonga sua influência além de sua materialidade, “mudando os fáceis regionais em seus mais profundos recônditos, impregnando a região inteira dessa realidade sutil, mas tenaz” (CASTRO, 1954b, p.26). No “ciclo do caranguejo” concreto e cotidiano do Recife, esse “alongamento” das forças da cidade se dava por uma contaminação vinda do interior do estado com a população que se assentava nos manguezais ao migrar do sertão para a cidade.

Nesse ensaio Castro alerta que no estudo da cidade é necessário “estabelecer uma teia de conexões entre aspectos locais e outros que se estendem para além de seus limites geográficos”. A ideia de alma da cidade nos ajuda a perceber que para se apreender a cidade de Josué de Castro não se pode usar ferramentas apenas descritivas, mas é necessário uma abstração interpretativa que considere “a ação dos fatores naturais e dos fatores culturais” (CASTRO, 1954b, p. 13-14), e como a inter-relação dessas dimensões afetam a expressão específica de cada cidade, tanto de forma material quando de forma subjetiva:

“Há quem afirme que a origem da cidade do Recife estava predeterminada pelas condições naturais e, a posteriori, pelas condições econômicas da região, e que, mais cedo ou mais tarde, ocorreria seu advento (...). Esquecem os que assim afirmam que a situação geográfica nada significa por si, mas em relação às características culturais de um grupo ou de uma época. Esquecem também que, se a cidade é uma criação da vontade humana, essa vontade só se concretiza quando corresponde a satisfação de necessidades materiais ou psicológicas de caráter coletivo.” (CASTRO, 1954, p. 77-78)

Essa visão integrada da interpretação da cidade se dá através de seu reconhecimento como um ambiente de existência de diferentes corporalidades, que em Josué de Castro, aparecem como as materialidades da vida, partindo principalmente da sua percepção da **fome** como um fenômeno biossocial, – termo que ele próprio cunhou (CASTRO, 1957) – , passível de ser geograficamente e culturalmente localizável. Para fazer essa análise, Castro se apoia na hipótese de que a fome é um fenômeno relativo ao corpo e ao instinto, mas que manifesta “necessidades materiais ou psicológicas de caráter coletivo”. Sendo a cidade o principal espaço humano para a coletividade, a fome pode ser interpretada como um prisma para olhar para as questões da cidade.

Na segunda parte do Documentário do Nordeste (1957), “Estudos Sociais”, Castro traz uma abordagem mais técnica sobre a fome no nordeste, como podemos ver no estudo, feito em 1932, chamado “As condições de Vida das Classes Operárias do Recife”. O estudo reflete sobre a carência biológica e nutricional na alimentação das classes operárias assalariadas, que, segundo Castro, é produto de uma “defeituosa organização econômico-social e da orientação unilateral” (CASTRO, 1965(1957)) da distribuição de renda. A pesquisa é técnica, uma “tentativa de interpretação histórica e econômica à luz da bio-sociologia” (CASTRO, 1965(1957)). Utilizando uma abordagem quantitativa constroi uma relação numérica entre o poder de compra da classe assalariada e dados de mortalidade das doenças advindas de carência nutricional. Esse estudo busca aprofundar a análise de como as estruturas econômicas estariam “assassinando o proletário”. Para o médico Josué de Castro a falta de condições materiais que assegurem uma dieta que supra as necessidades biológicas, estaria orquestrando uma tragédia: as pessoas estavam morrendo de fome.

Esse estudo foi pioneiro nas pesquisas sobre as condições de vida da população, abrindo precedentes para que houvesse outras pesquisas na área (AMORIM, 2021), narrando a história da seca e da fome indo contra a corrente, abordando temas que eram tabu, desde a escolha das palavras que utilizava até a abordagem teórica e o seu método de seu trabalho.

Como bem enfatiza Maria Lopes Nogueira e Mercê Santos na coleção "*Memória do Saber*" Castro, foi "(...) um homem múltiplo, capaz de religar diferentes campos de produção de saberes e relacioná-los entre si; forjar um diálogo com várias categorias do conhecimento e transversalizar múltiplas dimensões sociais" (NOGUEIRA; SANTOS, 2012, p. 81), e nunca deixou o seu lado sociológico suplantar seu desejo artístico, nem vice-versa. O Documentário do Nordeste (1957) é um exemplo disso.

Desde o início de sua carreira, os questionamentos acerca da questão da cidade estiveram também presentes. Sob um recorte temporal que abranja diversas fases da sua carreira pode-se perceber a profunda relação com o Recife, sua terra natal, e como essa ligação se embrenha e transforma sua produção intelectual.

Entretanto, em seu artigo intitulado "A Perspectiva de uma Cidade Ideal", também publicado em "Documentário do Nordeste", na segunda parte de "Estudos Sociais", ao comparar Recife com cidades americanas ou europeias, afirma que, em contraste com os desequilíbrios causados pelo crescimento urbano de Recife sobre suas áreas de alagados e manguezais, a cidade "conseguiu crescer, sem matar a vida da paisagem, sem artificializar-se rigidamente."

“A cidade só se deixa captar na unidade de sua expressão urbana, quando vista do alto dos aviões em sua perspectiva vertical. É das alturas das nuvens que se recebem todos os eflúvios de sua poesia urbana, subindo violentamente através da atmosfera varada em todos os sentidos pelos reflexos da luz sôbre as águas. (...) no Recife tudo está ostensivamente jogado numa espécie de desarranjo cósmico: os mangues invadindo as terras, as águas dos rios entrando pelos quintais das casas, as línguas de terra penetrando mar a dentro, os mocambos se infiltrando por dentro dos mangues e da lama dos rios, numa desordem assustadora. Do nível da planície, dificilmente poderíamos conceber os limites da cidade e do campo, de tal forma a floresta se insinua na área urbana, sob a forma de jardins, de parques, de sítios e de mangues e de tal forma se surpreende dentro dos maciços vegetais, edificações de função urbana.” (CASTRO, 1965, P. 126-127)

Ao descrever Recife como um "desarranjo cósmico", Castro não apenas reconhece a desordem da cidade, mas também a valoriza como uma característica positiva. Essa visão vai na contramão das ideias de urbanização padronizada e homogeneizante que vai se tornando privilegiada e oferece uma reflexão sobre como a interação entre a cidade e o meio natural pode criar uma dinâmica outra. Por outro lado, ao assumir que o narrador está observando a cidade “das nuvens” se perde a cidade que é vista do “nível da planície”, perdendo assim também a cidade que ele narra em “A Cidade”, presente no mesmo livro. Nesse conto que abre a antologia, Recife é “desconcertante”, impossível mesmo de ser caracterizada como unidade urbana (CASTRO, 1965).

“A Cidade” foi publicado em 1937 e é um texto de caráter literário, enquanto,

“A perspectiva ideal de uma cidade”, foi publicado, em 1951 e tem um formato mais de relato pessoal. Mesmo que a Recife do segundo texto não se desvie por completo da cidade que é impossível de captar como unidade urbana no primeiro, a narração aqui utiliza de uma perspectiva que se afasta das questões cotidianas.

O olhar de Josué é caleidoscópico e se preocupava em entre-ver, ou transver a realidade, remontando a história de Recife a partir de uma realidade atópica que tensionava seus territórios materiais e simbólicos.

É evidente como a sociedade do mangue de Josué de Castro marca a experiência urbana atual do Recife, respeitando a história da população e de seus gestos e nos ajudando a compreender a complexidade de processos urbanos contemporâneos. Trabalhos como o de Josué de Castro nos ajudam a repensar a cidade sob outros termos, recuperando valores culturais, memórias e alternativas para que a vida possa fruir de forma mais pulsante.

Apesar de a obra literária de Josué de Castro conter um subtexto de denúncia, ele também enfatiza outro lado dessa população: a tradição de sua relação com a terra. A "sociedade do mangue" revela uma coabitação simbiótica e interdependente entre natureza e cultura, entre mangue e homem, sem ignorar as questões sociais, culturais, biológicas e territoriais envolvidas.

Vimos que Castro adota uma abordagem sensível e engajada, que se debruça sobre as desigualdades sociais e as problemáticas urbanas, especialmente aquelas ligadas aos manguezais e à fome. Ele expõe as condições precárias e as dificuldades enfrentadas pelas comunidades que habitam essa região limiar, destacando como

a sociedade do mangue se configura em um espaço de resistência e sobrevivência.

Nesta pesquisa nos interessa presentificar as micronarrativas possíveis nos fragmentos e nas brechas entre comuns que fazem as cidades e que vão além da materialidade do campo urbano. Uma cidade construída por suas culturas e atores que revelam "interações com um conjunto de outras cidades" (PEREIRA, 2006) - a cidade anfíbia, cidade mangue. Como diz Margareth Pereira, é nesse jogo intrincado que "a cidade ela própria se mostra uma construção histórica, social e cultural específica" (PEREIRA, 2006).

2 RECIFE: DO CAIS AO CAOS





Figura 09: Colagem de imagens. Fontes diversas. Autora: Maria Eduarda Azevedo

Em 1990 o Jornal do Comércio de Pernambuco publicou uma matéria que fazia referência a uma pesquisa realizada pelo Population Crisis Committee – um comitê em Washington D.C., sem fins lucrativos, que trabalhou pela conscientização do crescimento populacional em países que passaram a ser associado ao fenômeno do “subdesenvolvimento”²⁹ (MELO, 1977, p.24). O estudo sobre as cinco piores áreas urbanas para se viver apontava que Recife estava entre elas.

A matéria chamou a atenção de um grupo de jovens artistas, composto por Chico Science, Fred Zero Quatro, Jorge Du Peixe, Lucio Maia, Helder Aragão e Renato Lins, que começou a fermentar uma ideia de mudança dos paradigmas da cidade do Recife por meio da cultura e da música.

Entende-se, como vimos mostrando, que uma cidade pode ser apreendida em sua complexidade pela coexistência de narrativas que lhe conferem um aspecto imbricado de possibilidades espaço-temporais que não se configuram como um sistema de causa e efeito, mas como uma nebulosa de atores e experiências em determinados contextos históricos. Assim sendo, busca-se refletir a partir de que temas uma cidade é considerada, e que ferramentas e linguagens são usadas para isso.

Por isso, também, é importante refletir sobre a palavra “subdesenvolvimento” utilizada pelo comitê de Washington para definir sob que termos o estudo foi realizado, e em que contexto cultural e econômico isso chega à cidade. Recife que é considerada por muitos a “Veneza brasileira”, também estava sendo mundialmente vista como “uma das piores cidades do mundo para se morar”. Essa tensão ou esse ponto de inflexão não era uma novidade e afeta a formação social da

cidade, seja sob que prisma dá a forma, ou deforma, à sua expressão cultural. Aqui parece desejável um esforço de contextualização dos acontecimentos no campo da política e urbanismo e das suas reverberações nas movimentações culturais da cidade, através de uma dinâmica diacrônica não linear e considerando também seus desvios.



Quando a reportagem foi publicada, em 1990, o cenário cultural Pernambucano seguia o modelo nacional de abertura cultural após o período de redemocratização do Brasil. Buscava-se fomentar uma “identidade nacional” para restabelecer a autoestima do país. Nesta mesma década, a Secretaria de Cultura de Pernambuco estava sob a supervisão de Ariano Suassuna³⁰, autor do “Movimento Armorial” (1971), que tinha como inspiração uma arte erudita ibérico portuguesa-espanhola, inspirada em elementos da cultura popular nordestina, como o homem sertanejo.

Dividido em três, a primeira fase Suassuna chamou de “Experimental” e aconteceu entre 1970 e 1975. A segunda fase foi chamada de “Romançal”, e teve como início a estreia da “Orquestra Romançal Brasileira” no Teatro Santa Isabel, no dia 18 de dezembro de 1975, em Recife (NEWTON JR. 1999). A segunda fase foi encerrada no dia 9 de agosto de 1981 com a publicação de artigo intitulado “Despedida”, no Diário de Pernambuco. Neste artigo, Suassuna anuncia que vai se “recolher” para se livrar da “ vaidade literária”, o que deixou muitos teóricos surpresos. Segundo Newton Jr., com o artigo “Despedida”, Suassuna não se despedia de sua vida literária, mas sim da “publicidade em volta da sua produção” (1999)³¹



Figura 10: Colagem de imagens. Fonte: Acervo da “Associação Cultural Pedra do Reino” de São José do Belmonte/PE. Autor: Diversos fotógrafos

A terceira fase do Movimento Armorial, chamada por Suassuna de “Arraial”, é marcada pela sua gestão como Secretário da Cultura de Pernambuco, em 1995, no qual permaneceu até 1998. Logo no início de sua gestão, em janeiro de 1995, Ariano elabora uma proposta cultural que é lançada pela secretaria como o “Projeto cultural Pernambuco-Brasil”³². Através do incentivo de espetáculos que tinham manifestações de tradição popular como referência, a proposta traz o foco

do incentivo à cultura para a preservação dessas tradições.

A fim de marcar suas ações como secretário de cultura de Pernambuco entre 1995-1998, no projeto cultural Suassuna traça a construção “Ilumiaras”, no qual eram entendidas como lugares onde a arte e a tradição se encontravam. Também descritos por Suassuna como “anfiteatros ou conjuntos-de-lajedos, esculpidos ou pintados”³³ (SUASSUNA, 2008, 253), o Suassuna consegue construir duas ilumiaras em Pernambuco: a “Ilumiara Zumbi”, em Recife, e a “Ilumiara da Pedra do Reino”, em São José Belmonte.

A “Ilumiara Zumbi” é um espaço cultural, do tipo anfiteatro, ornado por esculturas em alto relevo que fazem referência a elementos de estética armorial, pelo artista Arnaldo Barbosa. Inaugurada no dia 19 de junho de 1997, a “Ilumiara Zumbi” é localizada até hoje na sede do Maracatu Piaba de Ouro³⁴. No bairro de Tabajara, em Olinda/PE, se dedica ao incentivo de grupos comunitários locais de teatro, artes plásticas, música e literatura popular.

Já a “Ilumiara Pedra do Reino”, de 1993³⁵, é localizada no sertão de Pernambuco, no município de São José do Belmonte, onde foi encomendada o esculpimento de 16 rochas em forma de anfiteatro. A construção foi inspirada no “Romance d’A Pedra do Reino”, publicado no ano de 1971, de autoria do próprio Ariano Suassuna. As esculturas são totens de personagens sebastianistas, localizados diante de uma pedra importante para o município, a Pedra Bonita, cenário de um massacre sangrento liderado por João Antônio dos Santos³⁶ entre os anos 1836 e 1838³⁷.

Junto com a Ilumiara da Pedra do Reino, também foi feita a “Festa da Cavalgada”, em São José do Belmonte, que segue em direção às esculturas da ilumiara em um espetáculo teatral a céu aberto que rememora o episódio do massacre na Pedra Bonita mostrando a disputa entre cristãos e mouros. Acontecendo anualmente no mês de maio, a cavalgada também reúne celebrações, missas para os massacrados.

Importante situar que o movimento sebastianista começa como um movimento popular messiânico que aguarda o retorno de um rei português, Dom Sebastião, desaparecido no Marrocos durante a batalha de Alcácer-Quibir, em 1578. O sumiço do rei deu insumo para várias lendas e misticismos que afirmavam que seu retorno traria um período de riqueza e prosperidade para os pobres³⁸.

A construção dos totens teve como objetivo trazer uma consciência histórica e social do massacre, com foco na cultura popular. A tentativa era de fazer um resgate de uma essência cultural “primitiva” ou “tradicional” (VARGAS, 2007, 31), evocando a imagem do “sertanejo-mítico”.

Essas ações iniciais, como a construção das Ilumiaras, após a abertura política, demonstram que os investimentos regionais voltados para a cultura em Pernambuco convergiam na busca de uma identidade nacional e de um sentido de tradição regional nas celebrações. O que Suassuna e os armoriais construíram foi um retorno ao que consideravam o gomo da criação popular, o nascedouro cultural do povo pernambucano.

Heron Vargas diz que esse sentimento pode ser traduzido na palavra “tradição”, entendida como um sentimento individual ou coletivo revelador de uma situação

de desmontagem ou de perda de referências tidas como fundamentais. Os elementos de harmonia estão presentes no modo como o evento é realizado, colocando a disputa em uma base de simetria tanto na forma como é encenado pelos mouros versus cristão, quanto é representado esteticamente³⁹. Essa pretensão harmônica funciona para o que se pretende, e traz outros significados relevantes, entretanto, deixam de se relacionar com os elementos “perenes aos conflitos, às crises e mudanças típicas de quaisquer processos históricos, seja em solo rural ou nos interstícios urbanos” (VARGAS, 2007, 51).



A relevância do Movimento Armorial na cultura de Pernambuco nos ajuda a dar complexidade aos atores, grupos e instituições envolvidas nas atividades de fomento e realização de ações. Entretanto, essa visão tradicionalista com bases armoriais foi tornada oficial com a participação de Suassuna em diversos órgãos e cargos de governo em Pernambuco tanto em sua primeira gestão nos anos 70, como em sua segunda gestão como secretário da cultura e educação nos anos 90 (VARGAS, 2007). **Observa-se que neste período, o foco dos investimentos de cultura eram voltados para o interior do estado de Pernambuco.**

Contudo, a visão tradicionalista dos armoriais entrava em conflito com um movimento insurgente e simultâneo, que se articulava não com o mundo rural e lusitano, mas com questões advindas de um processo de metropolização plural e cosmopolita da cidade⁴⁰, o movimento *manguebeat*. Nesse sentido, esse movimento surgia nas “dobras” da cidade, a partir das ações de produtores independentes e artistas, que traziam temas como as desigualdades sociais, de

raça, de etnicidade e de gênero.

Para contextualizar o que causava o contraste entre esses dois movimentos, vale lembrar que nos anos 1970, Recife já formava a terceira maior região metropolitana brasileira, perdendo apenas para São Paulo e Rio de Janeiro como aponta Mário Lacerda Melo (1977). Quando se coloca essa história em situação, é possível compreender porque os armoriais faziam forte contraste às “forças estrangeiras” ou ao “cosmopolitismo” (ALBUQUERQUE JR., 2001, p.166) que crescia no Recife, e para isso voltamos a questão da metropolização e subdesenvolvimento que tanto se relacionam com a história sertaneja como veremos a seguir.

Melo distingue, ainda, que as formações de regiões metropolitanas no Brasil como aglomerações se deram, primeiro, “em função do próprio desenvolvimento das áreas onde se encontram” mas observa uma segunda tendência, que é o caso de da região metropolitana de Recife, que tem seu crescimento associado a um fluxo migratório que derivam de fragilidades econômicas e sociais (MELO, 1977, 24-27). Interessante notar que as “forças estrangeiras” que ocupavam o Recife eram, em sua maioria, povos de regiões do interior de Pernambuco, sertanejos, de origem humilde. Nesse ponto podemos ver como as histórias se sobrepõem ao mesmo tempo que se contrastam e entram em conflito.

Esse processo de metropolização e contraste não aconteceu de uma vez mas foi gradual, tendo seu período de maior expansão entre os anos de 1930 e 1950. Por um lado, principalmente, devido ao êxodo causado, por sua vez, com o monopólio da cana-de-açúcar e da seca. Por outro lado, e por paradoxal que possa parecer, por certa democratização, senão efetiva pelo menos como esperança, onde Recife



Figura 11: Planta da cidade em 1956. Fonte: Laboratório Topográfico de Pernambuco

surgia como uma promessa de uma vida melhor.

A postura nostálgica desse período, e o distanciamento entre o homem e a natureza, provocou o surgimento de sentimentos negativos em relação à crescente ocupação da cidade. Como observa Virgínia Pontual (2001), ao confrontar as plantas de 1943 e 1956, pode-se ver que essa população ocupa majoritariamente as áreas de mangues e morros, ao observar uma redução dessas mesmas áreas nos mapas. Melo, por exemplo, desde o fim dos anos 1970 também já comentava:

“(...) devidos às amplas áreas ocupadas por mocambos ou casebres nos espaços menos disputados, ou não

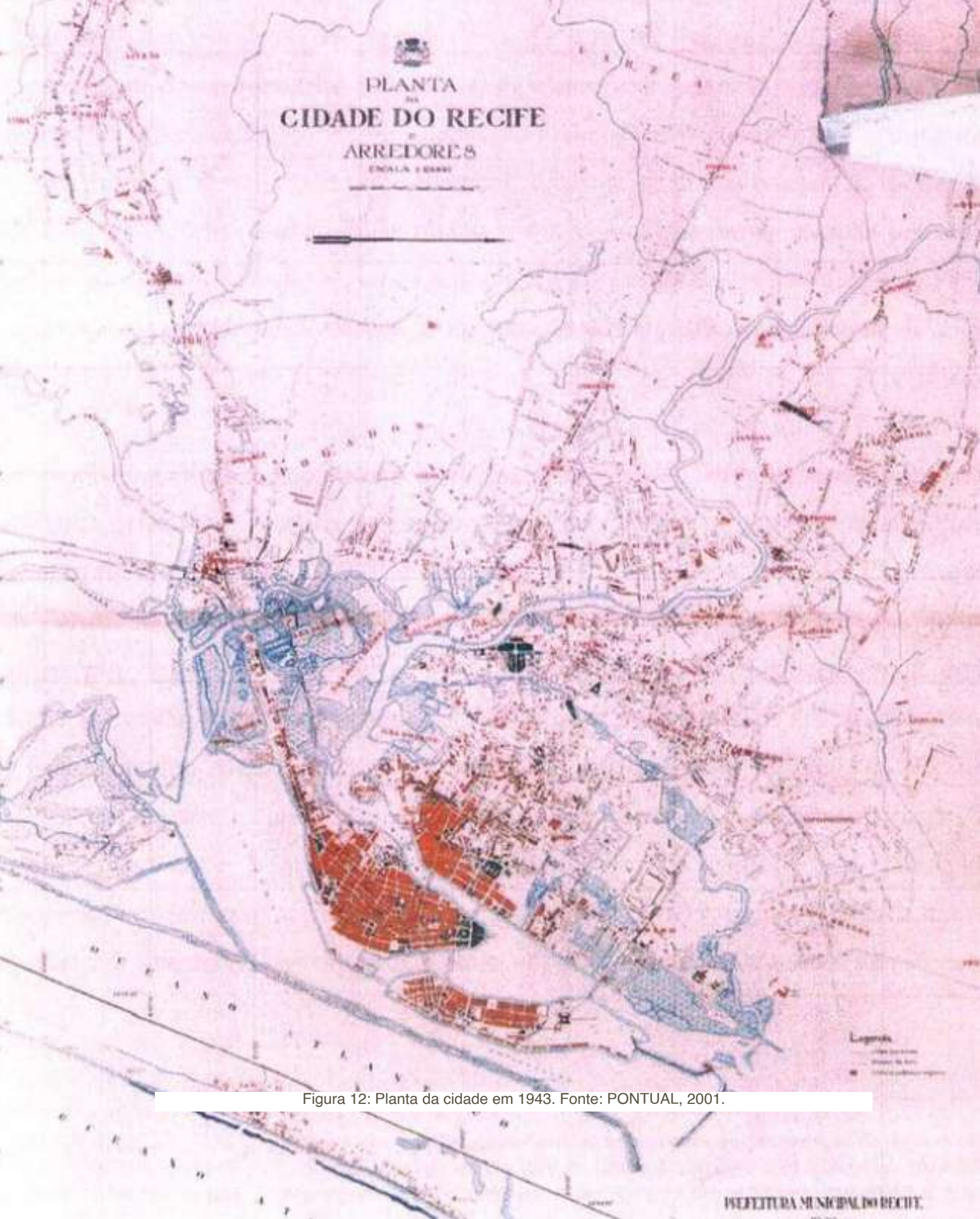


Figura 12: Planta da cidade em 1943. Fonte: PONTUAL, 2001.

disputados, pelas moradias de melhor nível. Espaços que se situam ora à beira dos manguezais ora sobre encostas e topos (ou “altos”) dos morros da periferia urbana. De aspectos opulentos em certos bairros, a cidade exhibe, em contraste violento, sua chaga social mais visível e dolorosa nas áreas de mocambos. (MELO, 1977, 29)

Os imigrantes expulsos das áreas rurais encontraram, assim, nas áreas de mangues e morros um território desvalorizado que puderam ocupar, criando uma cidade irmã. A compactação populacional na região dos mangues e morros resultou no que Melo, complementando as reflexões de Josué de Castro sobre a fome, a desnutrição e o “subdesenvolvimento”, chamaria de “panoramas de miséria” (MELO, 1977, 29). Esse processo resultou em uma transformação ambiental na paisagem recifense, assim como também causou uma grande transformação na estrutura social, aumentando o segmento de baixa renda.

Pode-se dizer que a configuração urbana se impõe sobre os manguezais, e os manguezais, implicados com os processos de migração, metropolização e “subdesenvolvimento”, criam uma cultura híbrida e complexa. Ao nível concreto do espaço urbano, os processos de imigração vinham evidenciando uma constatação: a paisagem formada pelos manguezais e pelos rios que atravessavam a cidade, havia mediado largamente a construção da vida.

Josué de Castro, como já mencionado, quando tematiza a Recife dos anos 1930 - 1940 em seu romance “*Homens e Caranguejos*” (1966), devolve-a à sua paisagem quando diz que os mangues a construíram antes de todo processo de ocupação (CASTRO, 1966, 15), e que, por conta, deles, é “desconcertante como unidade

urbana” (CASTRO, [1957]1965,13).

Entretanto, mesmo assim a autoestima da cidade do Recife, que antes carregava, como analisa Pontual (2001), uma “nostalgia ecológica”⁴¹, foi tomada por uma negatividade na narrativa. A conscientização de Recife como metrópole cosmopolita nos anos 1970⁴², e a conscientização da “cidade informal” da metrópole recifense se atrelou a uma ideia de “cidade da miséria e atraso regional” (PONTUAL, 2001). No artigo "O caranguejo e o viaduto (Notas para uma história do Recife)"⁴³, escrito por uma colaboração entre Denis Bernardes e Gadiel Perruci, originalmente, no fim dos anos 1960, eles comentam como esse discurso de "negatividade" desvia a atenção dos “reais problemas da população brasileira como um todo para um pretexto quase mórbido, consubstanciado na miséria nordestina” (BERNARDES, 2013, p. 36). A expressão “cidades inchadas”, alcunhada por Gilberto Freyre (apud. MELO, 1977) buscava compreender os processos de metropolização e os efeitos da imigração da população interiorana.

Em 1946, Josué de Castro havia se inserido nesse debate chamando a atenção para essa cidade informal mas afirmando que a expressão “cidades inchadas” senão devia ser dissociada da “falta de amparo à economia agrícola” (CASTRO, 1994, 295) e o desequilíbrio da distribuição de recursos, achatando a própria desigualdade social que crescia com a modernização da cidade:

É pela falta de amparo à economia agrícola que se desloca anualmente enorme massa humana do campo para as cidades (...) O que alguns sociólogos chamam de “cidades inchadas”, como a do Recife, com 200 mil marginais improdutivos, oriundos do interior, são uma demonstração evidente de que, longe de se atenuar, se vai agravando

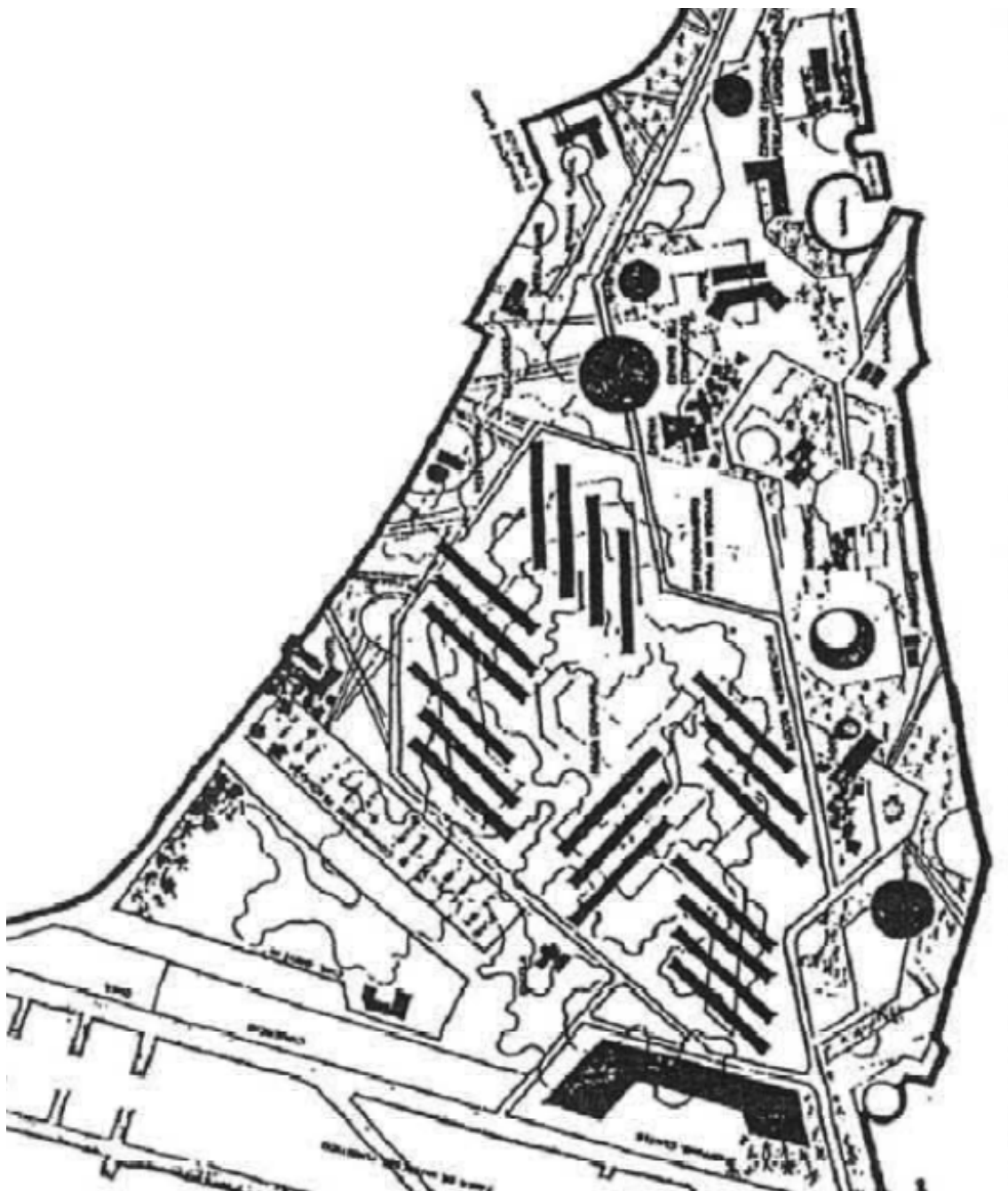
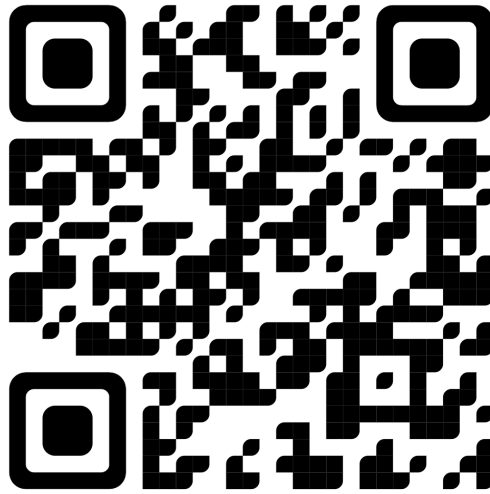


Figura 13: Projeto de Urbanização de Brasília Teimosa. Fonte: BERNARDES, Denis. O Caranguejo e o Viaduto. 2. ed. – Recife : Ed. Universitária da UFPE, 2013.

no Brasil nos últimos tempos o **desequilíbrio entre a cidade e o campo**.(...) A tendência predominante entre os economistas é de que se deve concentrar de início todo o esforço no aço, ou seja, na industrialização, obrigando-se a coletividade a participar com seu sacrifício na obra de recuperação nacional. É o que se chama de pagar o custo do progresso indispensável à emancipação econômica. **Devemos entretanto não exagerar este custo, não tender demasiado ao exclusivismo porque a realidade social não se cinge apenas no economismo puro, mais sim na expressão econômico-social de um povo.**” (CASTRO [1946]1994, 295, grifo nosso)



Aponte seu celular para o QR-Code para ver imagem animada. Na imagem mostra a transformação da área hoje conhecida como "Brasília Teimosa", antes chamada de "Ilha do Nogueira", aterrada para expansão da zona sul.

Fonte: Henrique Andrade (UPE)

Durante esse período, o modernismo em Pernambuco estava sendo estimulado por intelectuais, como Gilberto Freyre, que visavam conciliar modernização e tradição, como já destacado em sua abordagem de *Casa Grande & Senzala*. Nos múltiplos significados que são dados ao fenômeno de “inchamento” da cidade é interessante enfatizar as ambiguidades na produção textual de Josué de Castro, destacando a seguir as tensões entre os diversos significados que surgem na imagem do Recife que ele constroi.

A ocupação das regiões de alagáveis e morros não se deu sem disputas e histórias para se contar⁴⁴, trazendo confrontos que tinham origem nas bases colonialistas nordestinas. Aqui é preciso notar como os investimentos culturais, junto à tentativa de criação de uma “identidade nacional” entravam em contraste com essa cidade informal no âmbito urbano. A busca do “sertanejo-mítico” se perde do sertanejo que migra para cidade grande em busca de uma vida melhor.

Esse foi um período de grande importância no setor de planejamento urbano na cidade, com a criação da **Empresa de Urbanização do Recife – URB**, no dia em 20 de fevereiro de 1973⁴⁵, para coordenar a execução das intervenções urbanas municipais, “além de elaborar todo macro planejamento da cidade”⁴⁶, tanto na criação de projeto como na execução.

Uma das intervenções, discutida em 1974 propôs desenvolver um projeto de reurbanização de uma das ocupações que havia se estabelecido, em 1938, nas áreas de alagáveis (MOURA, 1990), devido ao processo de migração das zonas interioranas. O projeto era direcionado ao bairro de Brasília Teimosa e foi considerado uma “Revolução do Mangue”⁴⁷ pelo arquiteto pernambucano Jorge

Martins Júnior (apud. BERNARDES, 2013). Criticando a reação dos proprietários dos prédios do local a ser desapropriado, o arquiteto apresentou o projeto e falava de seu impacto na área:

“Os 47 hectares da área seriam divididos em 13 setores, que incluíam uma zona habitacional com seis mil unidades, com população prevista de 30 mil pessoas, “quase duas vezes a que o bairro tem atualmente”, hotéis, restaurantes, balneários, calçadas (...) A população atual de 7.575 habitantes será substituída por outra de 18.625 pessoas, que ocuparão 3.377 unidades residenciais [...]. A urbanização da velha e infecta ilha terá por outro lado repercussões sobre áreas vizinhas igualmente deterioradas, como os Coelhos e o Coque, que constituem, em conjunto, uma mancha negra a dois passos do centro do Recife”⁴⁸

É possível ver o caráter modernista no desenho urbano traçado pela Autarquia de Urbanização do Recife – URB -, trazendo edificações simétricas e setorizações (Figura 13). Nessa intervenção, mocambos foram desapropriados para dar lugar a Avenida Agamenon Magalhães, uma das principais vias de acesso ao bairro de Boa Viagem, um dos mais valorizados da cidade, evidenciando o interesse em beneficiar o setor da construção civil, das incorporadoras imobiliárias, da hotelaria e da classe média recifense.

Em 1979, em resposta ao projeto e ao seu impacto em seus cotidianos, os moradores de Brasília Teimosa, organizados através de um “Conselho de Moradores”, se anteciparam à qualquer decisão propriamente dita da Autarquia de Urbanização do Recife – URB -, uma vez que as ideias continuavam sendo debatidas mas estavam no papel. Assim, resolveram elaborar com técnicos do Centro de Pesquisa

de Ação Social o seu próprio projeto chamado de ***Projeto Teimosinho***, com uma maior participação popular e à fim dos moradores sistematizar “as suas próprias soluções para, posteriormente, entregar às autoridades competentes e reivindicar o cumprimento do que fora por eles elaborado” (MOURA, 1990).

Esse período foi marcado pela virada popular da cidade informal e esse é um ponto interessante de se notar pois representava uma certa autonomia que os migrantes traziam consigo do mundo rural. No que dizia respeito aos modos de construir, significava também dizer que se fazia necessário uma atitude de “faça-você-mesmo”.

De todo modo, é importante lembrar que no início dos anos 1980 foram criadas aproximadamente 50% das Associações de Moradores do Recife (MOURA, 1990), que respondia às demandas e às insurgências de manifestações sociais e culturais. Entretanto, esse movimento contava também com a participação da Prefeitura que criou associações paralelas que facilitavam a entrada do poder público nesses espaços e mantinham, por sua vez, as estruturas sociais.

Essas disputas foram de grande importância para a elaboração das **Zonas Especiais de Interesse Social - As ZEIS, através da Lei n. 14.511/1983**, que estabelecia diretrizes para ocupação do solo. Segundo o Art.14 da lei, as ZEIS são “assentamentos habitacionais surgidos espontaneamente”, que vem para auxiliar a “regularização”, “adequação” e “integração” dessas áreas na estrutura urbana de acordo com as normas urbanísticas da época. As ZEIS foram regulamentadas em 1983, com a criação do Plano de Regularização das Zonas Especiais de Interesse Social (PREZEIS). A “Cronologia do Pensamento Urbanístico”, analisa

a criação do plano como referência na urbanização de zonas não regulamentadas e nexos marcantes no “redirecionamento das políticas públicas de desenvolvimento urbano e habitacional no Brasil”⁴⁹.

Carolina Jucá, ao falar sobre a construção do PREZEIS associada aos movimentos populares, diz:

“Com a ampliação dessas ocupações irregulares e o aumento da pressão social, surgiram movimentos como as Comunidades Eclesiais de Base (anos 70), o Movimento Popular do Recife e a Comissão da Justiça e Paz da Arquidiocese de Olinda e Recife (anos 80), que evoluíram para a criação da primeira lei, por meio do Plano de Regularização das Zonas Especiais de Interesse Social (Prezeis)” (JUCÁ, 2021, 16)

Nesse período também foram feitas políticas de proteção ambiental⁵⁰. A partir do governo de Gustavo Krause⁵¹, em Pernambuco, responsável pela lei 9.931/86, as “áreas estuarinas” passaram a ser objeto de proteção ambiental, demarcadas e designadas como áreas de proteção ambiental APAs. De modo geral as APAs tiveram por objetivo proteger a diversidade biológica, disciplinar o processo de ocupação do solo, preservar paisagens notáveis e assegurar a sustentabilidade do uso dos recursos naturais. Importante situar que nesse período, apesar das políticas de demarcação territorial e de proteção ambiental, as áreas de mangue eram protegidas apenas de forma ampla.

Essa pequena introdução nos ajuda a situar como os processos de metropolização do Recife, em condições de “subdesenvolvimento” ou melhor dizendo de

Do cais ao caos

Anos 70 Recife já formava a terceira maior região metropolitana brasileira, perdendo apenas para São Paulo e Rio de Janeiro (MELO, 1977).

1973 Criação da Autarquia de Urbanização do Recife (URB), para coordenar a execução das intervenções urbanas municipais, “além de elaborar todo macro planejamento da cidade”, tanto na criação de projeto como na execução.

1992
Manifesto dos Caranguejos com Cérebro

1983 Lei n. 14.511 - Diretrizes para Ocupação do Solo. CRIAÇÃO DAS ZEIS

1987 Lei n. 14.947 - Criação do Plano de Regularização das Zonas de Interesse Social (PREZEIS)

1994 Lei municipal nº 15.946/94. Institui o “Parque dos Manguezais”, como ZEIS, fazendo referência ao “Programa de Dinamização Urbana” estabelecido pela Lei municipal nº 15.547/91

“(…) devidos às amplas áreas ocupadas por mocambos ou casebres nos espaços menos disputados, ou não disputados, pelas moradias de melhor nível. Espaços que se situam ora à beira dos manguezais ora sobre encostas e topos (ou “altos”) dos morros da periferia urbana. De aspectos opulentos em certos bairros, a cidade exhibe, em contraste violento, sua chaga social mais visível e dolorosa nas áreas de mocambos. (MELO, 1977, 29)

1974 Plano de Urbanização de Brasília

1979 Centro de Pesquisa de Ação Social o seu próprio projeto chamado de *Projeto Teimosinho*, com uma maior participação popular

1986 Lei 9.931 - as áreas de mangue passaram a ser objeto de proteção ambiental, demarcadas e designadas como áreas de proteção ambiental APAs

1994 Lançamento Do “Da Lama ao Caos” - Nação Zumbi

1996 Lei de Uso e Ocupação do Solo de Recife 16.176 – Parque dos Manguezais se torna uma Zona de Proteção Ambiental (ZEPA 2)

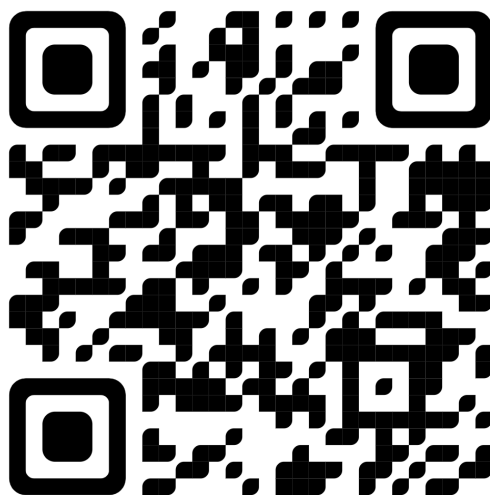
1975 a 1978 Ariano Suassuna também ocupou o cargo de Secretário de Educação e Cultura do Recife

1995 – 1998 Ariano Suassuna: Secretário de Cultura do Estado de Pernambuco

exclusão social, urbano e rural, contribuíram para o surgimento de uma grupos de jovens com atitudes alternativas, que faziam contraste a um tradicionalismo fundamentalista.

Talvez aqui possamos retornar ao ponto de partida desse texto, nos fazendo uma pergunta que parte do artigo já apresentado e de uma canção da banda Nação Zumbi: ***“Na quarta pior cidade do mundo / Recife, cidade do mangue / Incrustada na lama dos manguezais / Onde estão os homens caranguejos”***⁵²?

Foi fazendo essa pergunta que os jovens Chico Science, da banda Nação Zumbi, e Fred Zero Quatro, da banda Mundo Livre S/A, começaram a conversar sobre uma



Aponte seu celular para o QR-Code para ouvir a música “Antene-se” pelo Youtube, ou siga o link a seguir: <https://www.youtube.com/watch?v=PH4JTvfEPs8>

ANTENE-SE

Canção "Antene-se". Banda Nação Zumbi. Álbum: Da lama ao caos (1994)

É SÓ UMA CABEÇA EQUILIBRADA
EM CIMA DO CORPO
ESCUTANDO O SOM DAS
VITROLAS, QUE VEM DOS
MOCAMBOS
ENTULHADOS À BEIRA DO
CAPIBARIBE, NA QUARTA PIOR
CIDADE DO MUNDO

RECIFE, CIDADE DO MANGUE,
INCRUSTADA NA LAMA DOS
MANGUEZAIS
ONDE ESTÃO OS HOMENS-
CARANGUEJOS
MINHA CORDA COSTUMA SAIR
DE ANDADA, NO MEIO DA RUA,
EM CIMA DAS PONTES

É SÓ UMA CABEÇA EQUILIBRADA
EM CIMA DO CORPO
PROCURANDO ANTENAR BOAS
VIBRAÇÕES
PREOCUPANDO ANTENAR BOA
DIVERSÃO

SOU, SOU, SOU
SOU, SOU MANGUEBOY
SOU, SOU, SOU
SOU, SOU MANGUEBOY

RECIFE, CIDADE DO MANGUE,
ONDE A LAMA É A INSURREIÇÃO
ONDE ESTÃO OS HOMENS-
CARANGUEJOS

MINHA CORDA COSTUMA SAIR DE
ANDADA, NO MEIO DA RUA, EM
CIMA DAS PONTES

É SÓ EQUILIBRAR SUA CABEÇA
EM CIMA DO CORPO
PROCURE ANTENAR BOAS
VIBRAÇÕES
PROCURE ANTENAR BOA
DIVERSÃO

SOU, SOU, SOU
SOU, SOU MANGUEBOY
SOU, SOU, SOU
SOU, SOU MANGUEBOY

mudança no cenário cultural de Recife. Foi insistindo em uma história desviante, marcada por uma perspectiva de “faça você mesmo” (MENDONÇA, 2020, 229), que surgiu uma cena cultural coletiva nos anos 1990, que foi chamada de “Cena Manguê”, ou, como ficou conhecida na mídia da época, e nome que “pegou”: “Movimento Manguê” ou *manguêbeat*.

Tudo pode ter sido quando Chico Science, na década de 80, se chamava Francisco de Assis França e se juntava com seus amigos para “catar” e vender caranguejo, a fim de arrecadar fundos para participar dos bailes da periferia de Recife e Olinda⁵³. Também pode-se dizer que tudo se iniciou quando uma produtora independente de tv chamou Fred Zero Quatro para trabalhar em um vídeo sobre o ecossistema dos manguezais, o que trouxe a informação para o grupo de amigos que os mangues eram o ecossistema mais rico e diversificado do planeta.

Renato Lins, uma das vozes da “Cena Manguê”, escreve “*Manguê beat: Breve histórico do seu nascimento*” (2003), e admite que “cada um interpreta os fatos de maneira diferente, cada memória remixa o que ficou para trás de um jeito todo seu”, e que, “por conta disso [...] parece impossível determinar exatamente como o Manguê nasceu”. Esse pensamento, como Drummond observa em aula, se aproxima do que ele chama de “pensamento genealógico” (2024), seguindo um viés transdisciplinar, que incorpora as “heterofonias” de vozes, sons, deslocamentos, descolamentos, inventando uma história do Manguêbeat através de uma escrita imaginativa, uma ficção de um passado que escapa.

Lins, nesse texto, tenta recuperar “estilhaços” (2003) de memória de Fred Zero Quatro, Chico Science, e de outros participantes da cena - como H.D Mabuse e DJ

Dolores -, aprofundando as camadas de interpretação do mangue como estética e cena. As vidas dos integrantes se sobrepõem com a cidade-mangue, e criam uma cena tão rica quanto o ecossistema do mangue, o *manguebeat*:

“Cada estilhaço dessas vidas foi marcado por uma paixão pela música e uma insatisfação com o que era produzido no Brasil em termos de cultura pop” (LINS, 2003)

“O último elo que faltava para a montagem do conceito chegou. Com ele, veio a metáfora básica para a agitação que se seguiu: “Queremos construir uma cena tão rica e diversificada como os Manguezais!”. Algo capaz de tirar o Recife do coma e conectar sua criatividade com os circuitos mundiais.” (LINS, 2003)

Logo a ideia de criação de um ritmo foi desfeita, pois assim iria se criar um “rótulo”, o que não era a intenção do grupo. Foi aí que surgiu uma nova proposta: “estender o mangue para abrigar uma cena e não apenas um ritmo” (CALÁBRIA, L. 2019, 43). O grupo pensou tudo de forma muito descontraída, em uma mesa de bar, mas nem por isso inerte. Science falaria com José Teles e Marcelo Pereira, ambos jornalistas do *Jornal do Commercio*, que seriam responsáveis por trazer o mangue à mídia pela primeira vez, em junho de 1991. Com a imprensa interessada na Cena Cultural Mangue (TELES, 2000), o movimento logo ganhou espaço em outros veículos de comunicação e representação, como nas artes plásticas, nas artes visuais, no cinema e na moda, criando uma estética visual e sonora que se baseava em um conceito muito bem articulado.

A diversidade da fauna e da flora do mangue o tornava uma metáfora perfeita,

que permitia criar a ideia de uma cooperativa cultural. A palavra “cena” foi escolhida no princípio por fazer referência ao mangue como “integração orgânica” (LINS, 2003), onde qualquer pessoa pudesse se sentir participante. Misturando referências do hip-hop, do punk e do rap - gêneros musicais que são caracterizados como movimento musical por sua natureza de construção social e coletiva – assim como de ritmos populares como o maracatu, o cavalo marinho, o côco de roda, foi se construindo a base da “cena do mangue”. Essa diversidade, aliada com a vontade de movimentar a cidade era o que fazia o movimento, como diz Fred Zero Quatro em entrevista a Lorena Calábria: “O Mangue era isso: gente muito jovem e talentosa disposta a gastar tempo produzindo coisas em torno de um conceito que, a certa altura, pertencia à cidade” (CALÁBRIA, 2019, 49).

Como se sabe, o mangue é um bioma terrestre de árvores de raízes pneumotróficas que se desenvolvem nas regiões de rios ou litorâneas em áreas quentes. Além de abrigar uma diversidade impressionante de vida selvagem, incluindo peixes e crustáceos, eles também servem como uma barreira natural contra tempestades, tsunamis e o aumento do nível do mar e a erosão costeira. Além disso, como já sublinhado por Josué de Castro, são ecossistemas excepcionais e raros na interface entre a terra e água que desempenham um papel crucial na promoção do bem-estar, proteção e segurança alimentar das comunidades costeiras.

Outro ponto é que, o uso da metáfora do Mangue também começou a se conectar a uma estética de coisa artesanal, mas tecnológica. Chico logo começou a se apresentar nos shows da Nação Zumbi com uns “óculos escuros à moda cibernética”, uma “bermuda de chita ultra colorida, herança do maracatu” e um “chapéu de palha na cabeça, modelo coco” (CALÁBRIA, 2019), enfatizando o



chico science & nação zumbi
da lama ao caos



Figura 14: Capa do disco “Da lama ao caos”, lançado em 1994, autoria de Helder Aragão - conhecido como DJ Dolores - e Hilton Lacerda Fonte: <https://brasiledesenvolvimento.wordpress.com/tag/da-lama-ao-caos/>

chamagnathus granulatus sapiens



Figura 15: Encarte do "Da lama ao caos" (1994). Autor: Helder Aragão e Hilton Lacerda. Fonte: <https://brasileseenvolvimento.wordpress.com/tag/da-lama-ao-caos/>



— Você tá sabendo que o Peixoto mudou? (perguntou Fuschio, tomando seu copo de cerveja) Não? Mudou. Esta uma coisa do outro mundo. Disseram que ele acordou, e quando foi escovar os dentes, viu aqueles olhos e os pelos nos braços (outro gole). Coitado. Ficou louco. Eu não tenho nada contra, mas... Que é feio, e

Mas ele se acostuma. No início também achei feio, mas hoje... Minha mulher ficou toda estranha. Agora já é bem compreensiva (segura com a patola um copo de cerveja).



O relatório da OMS apontou o verdadeiro motivo dessas transformações. Segundo a respeitada instituição, tudo começou quando uma grande fábrica de cerveja resolveu se instalar sobre o aterro de



O famoso cirurgião plástico, Prof. Godofredo Salustiano, 62, recebeu nossa equipe de articulistas para dar seu parecer sobre a recente onda de cirurgias que assola a cidade. Segundo o acadêmico, a nova "manía" nasceu da necessidade de aceitação. Quando indagado se era

uma atitude saudável da população procurar, através do artificialismo, uma identificação com uma espécie que sofreu processo degenerativo foi taxativo: "Esses são os seres do futuro". O professor aproveitou a entrevista, e confirmou sua candidatura a prefeito da cidade.



De Chamagnathus Granulatus Sapiens com a cidade. Andando sobre pontalões unhas, esse misto de crustáceo decapode e Homo Sapiens avança em



diálogo que o grupo buscava evidenciar do regional com o universal - traduzindo o conceito de diversidade e organicidade do Mangue.

Para dar vazão ao conceito nas artes visuais, o grupo também contava com o apoio de Helder Aragão, também conhecido como DJ Dolores, e Hilton Lacerda, que assinavam como Dolores & Morales⁵⁴. Ambos tiveram participação ativa na elaboração da comunicação visual do movimento, assim como, foram responsáveis por criar o design do encarte e da capa do primeiro disco lançado pela banda Nação Zumbi, **“Da Lama ao Caos”**, lançado em 1994 (Figura 14). No encarte do disco foi colocado um manifesto que já havia sido lançado na mídia em 1992, intitulado de “Manifesto do Manguebit”, também chamado de “Manifesto dos Caranguejos com Cérebro” (Figura 15) no qual apresenta uma alternativa para o marasmo cultural.

O manifesto de 1992 traz informações científicas sobre o ecossistema do mangue fazendo um breve histórico do processo de metropolização corrente na cidade. “*Caranguejos com Cérebro*”, faz uma releitura do romance “*Homens e Caranguejos*” (1966) de Josué de Castro, já mencionado. A relevância do trabalho de Chico Science na disseminação do trabalho de Josué foi que, através da música popular, ele conseguiu atingir camadas mais baixas da população, inclusive sendo cantado na canção “Da lama ao caos”.

"Josué de Castro, grande sociólogo e médico. Eu nunca soube nada de Josué de Castro. Eu não aprendi na escola sobre Josué de Castro. É uma pena isso. Mas, depois eu fiquei conhecendo Josué de Castro, quando a gente fez essa coisa do movimento mangue, e vi o quanto é importante a figura de Josué de Castro na história de Pernambuco.

Um “homem caranguejo”, ‘ô Josué eu nunca vi tamanha desgraça, quanto mais miséria tem mais urubu ameaça’. (...) Para os mangueboys e manguegirls, para as pessoas que gostam de música inteligente, eu acho que tem que se antenar, se informar, tem que saber para onde corre o rio, tem que seguir o leito.”⁵⁵

Foi seguindo o leito do rio que Chico, assim como Castro, buscou combater a questão da fome, das cidades inchadas, da urbanização excludente e da miséria, que para Chico não se tratava de um problema exclusivamente ambiental, e defendia que o problema fosse reconhecido em sua raiz, como uma questão social.

“*Caranguejos com Cérebro*” faz parte de um universo imaginado que desejava transpassar o ciclo do caranguejo, que Josué de Castro descreve e no qual os homens caranguejos estão inseridos. O manifesto reconhece a importância da personalidade de Josué na formação cultural de Pernambuco e está dividido em três partes: **Mangue, o conceito; Manguetown, a cidade; Mangue, a cena.**

A primeira parte do manifesto, “**Mangue, o conceito**”, traz informações de conotação mais científica, apesar de ainda manter um tom descontraído, evocando a fertilidade do mangue. Essa primeira parte é importante para estabelecer um paralelo entre o mangue ecossistema com o mangue cena cultural no Recife, evocando características da paisagem da cidade que se relacionam dentro da cena do mangue como base de sua cultura.

“Estuário. Parte terminal de rio ou lagoa. Porção de rio com água salobra. (...) Estima-se que duas mil espécies de microorganismos e animais vertebrados e invertebrados estejam associados à vegetação do mangue. Os estuários

forneem áreas de desova e criação para dois terços da produção anual de pescados do mundo inteiro. Pelo menos oitenta espécies comercialmente importantes dependem do alagadiço costeiro.” (ZERO QUATRO, 1992)

A força da metáfora na criação de um movimento e, mais que isso, de uma cena cultural – como os próprios autores se autodenominavam –, se dá pela relação com a dimensão concreta do Recife, o que também dá insumo para a segunda parte do manifesto: o **Manguetown**. Aqui o movimento resgata uma dimensão histórica da cidade, demonstrando a fragilidade da permanência de um pensamento de “progresso” não situado, isto é quando não leva em conta atores e culturas, seus hábitos, suas práticas e modos de vida, suas memórias ancestrais e se coloca em primeiro plano a dimensão financeira e da acumulação do capital:

A planície costeira onde a cidade do Recife foi fundada é cortada por seis rios. Após a expulsão dos holandeses, no século XVII, a (ex)cidade *maurícia* passou desordenadamente às custas do aterramento indiscriminado e da destruição de seus manguezais; Em contrapartida, o desvairio irresistível de uma cínica noção de *progresso*, que elevou a cidade ao posto de *metrópole* do Nordeste, não tardou a revelar sua fragilidade; Bastaram pequenas mudanças nos ventos da história, para que os primeiros sinais de esclerose econômica se manifestassem, no início dos anos setenta. Nos últimos trinta anos, a síndrome da estagnação, aliada a permanência do mito da metrópole só tem levado ao agravamento acelerado do quadro de miséria e caos urbano. (ZERO QUATRO, 1992)

Em sua terceira e última parte, “**Mangue, a cena**”, o manifesto expõe uma

Recife doente, com as veias obstruídas, através de uma narrativa crítica ousada que utilizava de imagens e metáforas para denunciar a urgência em movimentar a cidade: “Um choque rápido ou o Recife morre de infarto”, “O modo mais rápido, também, de infartar e esvaziar a alma de uma cidade como o Recife é matar os seus rios e aterrar os seus estuários” (ZERO QUATRO, 1992).

A solução apontada por Zero Quatro foi “injetar um pouco de energia na lama e estimular o que ainda resta de fertilidade nas veias do Recife”. Essa nova metáfora que associa Recife à uma lama sendo alimentada por energia seria, para o movimento, o mangue ponto de inflexão que alavanca uma série de produções artísticas e culturais que desestabilizam, através da música, o imaginário sociocultural da cidade. A lama no manifesto é essa ideia divergente, que nos aproxima do conceito de “alma da cidade”, trabalhado por Josué de Castro. Coincidência ou não, lama e alma vão se revelando como mais do que simples anagramas, permitindo, com um esforço de abstração interpretativa, o entrelaçamento da cultura e da natureza em um movimento de mútuo atravessamento.

Nessa terceira parte, Fred Zero Quatro também comenta as referências sobre as quais o movimento mangue se apoiou para criar o manifesto, e também, sobre os seus objetivos:

“(...) hip-hop, colapso da modernidade, Caos, ataques de predadores marítimos (principalmente tubarões), moda, Jackson do Pandeiro, Josué de Castro, rádio, sexo não-virtual, sabotagem, música de rua, conflitos étnicos, midiotia, Malcom Maclaren, Os Simpsons e todos os

avanços da química aplicados no terreno da alteração e expansão da consciência. Bastaram poucos anos para os produtos da fábrica mangue invadirem o Recife e começarem a se espalhar pelos quatro cantos do mundo. A descarga inicial de energia gerou uma cena musical com mais de cem bandas. No rastro dela, surgiram programas de rádio, desfiles de moda, vídeo clipes, filmes e muito mais. Pouco a pouco, as artérias vão sendo desbloqueadas e o sangue volta a circular pelas veias da Manguetown. (FRED ZERO QUATRO, 1992)

O manifesto resgata o cidadão híbrido, do mundo, que se desloca em diálogo com as desigualdades socioculturais, tensionando dicotomias presentes no tecido urbano se relacionando com a dimensão do mangue na cidade. Em 1994 a banda Nação Zumbi lança “Da lama ao caos”, colocando o manifesto no encarte do disco junto com uma história em quadrinhos ilustrada por Helder Aragão , também conhecido como DJ Dolores.

A ilustração da capa, um caranguejo com as patas para cima, foi feita de forma artesanal, através de uma colagem, cheia de sobreposições e elementos amalgamados, que sutilmente representavam a mistura de gêneros musicais que o grupo pretendia. A colagem também servia como analogia à ideia de um método artesanal sem recursos tecnológicos, que marcou a banda Nação Zumbi nesse começo. Outro ponto do encarte que faz referência ao movimento foi a sua parte interna, que além do título de cada faixa, também trazia uma história em quadrinhos ilustrada pelo DJ Dolores inspirada no mangue, e com texto de Hilton Lacerda.

A narrativa textual trata da história se trata de uma distopia cheia de alegorias

que contam a história de um fenômeno que está assolando o Recife: as pessoas estavam se transformando em uma mutação de homem, que se tornam, assim, caranguejos, o *Chasmagnathus granulatus sapiens*:

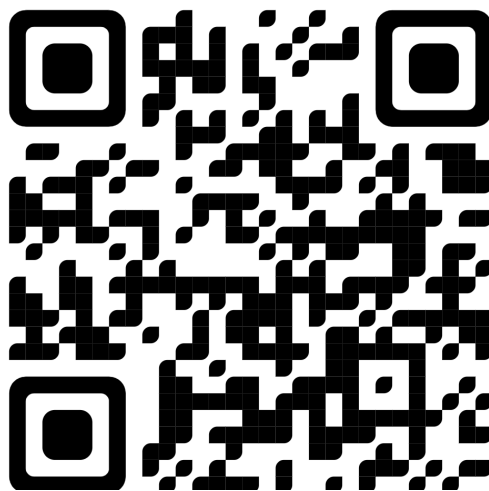
“Os *Chasmagnathus granulatus sapiens* tomaram a cidade. Andando sobre pontudas unhas, esse misto de crustáceo decápode e *Homo sapiens* avança em legiões, apavorando criaturas, marchando desconcertantes para a (sic) unificação simbiótica. Sintonizados nas frequências moduladas, colocam em risco as superestruturas da ordem estabelecida. Grupos religiosos e políticos apoiam uma ação armada dos militares. Ainda não se sabe o que tudo isso vai acarretar. É o triste fim da raça humana? Ou só a aurora de uma nova era? Isso só o futuro poderá responder...” (Encarte do “Da Lama ao Caos”, 1992)

A mutação acontece depois que uma fábrica se instala sobre o aterro de um manguezal e começa a produzir cerveja com água contaminada com resíduos tóxicos. O trecho conta a história de um homem que sofreu uma mutação, adquirindo pelos, olhos e patas de caranguejo após beber cerveja da fábrica instalada sobre o manguezal, na qual a água usada para produção estaria contaminada pela “baba dos caranguejos”.

Hilton Lacerda conta que para elaborar a história usaram uma “associação livre de ideias” (LACERDA, Hilton in CALÁBRIA, Lorena. 2019. p. 101) misturando referências como “A metamorfose” de Franz Kafka, Boris Vian, romancista que se identificava com o movimento surrealista e anarquismo na França do século XX, além de fazer referência direta ao “ciclo do caranguejo” presente no romance “*Homens e Caranguejos*” de Josué de Castro.

Apesar de carregada de sarcasmo e ironia, a história está presente em um dos discos mais influentes da música brasileira. As ilustrações evidenciam a metáfora do homem caranguejo, que se transforma, agora, na dos “caranguejos com cérebro”, inserindo a cultura popular como elemento de transformação e que, trazendo artifícios do maracatu, que buscavam com humor associar a ideia de mutação à de um “jeito diferente de se comportar” (Hilton Lacerda em CALÁBRIA, Lorena, 2019. p. 101) .

As canções do disco “*Da Lama Ao Caos*” também fazem articulações com a cidade e com o homem que vive entre ela e a área de alagáveis. Há uma presença marcante da cidade, dos bairros do Recife, da linguagem popular, dos modos de



Aponte seu celular para o QR-Code para ouvir a música “A cidade” pelo Youtube, ou siga o link a seguir: <https://www.youtube.com/watch?v=WVT1XskxUZk>

A CIDADE

Canção "A Cidade". Banda Nação Zumbi. Álbum: Da lama ao caos (1994)

SOL NASCE E ILUMINA AS PEDRAS
EVOLUÍDAS
QUE CRESCERAM COM A FORÇA DE
PEDREIROS SUICIDAS
CAVALEIROS CIRCULAM VIGIANDO
AS PESSOAS

NÃO IMPORTA SE SÃO RUINS, NEM
IMPORTA SE SÃO BOAS

E A CIDADE SE APRESENTA
CENTRO DAS AMBIÇÕES
PARA MENDIGOS OU RICOS E
OUTRAS ARMAÇÕES
COLETIVOS, AUTOMÓVEIS, MOTOS
E METRÔS

TRABALHADORES, PATRÕES,
POLICIAIS, CAMELÔS

A CIDADE NÃO PARA, A CIDADE SÓ
CRESCER
O DE CIMA SOBE E O DE BAIXO
DESCE (X2)

A CIDADE SE ENCONTRA
PROSTITUÍDA
POR AQUELES QUE A USARAM EM

BUSCA DE SAÍDA
ILUSORA DE PESSOAS DE OUTROS
LUGARES
A CIDADE E SUA FAMA VAI ALÉM DOS
MARES

NO MEIO DA ESPERTEZA
INTERNACIONAL
A CIDADE ATÉ QUE NÃO ESTÁ TÃO

MAL
E A SITUAÇÃO SEMPRE MAIS OU
MENOS
SEMPRE UNS COM MAIS E OUTROS
COM MENOS

EU VOU FAZER UMA EMBOLADA, UM
SAMBA, UM MARACATU
TUDO BEM ENVENENADO, BOM PRA
MIM E BOM PRA TU
PRA A GENTE SAIR DA LAMA E
ENFRENTAR OS URUBU (X2)

NUM DIA DE SOL RECIFE
ACORDOU
COM A MESMA FEDENTINA DO DIA
ANTERIOR

fazer, ser e agir dos chamados excluídos em um tom documental.

Recife surge “em músicas como “A cidade”; “Rios, pontes e overdrives”, , “Antene-se”, “Riso flora”, “Lixo no mangue” que se apoiam no universo do mangue para se articular com uma crítica sobre o processo de metropolização desordenado associado à perda do equilíbrio ecológico fazendo uma denúncia social e urbana.

“A cidade” é uma das canções do disco que trata da dimensão concreta do Recife mas ao mesmo a toma como vítima quando a vê como “a cidade se encontra prostituída”. Também é uma espécie de algoz ao expor os problemas da metropolização, como o crescimento vertical de suas “pedras evoluídas”, denunciando as desigualdades sociais e de oportunidades uma vez que a cidade vai “crescendo com a força de pedreiros suicidas”.

Fazendo uma contextualizando da canção com os acontecimentos da época, no mesmo período estava sendo feito o “Plano de Revitalização do Bairro **do** Recife” (1993). O “*Bairro **do** Recife*” na verdade é uma área que designa o berço da própria cidade **de** Recife hoje. Em contraste à “vila de Olinda” de matriz portuguesa, **bairro do Recife**, era assim que os portugueses tratavam no século XVII a povoação feita pelos holandeses que eles não reconheciam como um lugar conforme suas leis e hábitos. Entretanto, foi no bairro do Recife, onde veio a se estruturar o porto de Recife e a própria cidade como um todo. Na atualidade os pernambucanos quando desejam falar de Recife de modo geral sempre usam a expressão mais compacta “cidade **do** Recife” guardando a memória de sua origem como *cidade (do bairro) do Recife*.

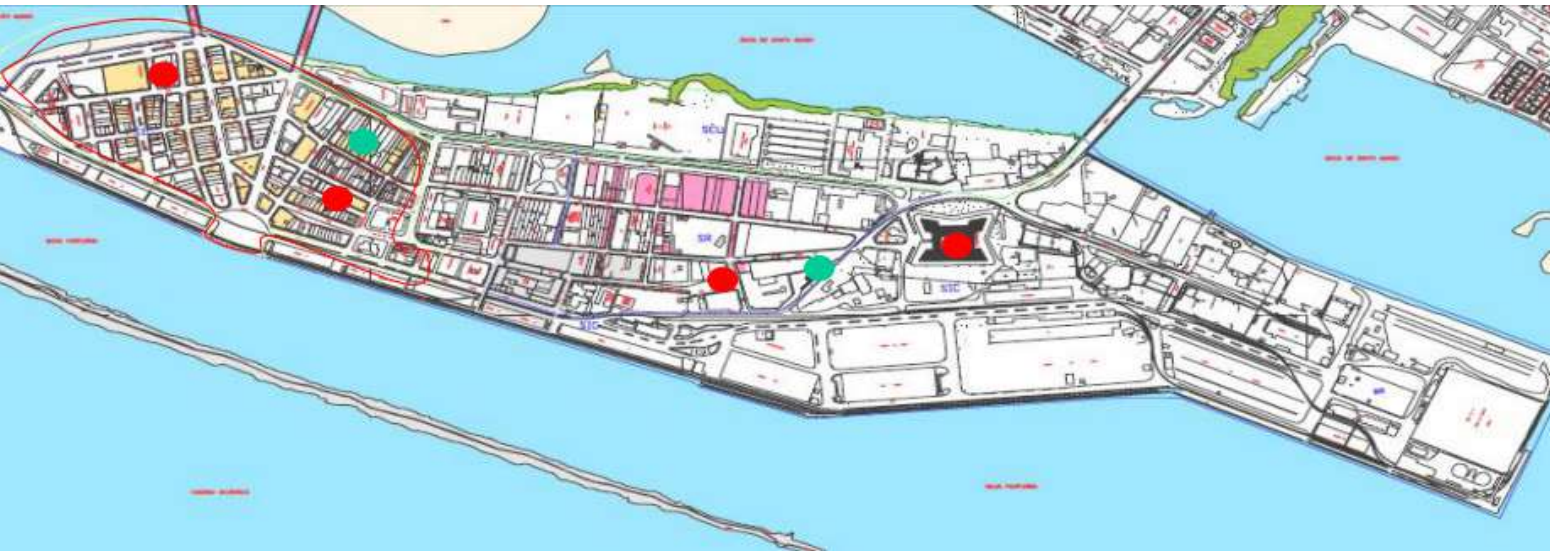


Figura 16: A poligonal em vermelho corresponde ao conjunto tombado, pelo Iphan; os pontos em vermelhos, os bens tombados individualmente e, em verde, os bens com processo de tombamento. Fonte: IPHAN 5ª. Superintendência – em jan/2011.

Com o processo de metropolização dos anos 60-70, a descentralização das atividades econômicas somadas às restrições construtivas na área além da redução do uso de transporte marítimo no país, o Bairro do Recife foi sofrendo uma violenta desvalorização imobiliária tornando um lugar, sobretudo, de prostituição.

Para o poder público, a mudança da imagem do bairro era fundamental para que o plano desse certo. Seguindo tendências nacionais e internacionais⁵⁶ de valorização de construções históricas, o plano tinha o intuito de tornar o bairro um polo turístico, de lazer e comércio, criando atividades diversificadas “à semelhança dos bairros de animação cultural de Nova Orleans, Boston e Amsterdã,

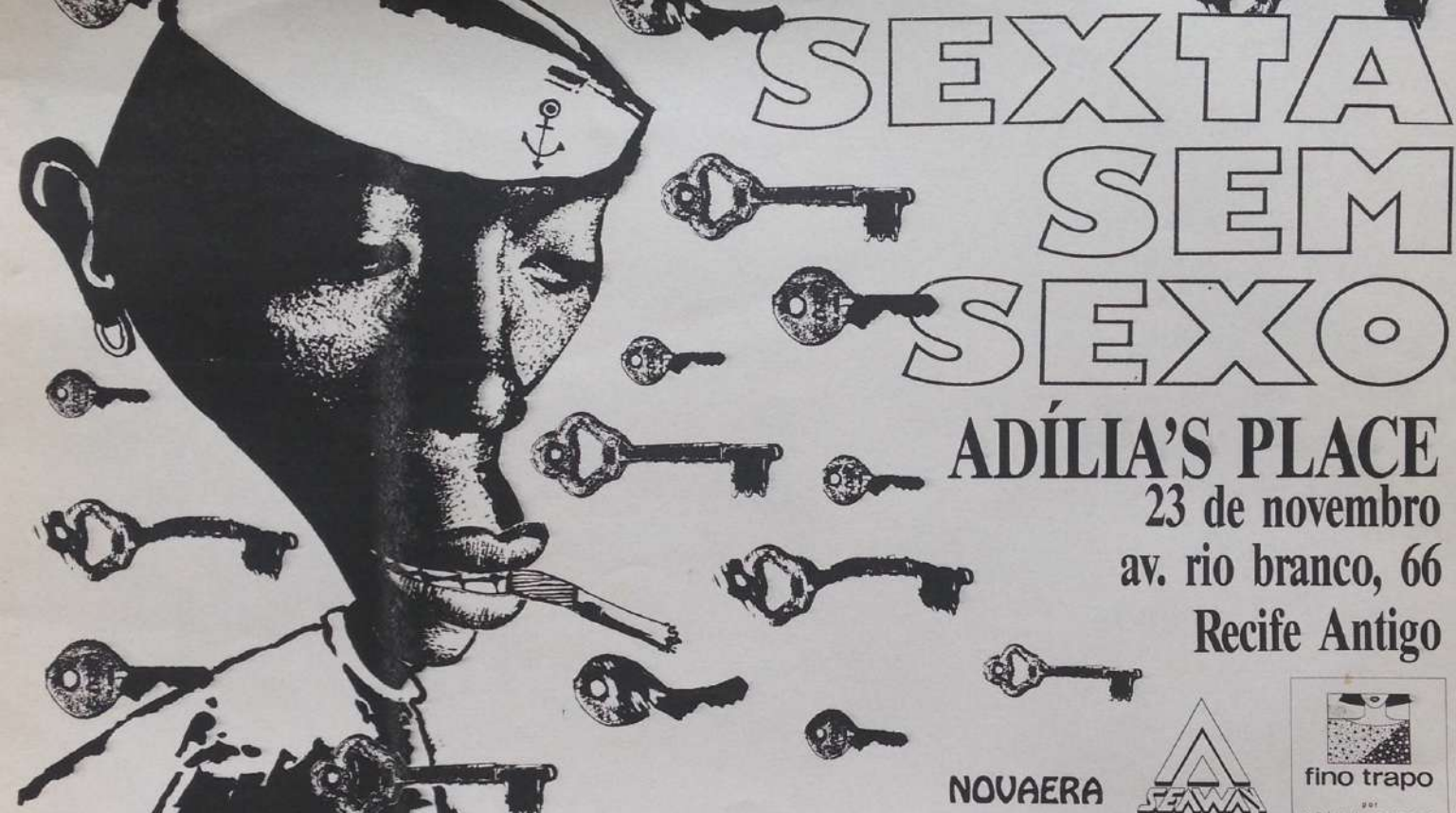


Figura 17: Folheto de divulgação da festa “Sexta sem Sexo” que aconteceu no fim dos anos 1980, no Adília's Place, no Bairro do Recife. Fonte: Porto Digital

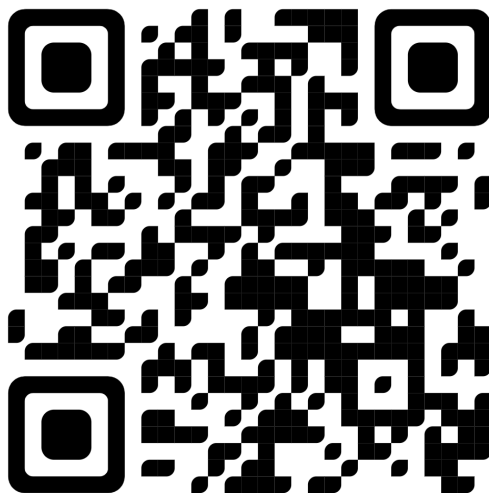
articulando espaços fechados e abertos” (PONTUAL, 2007). Essas ações também visavam tornar o bairro atrativo para os investidores do setor da construção civil e imobiliários tornando tênue a linha entre os investimentos privados e públicos (PONTUAL, 2007).

Interessante que, antes mesmo do Plano de Revitalização de 1993, a juventude alternativa de Recife ligada à produção cultural independente, dentre eles, os grupos da “cena mangue”, já frequentava o Bairro do Recife produzindo pequenos eventos e festas.⁵⁷

O desejo de “injetar energia nas veias entupidas do Recife” passaria, assim, a

mobilizar, agora, cada vez mais os *mangueboys* para ações aparentemente pequenas mas que reverberavam no tecido social e urbano como um todo. O que distinguia as ações da *Cena Manguê* no *Bairro do Recife* da proposta de revitalização da prefeitura estava no próprio caráter de como se propunham a ocupar o bairro. Enquanto a ativação que os membros da cena manguê faziam no bairro não afetava os residentes, os portuários e as prostitutas do bairro, inclusive, integrando esses atores às suas ações.

Como conta DJ Dolores⁵⁸, sobre o caso de uma festa que aconteceu no Adília's Place. O local era conhecido por ser um prostíbulo, e a proprietária, Dona Adília, se opôs a princípio, pois achou que o movimento poderia atrapalhar seu negócio. A solução encontrada foi alugar todo o espaço do prostíbulo para cobrir a noite



Aponte seu celular para o QR-Code para ouvir a música “Manguetown” pelo Youtube, ou siga o link a seguir: <https://www.youtube.com/watch?v=ugGh7ErYX1k>

MANGUETOWN

Canção "Manguetown", Banda Nação Zumbi. Álbum: Da lama ao caos (1994)

'TO ENFIADO NA LAMA
É UM BAIRRO SUJO
ONDE OS URUBUS TÊM CASAS
E EU NÃO TENHO ASAS
MAS ESTOU AQUI EM MINHA
CASA
ONDE OS URUBUS TÊM ASAS
VOU PINTANDO, SEGURANDO A
PAREDE
NO MANGUE DO MEU QUINTAL
MANGUETOWN

ANDANDO POR ENTRE OS
BECOS
ANDANDO EM COLETIVOS
NINGUÉM FOGE AO CHEIRO
SUJO
DA LAMA DA MANGUETOWN
ANDANDO POR ENTRE OS
BECOS
ANDANDO EM COLETIVOS
NINGUÉM FOGE À VIDA SUJA
DOS DIAS DA MANGUETOWN

ESTA NOITE SAIREI
VOU BEBER COM MEUS AMIGOS

HA! E COM AS ASAS QUE OS
URUBUS
ME DERAM AO DIA
EU VOAREI POR TODA A
PERIFERIA
VOU SONHANDO COM A MULHER
QUE TALVEZ EU POSSA
ENCONTRAR
E ELA TAMBÉM VAI ANDAR
NA LAMA DO MEU QUINTAL
MANGUETOWN

ANDANDO POR ENTRE OS BECOS
ANDANDO EM COLETIVOS
NINGUÉM FOGE AO CHEIRO SUJO
DA LAMA DA MANGUETOWN
ANDANDO POR ENTRE OS BECOS
ANDANDO EM COLETIVOS
NINGUÉM FOGE À VIDA SUJA
DOS DIAS DA MANGUETOWN
(X2)

FUI NO MANGUE CATAR LIXO
PEGAR CARANGUEJO,
CONVERSAR COM URUBU
(X4)

em que o bordel não iria funcionar. Daí surgiria o nome de movimentadas festas que o grupo criou: “Sexta sem sexo”. No entanto, o projeto da prefeitura alterou, por sua vez, significativamente o perfil dos que passaram a frequentar o bairro.

Enfim, o *manguebeat* ajudou a elevar a autoestima dos pernambucanos e a valorizar a cultura popular tradicional. A afirmação ganha maior concretude quando se analisa a relação íntima da *Cena Mangue* com a cidade do Recife, e seu trânsito dentro e entre grupos socioculturais diferenciados. Luciana Mendonça, por exemplo, chama a atenção de como geraram “efeitos que contribuíram para alterar aspectos da dinâmica local” (MENDONÇA, 2020, 203)

É interessante notar que a perspectiva do “faça você mesmo” ou do “faça o que você é” colocada em marcha pelo manguebeat também esteve presente na ocupação do espaço da cidade. De forma relativamente independente dos poderes públicos, as pessoas ligadas à cena mangue desenvolveram atividades de dinamização cultural de espaços da cidade antes relegados ao esquecimento em relação a outras áreas da Região Metropolitana.

(MENDONÇA, 2020, 229)

Mendonça analisa a “Cena Mangue” sob uma visão sociológica, passando pelos impactos e desdobramentos da cena mangue na cidade. Defende, assim, que a cena mangue se articula à criação de uma identidade híbrida fruto de modos de subjetivação da política próprios da era pós-moderna. Heron Vargas (2007) também faz essa análise ao evocar o principal elemento da estética da cena cultural, que também é a maior testemunha das transformações de Recife: o mangue. O caráter instável que a palavra mangue remete como movimento

cultural e como bioma desafiam o próprio conceito estável de identidade e a busca por uma identidade nacional/regional⁵⁹. Como observa Heron Vargas para questões de identidades culturais híbridas e hibridismos é possível ver mais sobre o movimento mangue como um objeto de estudo nas pesquisas de Philip Galinsky (2002), Daniel Sharp (2001), Dupuy (2002), ou de Carolina Leão (2002) entre tantos outros estudos, além do seu próprio.

Em 2024 o disco “**Da Lama Ao Caos**” (1994) completou 30 anos de existência e pode-se dizer, que desde de seu início o discurso do “mangue” foi incorporado em políticas públicas de planejamento urbano. Também há 30 anos, a área correspondente ao remanescente de manguezal do bairro do Pina foi instituída como “Zona Especial de Interesse Urbano” de acordo com a **Lei municipal nº 15.946/1994**. Denominado de “**Parque dos Manguezais**” fazendo referência ao “Programa de Dinamização Urbana” estabelecido pela **Lei municipal nº 15.547/91**, que em seu Art. 2º define objetivos:

I - Implantar o parque dos manguezais;

II - Promover intervenções urbanísticas área delimitada, visando à melhoria da qualidade de vida de seus atuais e futuros moradores e usuários permanentes, promovendo a valorização da paisagem urbana e da qualidade ambiental;

III - Incentivar o melhor aproveitamento dos imóveis, em particular dos não construídos ou subutilizados, e a regularização das construções edificadas em desacordo com a legislação urbanística, exceto as áreas faveladas, inclusive as ZEIS, que não são consideradas construções irregulares para efeito desta Lei;

IV - Incentivar a preservação do patrimônio ambiental, em especial das áreas de mangues existentes no perímetro, fundamentais para a manutenção do equilíbrio do ecossistema;

V - Incentivar a oferta de espaços públicos de qualidade a serem utilizados pela população em lazer, especialmente as áreas verdes;

VI - Promover a melhoria da infraestrutura urbanística, com realce ao saneamento básico, drenagem e sistema viário. (RECIFE, 1991)

No dia 12 de abril de 1996, na atualização da Lei 16.176 de Uso e Ocupação do Solo, o Parque dos Manguezais⁶⁰ é delimitado como Zona Especial de Proteção Ambiental - ZEPA:

ART. 19 - são áreas de interesse ambiental e paisagístico necessárias à preservação das condições de amenização do ambiente e aquelas destinadas a atividades esportivas ou recreativas de uso público, bem como as áreas que apresentam características excepcionais de matas, mangues e açudes (RECIFE, 1996).

ART. 20; inciso II - Zona Especial de Proteção Ambiental 2 - ZEPA 2, constituída por áreas públicas ou privadas com características excepcionais de matas, mangues, açudes e cursos d'água. (RECIFE, 1996).

O **Parque dos Manguezais** tem mais de 300 hectares e fica localizado em uma área predominantemente aquática, envolvida pela Ilha de Deus, Ilha de São Simão e a Ilha das Cabras. Pereira (2014) observa que na década de 1930,

a expressão “parque”, nas cidades, remete, em seus atributos, significados tanto que se associam a ideia de um “espaço expositivo da natureza”, como a ideia de “lugar de representação social”, e acrescenta que agora também há um sentido de “experiência compensatória” que contribui para saúde física e mental do cidadão⁶¹. Dessa forma, pode-se dizer que transformar os mananciais da baía do Pina em “Parque dos Manguezais” não só aproxima, como reforça a relação de Recife e seus habitantes com os mangues, sendo este fato importante para atualização da identidade local de Recife.

Com a lei municipal nº 17.542/2009, em 2009, o Parque dos Manguezais passou a ser oficialmente chamado “**Parque dos Manguezais Josué de Castro**”, evidenciando a cidade-mangue que falamos no capítulo anterior. No ano seguinte, sua categorização foi regulamentada no Plano Diretor, vindo a ser reconhecido como Unidade de Conservação da Natureza (UCN), por meio do decreto municipal 25.565/2010. Além disso, o decreto estabeleceu os parâmetros e o zoneamento para a unidade de conservação, assim como anunciou a necessidade de elaboração de um plano de manejo.

Entretanto, como aponta Célio Henrique Moura (2022), na lei de 1996 ainda há algumas incongruências, quando o zoneamento ao referir-se às Zonas de Urbanização Preferencial - ZUP 1 -, que permitem maior adensamento construtivo, são autorizadas justamente nas áreas estuarinas da cidade, que correspondem ao parque dos manguezais. Essa incongruência permitiu que em 1998 fosse autorizada a construção da expansão do ramal sul do trem metropolitano do Recife, nas margens do Parque dos Manguezais.

Onilda Gomes Bezerra (2000), em sua dissertação intitulada: “O Manguezal do Pina: a representação sócio-cultural de uma paisagem”, analisa o processo de ocupação das margens do manguezal do pina, logo, do Parque dos Manguezais Josué de Castro, em um recorte que parte do século XVII até 1999⁶². Célio Henrique Moura, já mencionado nesse texto, complementa a pesquisa e faz uma cronologia a partir dos marcos Bezerra assinalou, e adiciona acontecimentos do século XXI.

Ambos os trabalhos focam apenas no manguezal do Pina e em suas adjacências. Dentre eles, vale destacar os projetos que impactam diretamente os mangues e as comunidades ribeirinhas, como o projeto de urbanização da Ilha de Deus (2007) e da Via Manguê (2016).

Segundo Carolina de Queiroga Jucá (2021), a ocupação da Ilha de Deus se deu a partir de 1959, no período em busca de um local “mais distante da vista da polícia política e sanitária sob as ordens do interventor” (JUCA, 2021, 35), a comunidade surge da necessidade de continuar a exercer as atividades de pesca e cata de caranguejos.

Em 2007, a Secretaria de Planejamento e Gestão - a SEPLAG -, começou o processo de urbanização da Ilha de Deus, que até então, não tinha saneamento básico. A SEPLAG chamou a Diagonal⁶³ - empresa de consultoria em gestão social -, que assumiu o **Processo de Urbanização Integrado e Participativo da Ilha de Deus**, por meio de licitação. Importante mencionar que esse projeto contou com participação popular em todas as etapas, por meio da realização de assembleias, formação de grupos temáticos, considerando toda a complexidade

que um projeto participativo exige.

É preciso observar que na Ilha de Deus, antes das intervenções não havia saneamento básico e as casas eram feitas de restos de material encontrados na rua e no rio, como já mencionado neste texto, na década de 1930, se desenvolveu como resistência de populações minorizadas no território. Também é preciso pontuar que os benefícios que o projeto trouxe a comunidade, como a melhoria da ponte de acesso a ilha, a pavimentação da área elevando a cota do terreno, assim como a implementação de um sistema de saneamento básico, além de incentivar o turismo local⁶⁴ são inegáveis.

Apesar do Processo de Urbanização Integrado da Ilha de Deus ter utilizado de assembleias comunitárias, o valor de construção identitária da comunidade também se dá através das práticas construtivas e seus modos, pois, como Josué de Castro apresenta no “**Documentário do Nordeste**”, o homem influencia o meio, e vice-versa- através de “**relações ativas**”:

“(...) ao encarar as influências mútuas entre o homem e o meio (...), ao encarar o estudo, não de influências ocultas e misteriosas, mas de simples interações, onde o homem e o meio agem como forças ativas em reações contínuas (...) Sendo assim, o homem, um fator geográfico ativo, não se submete ao meio natural como uma massa neutra, embalada pelo jogo das forças circundantes.” (CASTRO, 1965, 113)

A entrega do projeto para a comunidade aconteceu em 2009, apenas dois anos antes do início da obra da **Via-Mangue**⁶⁵. O projeto foi feito pela Empresa de



Figura 18: Traçado da Via Manguê, acesso para Zona Sul da cidade do Recife, UC Parque dos Manguezais, Bairro de Brasília Teimosa, ZEIS Ilha de Deus e Conjunto Habitacional Via Manguê. Fonte: Google Earth, marcações feitas pela autora

Urbanização do Recife - URB, já mencionada - e fica à margem do **Parque dos Manguezais Josué de Castro**. Trata-se de uma via de trânsito rápido, com aproximadamente 4,5km de extensão, que tem como objetivo desafogar o trânsito dos bairros do Pina e Boa Viagem.

Para isso, sua execução contou com o auxílio de um **Estudo de Impacto Ambiental/Relatório de Impacto Ambiental (EIA/RIMA)**, que fez um levantamento socioeconômico da área para fazer essa realocação. Entretanto, as 992 famílias realocadas para viabilizar a obra, fazem parte das comunidades que surgiram a partir dos anos 50 até os anos 70, como já mencionado. Algumas



Figura 19: Ilha de Deus antes das intervenções. Fonte: Flickr Autor: Bernardo Soares. 2000.



Figura 20: Ilha de Deus antes das intervenções. Fonte: Diagonal Social. Autor: Desconhecido. 2006.



Figura 21: Ilha de Deus depois das intervenções. Fonte: Diagonal Social. Autor: Desconhecido. 2010.



Figura 22: Ilha de Deus depois das intervenções. Fonte: Diagonal Social. Autor: Desconhecido. 2010.

dessas famílias foram realocadas das Zonas Especiais de Interesse Social Ilha de Deus, Pina e Encanta Moça, e tinham como o mangue seu principal meio de subsistência.

Os imóveis foram distribuídos em forma de sorteio, priorizando os idosos em andares mais baixos. Ainda que essas populações não tenham sido realocadas para áreas distantes, sob o ponto de vista geográfico, isso não impediu a mudança na dinâmica social do espaço, com quebra de laços de vizinhança e relações de trabalho. Outro ponto é que as comunidades pesqueiras que resistiram nos manguezais, foram fortemente impactadas pelo lixo que a obra produziu e continua a produzir.

Segundo pesquisa realizada por Célio Henrique Moura, os moradores destacam com saudosismo os tempos em que era possível banhar no rio sem se preocupar com doenças ou infecções derivadas da poluição (MOURA, 2022). A narrativa do manguezal é desenhada como sendo o próprio esgoto, e a vida na lama imersa na poluição.

Em 2014, baseado na ideia de “**Cidade Parque**”, pensando em uma maior integração com o rio, surge o projeto Parque Capibaribe (2014), desenvolvido pela Prefeitura da Cidade do Recife (PCR), através da Secretaria de Meio Ambiente e Sustentabilidade (SEMAS) e a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). O projeto buscava revolucionar a forma com que as pessoas vivem a cidade e, principalmente, como elas se relacionam com o rio Capibaribe.

Nesse projeto vemos um retorno à “nostalgia ecológica”, apontada por Pontual e

já mencionada nesse texto, além de uma tentativa de “reinventar Recife” a partir da ideia de natureza. Segundo o prefeito João Campos

“Quando completo, o Parque Capibaribe terá mais de 30 km de extensão, além de 200 km de rotas cicláveis, 12 passarelas e 140 km de vias que trazem a natureza para junto. E para que a gente nem ouse perder mais tempo sem olhar para o que importa, o projeto nasceu integrado ao Plano Recife 500 Anos, com norteadores para a cidade até 2037, e já surge alinhado aos objetivos de desenvolvimento sustentável e às necessidades de descarbonização da economia para enfrentar a mudança climática.” (João Campos in MONTEIRO, Circe Maria Gama; VIEIRA FILHO, Luiz Goes; MONTEZUMA, Roberto, 2022)

Note-se que o desenho de uma “cidade parque” acompanha discussões que datam desde o século XIX⁶⁶, destaca-se aqui o interesse pela natureza, pelo verde, a fim de atrair o interesse de investidores internacionais. As “diretrizes” de projeto são tornar a cidade mais “inclusiva”, “próspera”, “saudável” e “pacífica”, ao mesmo tempo que se entende que a cidade é “um sistema complexo e dinâmico”, fazendo uma prospecção que esse sistema parque re-estabeleça um equilíbrio ecológico até o ano de 2037 (MONTEIRO, Circe Maria Gama; VIEIRA FILHO, Luiz Goes; MONTEZUMA, Roberto, 2022).

O retorno social também estava entre uma das “diretrizes” do projeto, que se perguntava como conciliar as comunidades ribeirinhas – agora do bairro do Coque e Coelhos - com a ideia de “requalificação urbanística”. O projeto se autointitula como “transversal”, e começa sua execução a partir do que é chamado de “trecho encantamento”. O Parque do Baobá, no bairro das Graças – bairro de classe



Figura 23: Imagem de divulgação do projeto. Fonte: Marco Zero Conteúdo. 2014.



Figura 24 : Foto aérea pós execução do projeto. Fonte: Marco Zero Conteúdo. 2023

média do Recife – foi o primeiro a ser implementado, em 2016, nas áreas de manguezais e teve sua continuação com a implementação do Parque das Graças em 2021.

Movimentando grandes recursos e apesar da concordância com a afirmação de que trazer projetos que afirmam a presença do rio e do mangue na cidade e tem retorno social são de grande relevância, é necessário apontar também os contrastes nas ações implementadas pelos mesmos órgãos. A execução do Parque das Graças, por exemplo, também contou com o corte de mais de 100 árvores⁶⁷, muitas delas de grande porte⁶⁸. Segundo uma das arquitetas do projeto, Circe Monteiro, “uma alternativa para diminuir a retirada do manguezal era que houvesse uma balsa no rio para as máquinas, durante a execução da obra. Mas isso encareceria ainda mais a construção, que teve que ser licitada três vezes”⁶⁹.

Com efeito, podemos trazer a reflexão que os projetos apresentados até aqui, em seus diferentes períodos, demonstram que a urbanização da cidade ainda carece de uma atenção sensível no que tange às áreas de mangue e as relações sociais que aí se tecem. Em suas canções, Chico Science denuncia essa cidade que nega e não vê essas ausências, que são de uma alteridade outra: a experiência do mangue em simbiose com o caos da cidade.

Com seu grito afirmativo, o movimento *manguebeat*, parte de uma visão atenta a experiências de cidade aparentemente contraditórias, mas que expressas pela cultura popular aliada a força de disseminação de informação da tecnologia, são uma potência.

O mangubeat tenciona esse caos quando diz que Recife é a cidade não só dos rios, mas também das pontes e dos *overdrives*⁷⁰, onde “impressionantes esculturas de lama” são insurreição; onde os homens-caranguejos precisam morar em “um bairro sujo”⁷¹ onde seu quintal é a *manguetown*. Através de diversas metáforas as músicas que se relacionam com o movimento manguê narram uma Recife de temperamento forte e corporalidades pulsantes.

A cidade-mangue vive, e vive principalmente na voz dos “homens caranguejos” de hoje, a exemplo de Kcal Gomes, poeta e “traficante de livros”, como se denomina, morador da comunidade ribeirinha do Bode, que integra uma das ZEIS afetadas pela construção da Via Mangue. Ele idealizou em 1995 a “Livroteca Brincante do Pina”, que segue até hoje. A Livroteca tem como foco o incentivo à leitura e integração artística para crianças da comunidade, aproximando a relação das crianças com o território – o rio, o mangue e a cidade –, e trazendo outras significâncias. A Livroteca se faz assim um espaço de produção de memória e relações outras.

Esse é apenas um exemplo de uma iniciativa que nasceu nas frestas de uma comunidade. É evidente como a Cena Mangue marca a experiência urbana atual, nos ajudando a compreender a complexidade de processos urbanos contemporâneos. Pensar o cidadão híbrido que transita na cidade reagindo aos apagamentos, também é pensar uma Recife sobre termos que se comuniquem não apenas com o território ou um objetivo de identidade, mas recupere valores culturais, memórias e alternativas para que a vida possa fruir de forma plena.

Isabelle Stengers no colóquio “Urbanidades - encontros para reinventar a cidade”

(2000), realizado na França convidava como têm feito uma geração inteira de urbanistas e historiadores do urbanismo há mais de meio século a abandonar a perspectiva do médico diante da cidade, que quer curar alguma doença. Mas “aprender a criar” com as populações interessadas e não sobre elas, e criar situações correspondentes a um aprendizado de duplo viés (STENGERS, 2022).

Criar, no caso, como convidava Josué de Castro ou Chico Science e Fred Zero, com os homens caranguejos ou *mangueboys*, dos quais falaremos mais a seguir.

3 **Heróis atópicos do mangue, os Homens Caranguejos**

Figura 25: Colagem de imagens. Fontes diversas. Autora: Maria Eduarda Azevedo



“Cedo me dei conta dêste estranho mimetismo: os homens se assemelhando, em tudo, aos caranguejos, arrastando-se, agachando-se como os caranguejos para poderem sobreviver. Parados como os caranguejos na beira d’água ou caminhando para trás como caminham os caranguejos.”
(CASTRO, 1966, p.12)

Um romance científico e social

Pouco mais de 30 anos haviam se passado, depois da publicação do conto ‘Ciclo do Caranguejo’ no jornal A Plateia, quando Josué de Castro retorna ao assunto, agora claramente de forma literária, no contexto golpe militar de 1964, que o tornaria um dos primeiros exilados do país.

Inspirado nos contos presentes da antologia “Documentário do Nordeste”, Josué de Castro lança seu único romance, “Homens e Caranguejos” (1966), onde ele explora de forma mais detalhada a sociedade do mangue através da metáfora do homem caranguejo, traduzindo a população dos alagados e mocambos de forma poética como a sociedade dos mangues.

Nos 30 anos que apartam uma publicação da outra, Josué teve uma vasta experiência acadêmica e política que o permitiu ficar face a face com o drama da fome nas mais distintas regiões do globo. Ele já havia participado da Conferência de Alimentação de Hot Springs, realizada, como vimos, em 1943, junto com representantes de mais de quarenta e quatro nações.

Como mencionado, um dos desdobramentos dessa conferência seria a fundação Organização de Alimentação e Agricultura das Nações Unidas (FAO), em 1945, que até hoje faz diversos projetos de combate à insegurança alimentar no mundo, da qual Josué de Castro seria, inclusive, presidente.

Homens e Caranguejos encerra sua carreira literária fazendo um retorno para a descoberta do “**ciclo do caranguejo**”. Apesar de se tratar de um romance, Josué

o considera uma história “magra, seca, com pouca carne de romance” (CASTRO, 1966, p. 11), e por isso mesmo ele se justifica fazendo um extenso prefácio onde faz uma análise geral de como ele veio a conhecer o drama da fome a partir de sua experiência de infância. Alguns críticos consideram o livro **um romance autobiográfico** (MARQUES, 1983, p. 44), ao mesmo tempo que enfatizam sua contribuição política, científica e social.

De fato, como vimos mostrando, Josué foi, antes de tudo, um homem “fora da caixa” e seu trabalho intelectual se caracteriza pela dificuldade de categorização, Ele mesmo chama a atenção para essa dificuldade quando se pergunta no referido prefácio escrito para a obra: se

“Será mesmo este livro um romance? Ou não será mais um livro de memórias? Talvez, sob certos aspectos, uma autobiografia?” Não sei, tudo o que eu sei é que, neste livro, se conta a história de uma vida diante do espetáculo multiforme da vida. A história da vida de um menino pobre abrindo os olhos para o espetáculo do mundo numa paisagem que é, toda ela, um braço de mar - um longo braço de um mar de misérias.” (CASTRO, 1966, p. 12)

Apesar de não mencionar o teor autobiográfico da obra, Castro já refletia sobre o resgate das suas memórias quando diz ainda, no mesmo prefácio, que “mesmo quando voltamos nossa atenção para os problemas de categoria universal sempre recorreremos, em última análise, ao tesouro acumulado das imagens recolhidas na infância” (CASTRO, 1965). Muitos amigos relatam que, no exílio, Castro sofria muito com a distância do Brasil, e principalmente do Recife, e na ausência da cidade material, as memórias eram tudo que ele tinha.

Em contraste com o “Documentário do Nordeste”, o mangue no romance “Homens e Caranguejos” não só protagoniza a história, como Castro também faz do uso de figuras de linguagem em sua narrativa como metonímias e prosopopeias que aproximam o leitor de elementos materiais da cidade - como os rios e os manguezais -, de forma subjetiva:

“E foi sôbre estes bancos de solo ainda mal consolidados, mistura incerta de terra e água, que se apressaram a proliferar os mangues - esta estranha vegetação capaz de sobreviver dentro da água salgada, numa terra frouxa, constantemente alagada. (...) Com os depósitos aluviais que se foram acumulando na trama do labirinto de raízes dos mangues e debaixo das suas copadas sombras verdes, foi progressivamente subindo o nível do solo, e alargando sua área sob a proteção dêsse denso engradado vegetal. Não há, pois, a menor dúvida, que tôda esta terra que hoje flutua à flor das águas, na baía entulhada do Recife foi uma criação dos mangues.” (CASTRO, 1966, p.14)

A linguagem poética e imagética de Josué de Castro sublinha o papel do mangue na própria formação do Recife. A inversão de papéis que ele propõe, atribuindo aos manguezais o protagonismo na construção da cidade, é uma estratégia eficaz para subverter as narrativas que tendem a colocar o ser humano como o único ator de transformação do espaço citadino.

Através de metáforas como “amorosa promiscuidade” e a descrição das raízes dos mangues como “garras fincadas profundamente no lôdo” o autor confere aos manguezais uma ação quase consciente e intencional. Ao mesmo tempo, podemos entender que essa narração faz uma analogia dos próprios homens caranguejos

com os manguezais, ambos capazes de sobreviver na água salgada, “numa terra frouxa, constantemente alagada”, “agarrando-se com unhas e dentes a êste solo para sobreviver”, amparando-se uns nos outros “para resistirem ao ímpeto das correntezas da maré”.

A escolha de usar figuras de linguagens como metonímias e prosopopeias é potente, pois desafia o leitor a considerar uma outra relação entre natureza e cidade. Ao atribuir aos manguezais a façanha quase mítica de criar a cidade do Recife, Castro eleva o mangue de um mero cenário natural para um agente estético e cultural que participa ativamente da construção da cidade. Essa narrativa enriquece a compreensão simbólica e ecológica do espaço, sugerindo que a história da cidade é inseparável da história de seus elementos naturais.

Na narrativa literária de Josué de Castro o mangue ganha , assim, importância e perde seu sentido de pano de fundo, estabelecendo um novo estatuto para a natureza não só como ecossistema biológico ou zona ambiental na cidade, mas como corpo ativo na construção de um imaginário sociocultural e na experiência da cidade do Recife. A relevância desse bioma se dá a partir de uma perspectiva fundadora da cidade do Recife onde o mesmo mangue que sobrevive às intempéries urbanas é o mangue que funda a cidade. A memória inscrita no mangue, herança dos rios e da terra, passa a fazer parte dessa “interioridade” de cidade do presente, fugindo das demarcações espaciais pautadas pelo benefício econômico.

Na narrativa de Josué é interessante notar tanto o seu amadurecimento e a consciência de si em seu trabalho a partir dos contos que inspiraram o romance quanto a superposição dos debates sobre o subdesenvolvimento e a fome com os

quais estava envolvido na década de 60, bem como sua insatisfação com o exílio.

Helder Remigio Amorim reforça essas características do texto, quando diz que entende o romance como uma “escrita de si” de Josué, na medida em que “aborda lembranças de suas vivências, memórias e pensamentos” (AMORIM, 2019). **Importante reforçar novamente que o romance *Homens e Caranguejos* é publicado em plena ditadura do Brasil**, enquanto estava em seu exílio, mas que ele faria - com os percursos de sua memória e de sua trajetória intelectual, desde sua juventude – uma tradução nostálgica de uma Recife da década de 1930, que produz uma narrativa sensível e íntima, como ele mesmo relata:

“E quando cresci e saí pelo mundo afora, vendo outras paisagens, me apercebi com nova surpresa que o que eu pensava ser um fenômeno local, um drama do meu bairro, era um drama universal. Que a paisagem humana do Recife, **que eu conhecera na infância**, continua sujando até hoje toda paisagem do nosso planeta como negros borões de miséria. As negras manchas demográficas da geografia da fome.” (...) O que não tinha contado, até hoje, foi meu encontro com o drama da fome. Hoje, resolvi contá-lo. Não só o encontro, como o pavor que ele me provocou. Tomei conhecimento com o monstro, nos mangues do Capibaribe, e nunca mais me pude libertar de sua trágica fascinação. É esta fascinação e esta marca que **a fome provocou na minha alma de criança**, que procuro hoje invocar neste romance - o romance do Ciclo do Caranguejo.”(CASTRO, 1966, p. 24, **grifo nosso**)

“Algumas das coisas que conto neste livro, hoje desapareceram, mas outras - a maioria delas - permanecem intactas, **tais como as viram meus olhos de criança**.

É que o tempo conta pouco nas terras de miséria, nas terras subdesenvolvidas do terceiro mundo, onde a fome e a morte com sua presença constante estão sempre a tecer o destino dos homens” (CASTRO, 1966, p. 25, **grifo nosso**)

Após uma extensa carreira acadêmica, com inúmeras publicações científicas, ele escreveu “Homens e Caranguejos” como uma reparação de um Brasil democrático onde sonhar ainda era possível. No livro multiplicam-se as referências de sua experiência de infância, nas margens do rio Capibaribe, onde “ficava horas e horas imóvel sentado no cais, ouvindo a história do rio, fitando as suas águas correrem como se fosse uma fita de cinema” (CASTRO, 1966, p.18). A metáfora do rio como uma “fita de cinema” não é uma escolha casual. Esse trecho evidencia a profunda ligação de Josué com o cinema, uma paixão que, segundo Francisco Bandeira Mello no artigo intitulado “Josué de Castro: uma certa fome de cinema” (1983), atuou como um estímulo criativo para a escrita do romance.

A ideia original do romance era servir de argumento a um filme de produção pelo grupo francês, Rothschild/ANCINEX, onde as filmagens seriam realizadas nos manguezais de Recife/PE. Vários nomes surgiram para a direção do filme, o produtor Luiz Carlos Barreto sugeriu Nelson Pereira dos Santos, o mesmo diretor que fez a adaptação de “Vidas Secas” de Graciliano Ramos, mas Josué parece não ter gostado do “despojamento” da adaptação e vetou o nome. Houve alguns nomes franceses que também foram vetados. Luis Buñel foi outro diretor convidado para a produção, mas este negou o convite pois se dizia quase aposentado do cinema e sedentário demais para se deslocar para uma filmagem nos manguezais pernambucanos no Brasil.

Por fim, Josué se desentendeu com os financiadores e o filme não chegou a ser feito. Contudo, em 1969, Ipojuca Pontes realizou o documentário chamado “Homens do Caranguejo”, sem mencionar Castro, filmado nos mangues da Paraíba, “de vivência muito nitidamente josuedecastriana”. Apesar do filme ter sido realizado de forma independente, Ipojuca Pontes mostrou o filme a Josué, e até mesmo, tentou roteirizar para o cinema, entretanto, por causas desconhecidas a produção não foi adiante. O romance também foi adaptado para o teatro pelo poeta e dramaturgo Gabriele Cousin, intitulado de “Le cycle du crabe ou les aventures de Zé Luís, Maria et leurs fils João”⁷².

O lançamento do romance em 1965 influenciaria outras linguagens e artistas a usarem a metáfora do homem caranguejo mas aqui é necessário fazer um esforço de inter contextualização e tradução se perguntando como essa metáfora age como um dispositivo metodológico de compreensão de dimensões e sentidos que ativam utopias e atopias citadinas. Em outras palavras, entende-se, que é necessário fazer uma tradução de onde a metáfora estava sendo empregada e como as diferentes linguagens e intérpretes (cinema, teatro) conduzem a uma narrativa de uma cidade mangue que comunicava o tema da fome para um outro público. Castro não se opunha a isso. Ele entendia o cinema não a partir de um fundamento estético audiovisual, mas acreditava que sua importância residiria “no princípio da transferência que constitui, ao lado do princípio da responsabilidade e da linguagem, o compromisso de “dar e ver” (MELO, 2012).

Foi dessa forma que um Josué exilado não deixou sua voz ser abafada, assim como continuou a sua luta contra o drama da fome. Cremos que o romance foi uma forma de continuar fazendo política durante o período da ditadura, de

continuar a fazer reverberar seu grito que buscava despertar a consciência para a gravidade e importância do tema da fome. Como Normando Melo sublinha em “Josué de Castro: um compromisso ético, estético e pedagógico” (2012), Castro tinha grande afinidade com as artes e a cultura, e esse foi seu objetivo primário com o romance.

Em um relato sobre arte, ciência e vida, o livro é narrado por uma criança, João Paulo, filho de Zé Luís, pequeno agricultor que devido a seca precisou se mudar para o Recife, onde se viu cada vez mais esmagado pelas estruturas dominantes.

O romance é dividido em treze capítulos, e neles já é possível observar os temas que o autor vai explorar, mergulhando o leitor nas contradições enfrentadas pela sociedade do mangue em Recife, onde a miséria e a fome são forças centrais que moldam a existência e as identidades dos personagens. Assim, o autor explora a diversidade de relações, e as variadas interações sociais, os atos de resistência e as situações de exploração que formam o dia a dia da população carente que reside, então, nos mangues da cidade.

Josué faz críticas contundentes à estrutura agrária, ao monopólio da cana-de-açúcar, às práticas exploratórias e patrimonialistas de um sistema político que não toma medidas concretas para resolver os desafios relacionados com a moradia nas áreas precárias. Ao mesmo tempo enaltece a cultura do povo sertanejo, suas práticas e táticas para sobreviver no que é possível em uma narrativa poética (AMORIM, 2021).

No subtexto da narrativa do primeiro capítulo, intitulado de “De como o corpo e

a alma de João se foram impregnando do suco dos caranguejos”, Castro começa nos apresentando a paisagem onde se vive uma sobreposição de elementos que nos mostram a disputa entre uma cidade-mangue e uma cidade mecanizada, advinda dos processos de industrialização da era moderna. É o lugar sobre uma “paisagem lamacenta (...) perpassam sons agudos e insistentes. São os apitos das fábricas impacientes.” (CASTRO, 1966, 29).

No segundo capítulo, continua trazendo a vivência da paisagem da “mocambópolis”, mas dessa vez como elementos disruptivos da experiência do sujeito na cidade. As temporalidades em contraste aparecem através do “ruído forte de avião”, do “barulho dos motores”, da “trepidação” das máquinas, que invadem os pensamentos e memórias do menino João Paulo (CASTRO, 1966, 43-44).

O uso de elementos que fazem referência a uma experiência sensorial da cidade nos fazem pensá-la sendo atravessada pelas contaminações que causam no sujeito citadino. Neste caso, os objetos como apitos, motores, fábricas refletem uma paisagem de fundo que traz uma temporalidade que se impõe ao sujeito homogeneizando, de saída, sua vivência.

Em resumo, essa cidade que está no plano de fundo nos faz refletir sobre duas coisas: **as suas temporalidades e a experiência do sujeito**. Milton Santos territorializa e historiciza essa cidade que se impõe, quando traz a ideia de uma cidade “luminosa” (SANTOS, 2006, 221), uma parcela da cidade que ofusca as escolhas e possibilidades dos seus habitantes, como os apitos, que ditam a hora de despertar da mocambópolis, criando um regime de interações que segue uma temporalidade racional, que obedece à um sistema de “gestos sem surpresa”

(SANTOS, 2006, 221)

Entretanto Castro trás um sujeito que conhece suas memórias e carrega em si o elemento do estrangeiro - “retirantes de outras secas, tangidos pelo vento e fogo do sertão, (...) emigrantes expulsos de outro latifúndio” (CASTRO, 1966, 98), mas que nos manguezais do Recife se encontram no “paraíso dos pobres” e dos “caranguejos (CASTRO, 1966, 36). O manguezal é o que resgata os habitantes do mangue desse deslocamento, assim como é o que resgata os pensamentos interrompidos por motores e apitos de fábricas do menino João Paulo. A metáfora do mangue como ecossistema biodiverso permite a Castro fazer do manguezal um território que se opõe aos espaços que Milton Santos chamou de “luminosos” - os espaços “opacos”. Em constante decomposição, o manguezal aparece na narrativa do romance como uma imagem de pensamento que mostra a sua diferença na cidade através de qualidades instáveis, como a lama, mas também criadoras, pois “foram os mangues laboriosamente construindo seu próprio solo”, em um ritmo que resiste aos processos de transformação simbólica e material no Recife dos anos 30.

“Agarrando-se com unhas e dentes a este solo para sobreviver, através de um sistema de raízes que são como garras fincadas profundamente no lodo e amparando-se, umas nas outras, para resistirem ao ímpeto das correntezas da maré e ao sôpro forte dos ventos alísios que arrepia sua cabeleira verde, os , mangues foram pouco a pouco entrelaçando suas raízes e seus braços numa amorosa promiscuidade e foram, assim, consolidando a sua vida e a vida do solo frouxo das coroas de lodo, donde brotaram.”

(CASTRO, 1966, p.14)

Ana Clara Torres diz que os espaços opacos são também os espaços da sobrevivência e da criatividade (TORRES, 2012), pois, para sobreviver em um território lamacento, nem terra, nem água, é preciso criatividade. A sobrevivência é o instinto humano que movimenta a criatividade (HISSA, 2012). É através do gesto criativo que o habitante do mangue se liberta das “malhas dessa rede invisível” (CASTRO, 1966, 45), é através de “um salto imprevisto das margens do mangue”, que João Paulo encontra pela primeira vez os homens caranguejos.

Atolados de lama até os joelhos, os homens caranguejos são apenas apresentados na página 45, depois de Castro fazer uma ambientação espaço-temporal dos manguezais dessa Recife dos anos 1930. Aqui Josué descreve uma das técnicas de manejo de cata de caranguejo, o “braceamento”, onde o catador precisa cobrir seu corpo de lama para poder permanecer no mangue.

Aos olhos de João Paulo, estas figuras humanas aparecem como se fossem figuras de heróis das antigas histórias de cavaleiros armados que lhe contou Cosme. Como se fossem gigantes com o corpo fabricado com grandes blocos de barro, retirados do próprio mangue. Formados ali mesmo na lama como se formam e se criam os caranguejos na fermentação do charco. Para João Paulo, estes homens, cavaleiros da miséria, com suas armaduras de barro, e os caranguejos, com suas duras carapaças, são os heróis de um mundo a parte, são membros de uma mesma família, de uma mesma nação, de uma mesma classe: a dos heróis do mangue” (CASTRO, p. 45-46, 1966)

Essas táticas rememoram um corpo, que aprende com o território e seus tempos para sobreviver, o que nos leva a fazer eco a indagação de Ana Clara Torres: a opacidade não seria efeito das próprias táticas de sobrevivência de setores

populares? (TORRES, 2012, 68). Responder essa pergunta nos leva a uma resposta que apenas retroalimenta a questão, nos levando ao grande paradigma moderno: a natureza e a cultura.

A narrativa de Castro é marcada pela disputa dessa dualidade através da relação dos homens caranguejos com o espaço dos mangues na cidade, sendo atravessada por elementos advindos da era moderna e elementos orgânicos, colocando o leitor como testemunha de uma memória não oficializada.

A vida nos grandes centros urbanos potencializa os efeitos de aceleração da própria vida e, em sua narrativa, Castro traz outro tempo, o tempo dos rios, do caranguejo, da lama e do mangue. Fazendo uma referência direta em seu romance a João Cabral de Melo Neto, o autor faz uma colagem de um trecho do poema “O Rio” ou “Relação da viagem que faz o Capibaribe de sua nascente à cidade do Recife” (1953) onde evoca a perspectiva do Capibaribe em seu movimento misturando tempo e memória: “Para os bichos e rios / nascer já é caminhar. / Eu não sei o que os rios / têm de homem do mar”. O caminho desse rio que caminha sobre o território é elemento importante para entender que história Castro está tentando nos contar.

Na narrativa esse caminho aparece como um sonho que chega a Chico, outro dos personagens do romance - um homem que tinha lepra -, que saía de seu mocambo apenas à noite para contemplar o rio. No sonho o rio surge de acordo com o seu leito, desde sua nascente na serra dos Jacararás e nos Cariris Velhos, “descendo às trancas por cima das pedras, encontrando cidades, povoações, contando simbolicamente tôdas as peripécias da vida do sertão”. Ora “num tom humilde

quando é tempo de seca” (ibidem) e ora “transbordando das margens a opulência das suas águas ruidosas, relatando a abundância das terras onde as chuvas fertilizantes se derramaram copiosamente” até chegar no Recife, formando “as ilhas, os canais, os mangues, os pauis”. (CASTRO, 1966,117-118).

O texto proporciona esse deslocamento de perspectiva para o rio que nos permite indagar sobre as contaminações que extrapolam os limites de uma cidade e as fronteiras que criamos. Assim como os rios são contaminados pelas memórias de povos do sertão, o manguezal contamina os homens, que por sua vez contaminam as histórias. A crítica social está presente na questão da fome, que segue a história do rio Capibaribe trazendo as memórias de um povo que migra do sertão devido a seca e do monopólio da cana-de-açúcar através ainda das histórias do caboclo Zé Luís que precisa roubar comida e água para sobreviver, de Cosme que, acometido pela fome parcial pega beribéri se torna paraplégico e de Seu Maneca que tem diarreia de tanta fome.

Essa luta para sobreviver em um solo incerto não é apenas dos manguezais, Castro faz um paralelismo ao trazer para a sociedade do mangue a luta de cada personagem para sobreviver através de uma fábula da vida cotidiana na década de 1930, desde as dificuldades encontradas antes da vinda para a cidade até ao se estabelecerem nos manguezais. Das disputas pelo direito à cidade, às táticas de sobrevivência encontradas. Castro usa a metáfora da “tempestade” (CASTRO, 1966) para representar essas disputas e conflitos do imigrante sertanejo que sente fome alinhado a uma crítica social. Castro não era historiador, mas não podemos esquecer que ele viveu o avanço da cidade moderna e seu romance faz um recorte das questões deste período.

O ciclo do caranguejo aprisiona o habitante do mangue em um espaço complexo, que ao mesmo tempo que é salvação da cidade luminosa, também é efeito da própria cidade moderna - tendo a fabulação a única saída. Seu território fictício se chama “Aldeia Teimosa”, por representar essa insistência em sobreviver apesar de tantos, apesar tantas coisas impostas pelos decretos do governo determinado, como denúncia Castro, em destruir a “mocambópolis”⁷³.

A fome atravessa essa disputa pelo território durante toda narrativa, como efeito da imigração, do assentamento nos manguezais, do ciclo do caranguejo, e como crítica às estruturas sociais e ao feudalismo agrário. A questão da fome como um problema social, político originado da exploração do ser humano e sustentado pelas estruturas estabelecidas no romance é abordado como efeito da “paisagem social” da lama e do mangue, revelando “processos múltiplos de exclusão e espoliação, e do outro lado, reinvenção e reapropriação, que permitem ver a condição trágico-heroica do humano no/com o mundo” (MELO, 2012).

Um Josué exilado, impossibilitado de voltar a sua terra natal revive sua infância nos alagados do Recife através da voz do menino João Paulo. Na situação de “apátrida” que Josué se encontrava, apenas esse distanciamento poderia dar vazão a um sentimento de nostalgia muito forte que o ligava e a sua história com os rios e o mangue do Recife. Aos olhos de João Paulo e de Josué caminhamos pela cidade-mangue do Recife.

As narrativas acerca do dia a dia das classes populares, suas tradições, a topografia, a disposição espacial, as disparidades sociais e, sobretudo, as maneiras de experimentar e perceber a cidade, são evidenciadas no texto. Para este trabalho

será relevante como essa narrativa nos ajuda a perceber um imaginário de cidade ao evidenciar os processos urbanos presentes na obra de Castro, através de suas materialidades - biológicas, sociais, artísticas, políticas e subjetivas, assim como através das pulsões humanas, das relações, dos conflitos e das imagens que o compõem como paisagem imagética feita de mangue, lama, caranguejos, rios. São as cidades invisíveis que pulsam nas brechas, como analisa Helder Remigio, ao se referir sobre as narrativas de cidade presentes no romance de Castro:

“Estudar uma cidade não é simplesmente analisar as linhas tênues das construções arquitetônicas, não se constitui em apenas investigar as fontes documentais com auxílios teóricos e metodológicos. Deve-se inserir em uma discussão historiográfica, que direciona a compreender a cidade de forma ambivalente, pois, do mesmo modo que a cidade é representação, também produz representações de si mesma” (AMORIM, 2019)

Dessa forma, o romance de Josué é visto, através de uma narrativa mítica que evoca uma perspectiva que enfatiza as desigualdades sociais entre os indivíduos, bem como os abismos existentes na forma de ocupar a cidade.

O romance desenvolve uma poética que faz uma descontextualização que expande o repertório da cidade nesse entrever/transver Recife por diversas camadas e direções. A Recife de Josué, se constroi em um terreno que não é nem terroso, nem aquoso, mas anfíbio, que tem suas raízes fincadas em uma “mistura incerta de terra e água” (CASTRO, 1966, 14). Talvez neste trabalho ele tenha conseguido ilustrar com excelência o que seria o que ele chamou previamente de “alma da cidade”.

Quando ele contrasta a imagem do mangue com a da cidade luminosa/formal é possível criar um nexo que resgata Recife de suas águas aterradas, um mundo que se organiza por uma lógica não hegemônica que cria uma forma de ocupar o território com senso estético próprio. Narrativas como essa, que deslocam a perspectiva da história através de uma crítica social associada à ficção, podem fazer uma reconstrução analítica do cotidiano que contempla “outras leituras de território e povoamento” (TORRES, 2012).

Esse contexto nos leva a refletir sobre a importância dos manguezais não apenas como um ecossistema, mas como um espaço fundamental para a vida e a identidade dessas comunidades. As comunidades que vivem próximas aos manguezais dependem desses ecossistemas como meios de subsistência uma vez que são fonte de alimentos essenciais – como peixes, caranguejos e moluscos, que são importantes para a dieta local – mas também de trabalho. Sua importância para o equilíbrio da vida vai além da relevância ambiental. Também têm relevância social e cultural nas regiões de costa onde se encontram. Contudo, apesar de sua importância para o equilíbrio na vida terrestre, ele estão desaparecendo até cinco vezes mais rápido que as perdas florestais no mundo em geral⁷⁴, sendo um dos ecossistemas mais ameaçados do planeta.

O segundo país do mundo em extensão dos manguezais é o Brasil, no Recife, aproximadamente 3% da área da cidade hoje é formada por manguezais, mas pode-se dizer que a cidade foi formada a partir de aterro, em cima dos mangues. Formado por árvores frondosas de raízes pneumotróficas, também conhecidas como raízes respiratórias, são uma adaptação da natureza para sobreviver em regiões alagadas com baixo teor de oxigênio, se abrindo para o ar

enquanto a terra se afoga em águas. A força de sobreviver em um lugar que não deveria por senso. Esse caráter quase mágico e resiliente que circunda os mangues também foi inspiração de diversos artistas tanto no ramo das artes plásticas quanto do cinema, da literatura e da música, o que abriu precedentes para se pensar na importância da preservação dos mangues, social e culturalmente, que veremos mais a seguir.

Caranguejo-uçá, *Ucides cordatus*, é um animal endêmico dos manguezais brasileiros, que atravessa a costa atlântica do sul ao norte das Américas. Habita regiões influenciadas pelas marés e de substrato movediço, a lama, podendo fazer tocas que atingem até 2m de profundidade. O caranguejo-uçá contribui com degradação de matéria orgânica nos manguezais, o que está relacionado com seu hábito alimentar que consiste em ingerir detritos de origem vegetal, animal, podendo praticar até mesmo canibalismo.

A partir de sua observação do “ciclo do caranguejo” das comunidades do Recife nos anos 30, como já mencionado, o homem caranguejo, como Josué de Castro descreveu, é o homem que precisa entrar nos manguezais para extrair o caranguejo para sobreviver. A noção de uma simbiose, entre homem e caranguejo enunciada pela metáfora traduz os procedimentos de práticas de cata de caranguejo - “os homens se assemelhando, em tudo, aos caranguejos, arrastando-se, agachando-se como os caranguejos para poderem sobreviver” (CASTRO, 1966, p.12), um “mimetismo”, como ele mesmo chama, que provoca estranheza pelo caráter movediço e instável do mangue, mas também por se tratar de uma atividade que nas cidades surge como consequência da fome. Os homens caranguejos são os retirantes das terras do sertão que, movimentados pela fome, pela monocultura da cana-de-açúcar, pelo capitalismo, se viram forçados a buscar melhores condições de sobrevivência quando chegam na cidade.

O homem caranguejo é uma criatura de realidade social, mas como metáfora, a depender do contexto, age como recurso imaginativo que contribui para uma conscientização de um humano contaminado, territorializado, assim como o mangue é território contaminado pelos homens. Josué de Castro traz a fome e a

percepção da fome como sendo um instinto primário humano (CASTRO, 1946, 30) ,e, por isso, um efeito do corpo que produz relações subjetivas com os territórios e com a diferença. “Seres anfíbios”, escrevia Castro em 1957 (CASTRO, 1965), habitantes da cidade mangue, da terra e da água, “meio homens e meio bichos”. Compõem a “sociedade do mangue” como uma narrativa que re-territorializa o homem e o caranguejo de forma que desestabiliza os consensos.

A lama é narrada como um elemento híbrido que não permite totalizações, que é meia coisa de algo e meia coisa de outra. Os homens caranguejos que se alimentam do caldo de caranguejo, “êste leite de lama” (ibidem), seres humanos que se faziam “irmãos de leite dos caranguejos” (CASTRO, 1966, p.12). A relação de mangue, homem, caranguejo e cidade nos ajuda a compreender uma dinâmica relacional muito particular de suas disputas e um compromisso do autor de dar voz a uma população marginalizada.

Andar no mangue não é tarefa fácil para qualquer um: lama até os joelhos, cheiro forte de enxofre, mosquitos-pólvora que logo cobrem a pele exposta, raízes aéreas criando obstáculos a cada passo, um verdadeiro labirinto. Os homens caranguejos precisaram desenvolver táticas de sobrevivência que tomavam como base as práticas de agricultura familiar no sertão, aproveitando do território o que ele tinha a oferecer. No romance ***Homens e Caranguejos***, essa população é narrada pela voz do menino João Paulo como figuras heroicas com “armaduras de barro”, fazendo referência à técnica de cata de caranguejos de **braceamento**. São heróis de uma realidade atípica, em contato direto com sua corporalidade.

“Aos olhos de João Paulo , estas figuras humanas aparecem como se fôssem figuras de heróis das antigas histórias de

cavaleiros armados que lhe contou Cosme. Como se fôsem gigantes com o corpo fabricado com grandes blocos de barro, retirados do próprio mangue. Formados ali mesmo na lama como se formam e se criam os caranguejos na fermentação do charco. Para João Paulo, êstes homens, cavaleiros da miséria, com suas armaduras de barro, e os caranguejos, com suas duras carapaças, são os heróis de um mundo à parte, são membros de uma mesma família, de uma mesma nação, de uma mesma classe: a dos heróis do mangue. E João Paulo se sente como se fôsse um filho dessa família. Sente-se inconscientemente identificado com êstes sêres, fraternalmente ligado aos homens e aos caranguejos, conquista dores do mangue.” (CASTRO, 1966, p.45)

A técnica consiste em cobrir o corpo inteiro com lama, para evitar que os mosquitos pousem sobre a pele, outra parte consiste em enterrar o braço completamente na galeria construída pelo caranguejo até encontrar seu habitante, Nas comunidades ribeirinhas, o uso do território é marcado pela nutrição, e por uma estrutura de organização ecológica que se contrapõe a uma verticalidade em relação a terra, que Nego Bispo, ao falar de organizações indígenas e quilombolas chama de “estrutura circular” e “biointeração” (BISPO, 2015).

A metáfora de Josué de Castro é insumo para vários outros trabalhos, assim como também caminha junto de outros intérpretes que nos ajudam a ampliar as visões de mundo e modos de ocupar territórios. A cidade moderna é fragmentada pelo discurso da **cidade-mangue**, onde moram os homens caranguejos, e aparece em constante transformação. Entende-se que os homens caranguejos fazem referência a uma diferença que surge de uma cidade fragmentária, onde o uso da metáfora nos ajuda a pensar essa materialidade como uma presença concreta na

cidade, e não algo do qual se busca apartar.

Quando os discursos sobre a cidade são contaminados por outras linguagens, como o cinema, a dança, as artes visuais, através das metáforas, é possível, talvez, dar voz a existências e agenciamentos sociais e culturais que se encontram nessa cidade fragmentária.

Usando a metáfora literária do *Homem Caranguejo*, de Josué de Castro, como impulso inicial, neste trabalho buscou-se entender como essa narrativa se constroi através de uma genealogia que segue regimes de semelhança, perspectivas sociais e ficcionais que se confundem com uma territorialidade, criando um campo descontínuo segundo o entendimento que as relações entre as práticas e narrativas são um espaço aberto. Como explicitam Washington Drummond e Junia Mortimer:

“Nossa genealogia se aproxima mais de um campo aberto e experimental atento à emergência de valores que criam e ressignificam práticas e narrativas em circunstâncias históricas dadas e que são submetidos a movimentos imprevistos oriundos de outro regime de regras”

(MORTIMER, J.; DRUMMOND, W., 2020)

Enfatiza-se que aqui a escolha é em explorar as imagens do homem caranguejo, como metáfora e narrativa, e seus efeitos nas noções de como as relações da cidade se dão, entendendo que as linguagens são infiltradas por temporalidades e espacialidades distintas, mas que mesmo assim se misturam aprofundando o jogo de atores, humanos ou não, que compõem a dinâmica citadina.

O texto, neste trabalho, foi o campo de partida no qual se deu nossa análise, começando pela linguagem poética do romance, que, através de uma ficção, acaba por criar outros cenários. Importante comentar que Castro não descobriu o “homem caranguejo”, mas que foi dando voz às comunidades ribeirinhas do Rio Capibaribe através do homem caranguejo que Castro fez a “descoberta da fome” (CASTRO, 1966).

Ele lança o romance em 1966, e inaugura essa metáfora em seu trabalho, mas o “ciclo do caranguejo” já estava presente em seus trabalhos científicos e literários. “O cão sem plumas”⁷⁵, publicado em 1950, pelo poeta João Cabral de Melo Neto, é uma das referências literárias de Josué de Castro (1966, 25). Em João Cabral, diferentemente de Castro, o protagonista é o rio de Recife, o Rio Capibaribe, e sua relação com o homem e com os manguezais.

Em sua narrativa, através do uso de metáfora e figuras de linguagem, Cabral de Melo transfigura a imagem do rio-lama, na imagem do homem em condição de miséria na cidade, do sertanejo e do cão sem plumas - sem adornos -, de tal forma que “difícil é saber” onde começa um e termina o outro. Como escreve o poeta:

Na paisagem do rio / difícil é saber / onde começa o rio; /
onde a lama / começa do rio; / onde a terra / começa da
lama; / onde o homem, / onde a pele / começa da lama;
/ onde começa o homem / naquele homem (CABRAL DE
MELO NETO, 1950).

Na época, João Cabral de Melo Neto estava em Barcelona exercendo seu cargo como diplomata⁷⁶, e havia lido uma reportagem que denunciava o estado de

poluição do rio Capibaribe (AMOURY, 2011). Melo Neto, através de uma poesia de denúncia, narra um rio que espelha a condição de miséria nas cidades, os homens caranguejos, os cães sem plumas, seres anfíbios - como falou Josué de Castro (1966) posteriormente -, que tentam sobreviver da lama do rio e à margem da sociedade que o destroi.

A construção e o encadeamento das ideias no poema opera uma suspensão de fronteiras que a metáfora do homem caranguejo pretende, entre os indivíduos, o rio, a lama e sua paisagem. O rio, assim como em Josué de Castro, não é mais um elemento a ser contemplado. Ele é narrado a partir de uma personificação que participa ativamente do cotidiano da cidade assim como seus habitantes, que pode atravessar a cidade como um cachorro atravessa uma rua⁷⁷, e que evidencia agenciamentos que confrontam a dualidade de Natureza e Cultura.

Entende-se que o trabalho artístico não é neutro, explicitando as imagens subjetivas do autor, suas marcas e afetações ao decorrer de sua narrativa. O poema acaba sendo uma forma de escrita mais livre, de caráter menos documental, mas que pode vir a conter um caráter de denúncia social, mais ou menos, sutil. Para entender a relação de Castro com o trabalho artístico literário no Brasil podemos evocar outro texto seu, publicado em 1936, “O Nordeste e o romance brasileiro”. No artigo, ele fazia referência a uma geração de romancistas e poetas brasileiros que partilhavam uma certa noção de “tragédia nordestina”, com a qual faziam, através da literatura, uma história “povo” e da “terra” (CASTRO, [1957]1965, 58). À época, ele não se vê e nem se insere nessa crítica. Entretanto, ao escrever o romance *Homens e Caranguejos* ele está fazendo o esforço de denunciar a “tragédia do drama da fome” (1966), como ele mesmo escreve no prefácio do seu

livro.

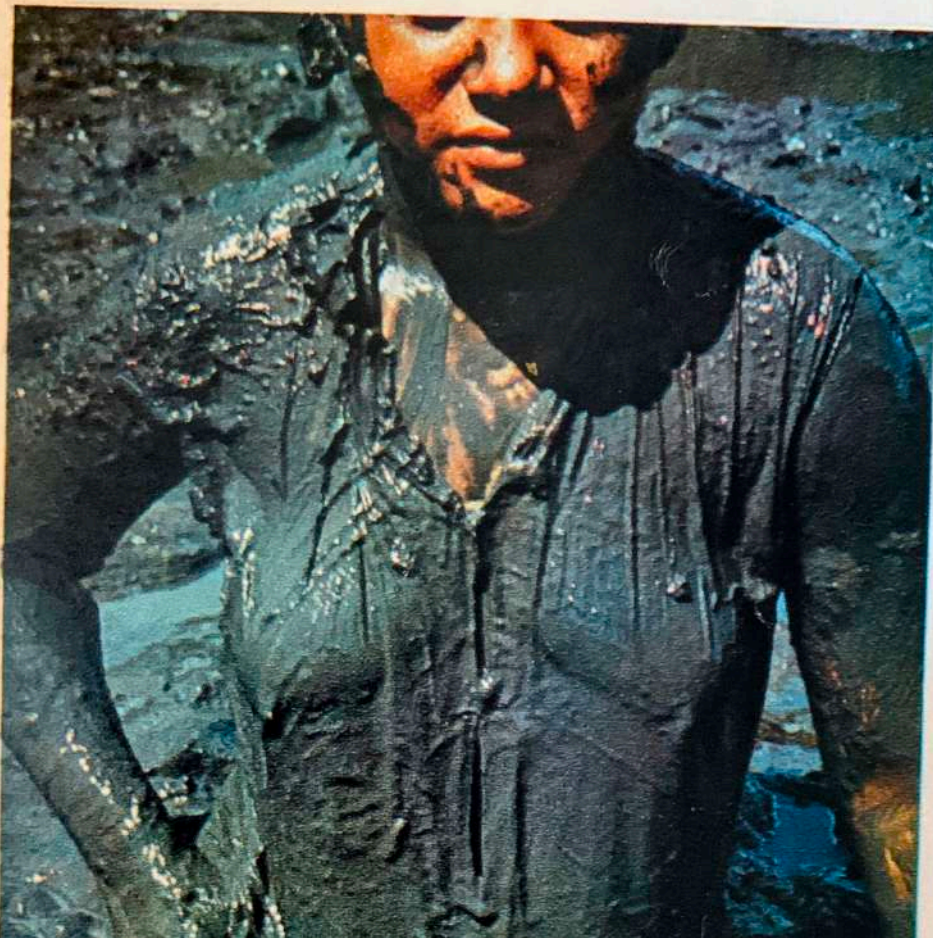
Ao aproximar esses dois trabalhos pode-se concluir que Castro, apesar de não ter se inserido na própria crítica como romancista - até porque na época não era -, com a metáfora dos *Homens Caranguejos*, cria insumo para territorializar uma cultura do mangue, criando como ele mesmo disse em 1936, uma “história do Brasil diferente ou uma história diferente do mesmo Brasil” (CASTRO, [1957]1965, 58).

A partir dos anos 1970, a metáfora do homem caranguejo saiu da literatura para outros dispositivos de narração e comunicação, o que permitiu que os sentidos e **interconexões do mangue** se ampliassem. Foi o que aconteceu com a matéria “Povo caranguejo”, publicada na Revista Realidade N.48, em 1970, também como uma forma de denúncia da “tragédia” da fome, mas em outra linguagem, produzindo outros efeitos e sentidos a uma mesma metáfora utilizando além do texto, fotografias.

A Revista Realidade, que entre os anos 1966 e 1976, se propunha a mostrar uma “outra realidade” do Brasil por meio de fotografias e textos em plena ditadura brasileira. Aqui já vemos um contexto histórico que se aproxima mais dos “homens e caranguejos” de Castro, que como já mencionado, foi publicado no seu exílio, mas que usa diferentes linguagens em outro contexto espacial e político. Fato marcante é que a revista surgiu buscando trazer ao leitor temas sociais de gênero, regionais ou étnicos, como a fome no Nordeste ou pautas indígenas, entre outros, apesar da censura imposta pelo momento político.

A reportagem “Povo caranguejo” surge nesse contexto, com texto de Audálio

fortemente a lama, de modo a ob-
minho do bicho. E
m frente, repetindo
o, arrastando-se por
pulando as raízes
e. Em pouco tem-
pomens são estátuas
parece que fazem
meio escuro e pe-
inda próximos uns
s, conversam, brin-
fazer conta, cada
dizer quantos ca-
já conseguiu apri-
a, em tom de or-
a de seu lado:
apei duas cordas!
rdas, 24 carangue-
resultado para me-
a hora de trabalho.
mais devagar, jo-
u velho corpo com
uldade pelo meio
do sapateiro. Ta-



pastosamente cavado se desfez sob
derosos. Agora
fazer o buraco
cima, caminho
dade quase
sempre perseg

Caranguejo
cípio com mu
pois mais dev
de vida ou mo
ma, cada vez n
patas se agita
na abertura do
cos chegam ao
fície por onde
vre, e sôbre a c
duradas, verde
as fôlhas do m
da do buraco, p
carinho, já nã
volta é tudo u
lama revirada.
fôlha no meio d
no mundo alter
jo nem pega.



POVO CARANGUEJO

POVO CARANGUEJO



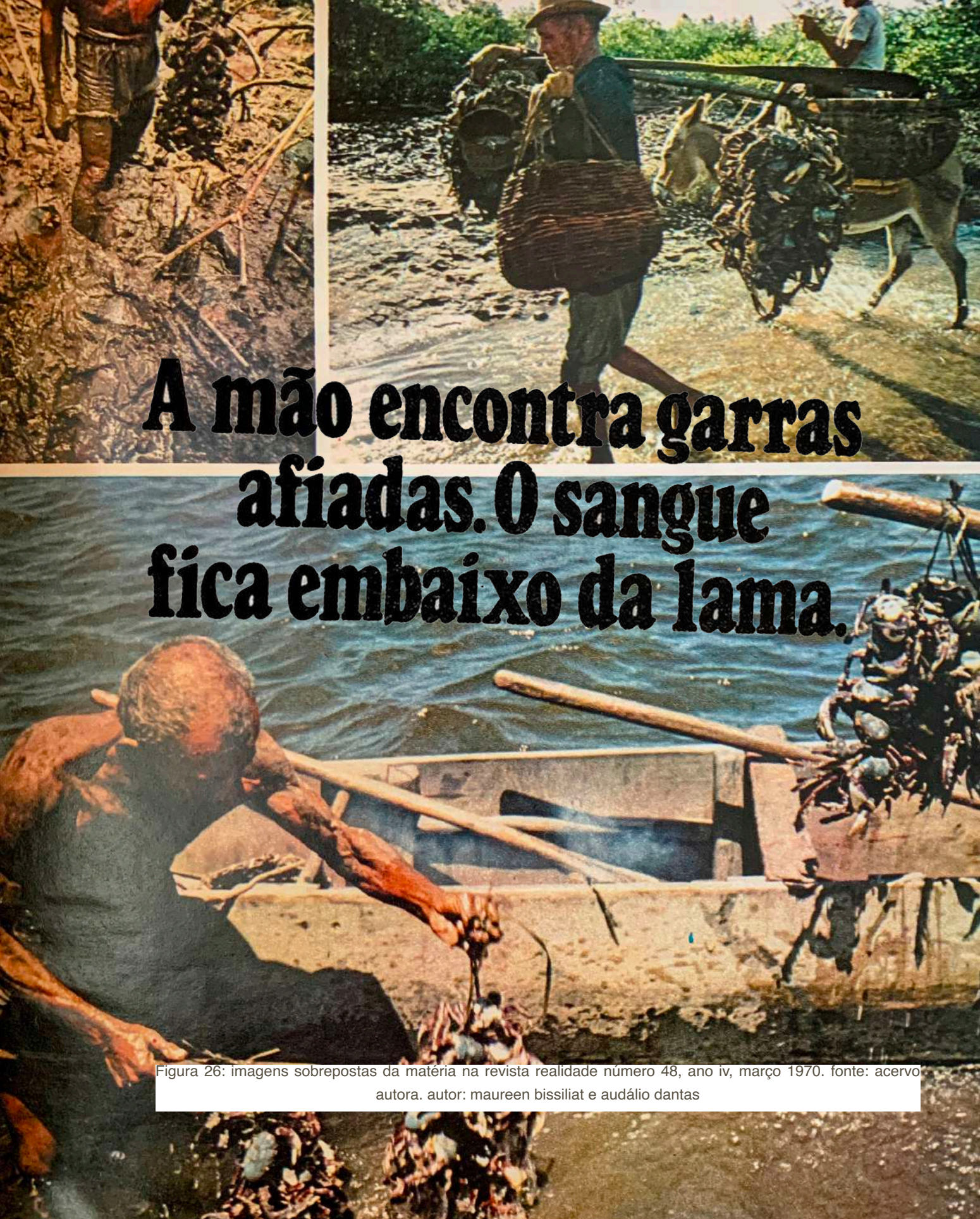
... pessoas, na aldeia
... a 20 quilômetros
... Paraíba. Eles
... difícil caçando car-
... com as próprias mãos, enfi-
... o pescoço. Nessa
... sobrevivência, o caranguejo
... Mas o homem ganha m

Foto de Aurélio
Foto de Maurício



O
... pessoas estão voltando ao p-
... o drama de cada dia sua con-
... cada vivem os caranguejos.
... revolta sobre o mundo pegajoso do
... inferior à realidade que os botam
... olhos seus caçando sob os pés m-
... anda firme; aos poucos, o caldo m-
... anda e agitando pés, depois per-
... homens estão chegando ao centro
... busca, resistentes, refugiam-se na
... para não apressar o resto de sua
... sendo passado em busca de comida,
... que dá lugar precipitado. A vida d-
... em sobrevivência sob os pés dos ho-
... caranguejos.

HOMEM — Cezar de Ota, Z



**A mão encontra garras
afiadas. O sangue
fica embaixo da lama.**

Figura 26: imagens sobrepostas da matéria na revista realidade número 48, ano iv, março 1970. fonte: acervo autora. autor: maureen bissiliat e audálio dantas

Dantas e fotografias de Maureen Bisilliat, e enfoca a vida cotidiana dos catadores de caranguejo na Aldeia de Livramento, na Paraíba. A narrativa textual é jornalística, e escolhe uma abordagem que mistura ficção com uma pesquisa antropológica, trazendo questões biossociais da Aldeia através de dois eixos de observação: “o papel do catador de caranguejo e outro que se coloca no lugar do próprio caranguejo” (LEITE, M. E.; SILVA, C. A. C.; VIEIRA, L. A., p.63, 2015), evidenciando o **conflito** entre o homem e o caranguejo.

“Na solidão e no silêncio sombrio do lamaçal, caranguejo é rei. Riscam a face lisa e negra da lama com suas patas cabeludas, as molas atentas, agressivas, movendo-se como alicates, à espera das fôlhas de mangue que caem de maduras ou derrubadas pelo vento [...] O mundo é lama, raiz, água, buraco, agitar de patas [...] De repente, o fervilhar aumenta. Há uma enorme agitação, um rápido correr de lado, para todos os lados. Os homens estão chegando, a pisar forte e profundamente a lama. Fuga. Fundo de buraco. Mêdo.” (DANTAS e BISILLIAT, 1970, p. 104).

“Furar, enfiar o braço na lama à procura dos que não conseguiram chegar à superfície, é trabalho mais demorado e, muitas vezes, doloroso: os dedos dos homens encontram as unhas afiadas dos caranguejos, ferem-se e sangram. O sangue nem chega a ser visto, perde-se no escuro da lama. Mas o caranguejo vem, e aumenta a corda.”(DANTAS e BISILLIAT, 1970, p. 108).

Apesar de se tratar de um texto jornalístico ele tem uma abordagem ficcional por sugerir esse deslocamento de perspectiva da narração para a visão do caranguejo. Esse deslocamento, mesmo que ficcional, nos aproxima de outra realidade, outra

relação, ao mesmo tempo que evidencia o **conflito** entre o catador e o caranguejo.

Já as fotografias de Maureen Bisilliat dão suporte ao texto evidenciando uma relação de **simbiose** entre homem e o caranguejo na lama dos manguezais. Na imagem que abre a reportagem (Figura 26) vemos uma mulher coberta de lama, com uma gestualidade que sugere um movimento de entrar nessa lama, tal qual os caranguejos fazem, criando uma metáfora visual que sugere essa **simbiose**. Para pegar caranguejo o homem precisa se despir de si, e se tornar caranguejo, efeito de uma criatividade que surge da insistência em sobreviver e de uma observação atenta de outros ritmos de vida.

“Cada homem escolhe um rumo para iniciar a caça. Vão em leque, na primeira etapa do trabalho, que é a tapagem: escolhido o buraco - os maiores, que guardam caranguejo mais avantajado -, geralmente no meio de uma poça de água, enfiam o braço direito para saber a direção; depois pisam fortemente a lama, sapateiam de modo a obstruir o caminho do bicho” (DANTAS e BISILLIAT, 1970).

Evidentemente o maior conflito é com as estruturas sociais que sustentam essas práticas, Audálio descreve todas as etapas de cata dos caranguejos, desde o momento em que os catadores acordam, até o valor de venda de cada corda de caranguejo. Os catadores não partem de uma abordagem exploratória no sentido negativo da palavra. Um caranguejo fêmea pode carregar até 10.000 ovos, eles libertam os caranguejos filhotes e as que estão com ovos “porque vai ser mãe, produzir muitos caranguejinhos” (DANTAS e BISILLIAT, 1970). Unir a imagem com o texto nessa matéria mostra a contradição presente nesta relação de homem e caranguejo, ambos tentando viver em um ambiente instável, mas em conflito

para sobreviver.

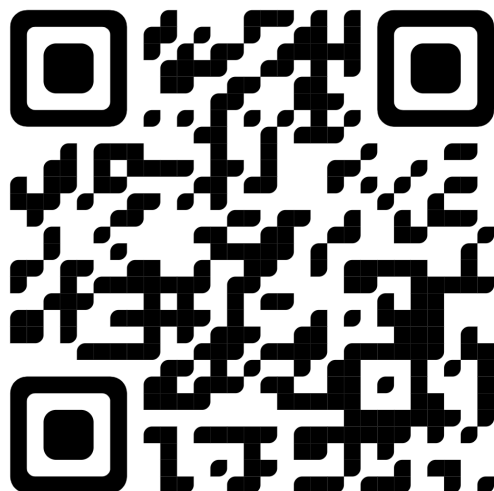
A reportagem surgiu depois que Maureen Bisilliat e Audálio Dantas assistiram ao filme “O homem do caranguejo” (1968), de Ipojuca Pontes, com quem Josué de Castro havia se correspondido⁷⁸, como já mencionado anteriormente nesse texto. O filme, segue também uma abordagem experimental, na qual o autor faz também esse esforço de deslocamento da perspectiva do homem, para a perspectiva do caranguejo inserida em uma cidade outra, na cidade-mangue . Com a narração de Paulo Pontes e trilha sonora de Villa Lobos, busca fazer uma denúncia das fragmentações da sociedade através de um “ciclo de marginalização” imposto pelo processo de metropolização e industrialização das cidades - não à toa é usada a palavra ciclo, faz referência clara ao “ciclo do caranguejo”. O filme começa com um som hermético e a narração de um texto enquanto mostra imagens de homens trabalhando no sertão e em seguida dos mocambos nas cidades:

“Por não encontrar perspectivas de melhores dias, o homem das caatingas rumo às grandes cidades do litoral, para ele a última esperança de vida, mas perdido no burburinho da metrópole, sem condições para o trabalho qualificado, agrega-se nas periferias urbanas, e encontra nas atividades primitivas o único meio de sustento. É nesse ciclo de marginalização progressiva, que a pesca do caranguejo representa uma tábua de salvação para muitos nordestinos” (Introdução do filme “Homens do Caranguejo” de Ipojuca Pontes, transcrito pela autora)

A fome aparece no filme na subnutrição visível no corpo dos catadores e catadoras, que incluem idosos e crianças. Ipojuca Pontes tenta representar uma “sobrevida”, que persiste e insiste em sobreviver apesar das condições impostas

pelo capitalismo. As imagens são captadas para impactar, com cenas silenciosas, onde o som é apenas o do movimento de contato com a lama. Esse “mimetismo” (CASTRO, 1965) entre homem e caranguejo também aparece como linguagem visual na 3ª edição da antologia “Documentário do Nordeste”, publicada pela Editora Brasiliense, em 1965, mesmo ano de lançamento do romance *Homens e Caranguejos*, sob autoria do ilustrador pernambucano Darel Valença Lins⁷⁹, buscou representar o homem como sombra do caranguejo através do desenho e da ilustração.

As imagens dos homens caranguejos nos mais diferentes dispositivos e linguagens tensionam um campo significativo que se relaciona com o território da cidade dos manguezais e suas culturas sob outros parâmetros. Nos anos 90, com a modernização e industrialização saturando as cidades, **o homem caranguejo** é marcado pelo surgimento dos *mangueboys* e *manguegirls*, já mencionados



Aponte seu celular para o QR-Code ao lado para assistir o documentário “Homens do Caranguejo” (1968) de Ipojuca Pontes ou pelo Youtube, ou siga o link a seguir: <https://www.youtube.com/watch?v=jZHxKz3NEdA>

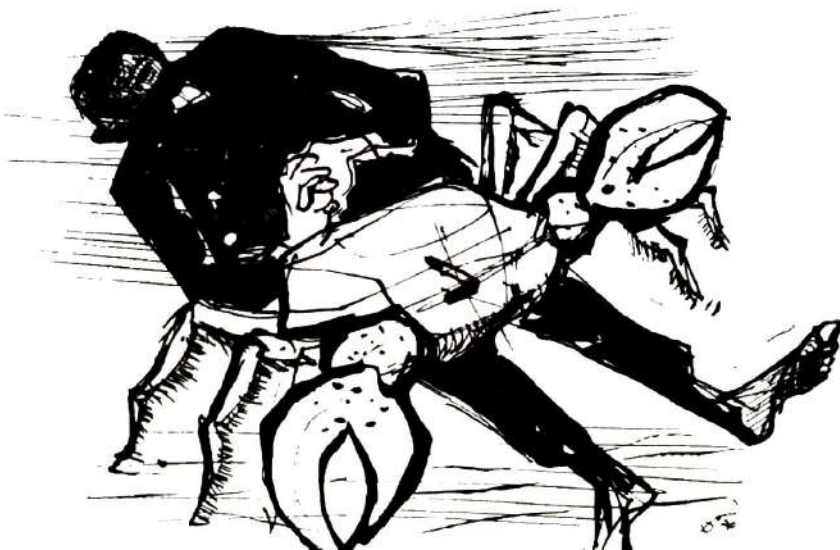


Figura 27: Ilustração feita por Darel para o conto “Ciclo do caranguejo”, na 3a edição do “Documentário do Nordeste”, publicada em 1965. Fonte: Acervo da autora

Figura 28: Ilustração feita por Darel para o conto “Despertar dos Mocambos”, na 3a edição do “Documentário do Nordeste”, publicada em 1965. Fonte: Acervo da autora



Fig. 2 – O Despertar dos Mocambos



Fig. 8 – A Sêca ou Ôlho de Deus

Figura 29: Ilustração feita por Darel para o conto “A Seca”, na 3a edição do “Documentário do Nordeste”, publicada em 1965. Fonte: Acervo da autora

no texto, como efeito da **Cena Manguê**, ou **Movimento Manguê**, ou *Manguebeat*.

O Movimento Manguê, como vimos no capítulo anterior, se apoia na noção radical de hibridismo, ou seja, na diversidade e na mistura, "ao buscar novas e múltiplas formas que, por sua vez, também indicam uma pluralidade de influências" (VARGAS, 2007). Através de textos jornalísticos, rádio, artes visuais, canções, entre outras, e pôde assim, demonstrar a força de disseminação de um movimento que era híbrido também em suas linguagens. Dentro do contexto de pós-modernização, o híbrido⁸⁰ é um "produto instável" que coloca em dúvida as determinações feitas sobre ele, sem se reduzir a um aspecto único. Pressupondo assim, uma diferença que é acionada de acordo com os contextos em que ele é colocado (VARGAS, 2007) .

Importante enfatizar que, apesar de se apoiar em tantas linguagens, o *manguebeat* tem a música seu norte, que ajuda a narrativa a se inserir em camadas populares e em outros contextos em que a literatura e a fotografia não tem tanto acesso. Nação Zumbi, por exemplo, enfatiza as misturas culturais do Recife, os grupos de música popular, como maracatu e caboclinho, através da territorialidade híbrida na qual esses grupos surgem, introduzindo, com a ideia de "manguê" e "lama" uma estética dinâmica que parte de princípios como o "caos" e a "desorganização". Os "caranguejos com cérebro" são os "homens caranguejos" que conseguiram quebrar o ciclo que perpetua a pobreza e a segregação, através de uma cultura pulsante, diversa e cheia de contaminações.

A estética sonora, de mistura de instrumentos e estruturas composicionais fazem

parte desse hibridismo, e dessa “lama” cheia de elementos, (bio)diversa. Isso se dá como um esforço de tradução não apenas de uma realidade social na cidade, mas também de tradução de uma “socialidade mais que humana” (TSING, 2022), ou “para além do humano”⁸¹, que aprende com o território, no caso, com o mangue, como bioma e estética, produzindo efeitos em um território que surge de forma transdisciplinar.

Chico Science e Fred Zero Quatro, ao seguirem os manguezais e os homens e caranguejos de Josué de Castro, fazem assembleia com entes distintos que se emaranham nas cidades. Assim como a metáfora dos *homens caranguejos*, de Castro, age como um dispositivo metodológico de apreensão da cidade, o *manguebeat* amplia e faz eco com Castro, com uma **cidade-mangue**, a *Manguetown*. O *manguebeat* flexiona o homem caranguejo de Josué de Castro, traduzindo-o no sentido de falar como se dão as configurações territoriais e culturais de uma Recife desigual, sintoma da estagnação cultural.

Entretanto, um não anula o outro, os *mangueboys* e *manguegirls* vem para somar e multiplicar as referências e sentidos da cidade do Recife.

Os homens caranguejos de Josué de Castro fazem eco até hoje, como no curta **“Homens e Caranguejos” (2017), dirigido por Paulo Andrade** e, principalmente, para colocar em foco as comunidades ribeirinhas que têm o manguezal como fonte de subsistência. Apesar da denúncia narrativa existir, a cidade já se encontra “prostituída”, como dizia Chico Science e muitas comunidades hoje vivem em situações precárias. O curta de Andrade faz uma paródia do romance de Josué de Castro, se infiltrando no contexto contemporâneo, quando

é ambientado não no Recife dos anos 1930 que Josué narra, mas sim na favela do Bode, no Recife de hoje.

O filme também é uma ficção, ambientada em um território registrado como uma das ZEIS no plano diretor da cidade do Recife, que tem suas atividades afetadas pela construção da Via Mangue, mencionada no capítulo anterior. As disputas territoriais que atravessaram a comunidade ficam evidentes na narrativa. Sobre a questão de para quem o filme é feito, o curta parte da iniciativa “Cine Bode Expiatório” articulada com o projeto cultural “Livroteca Brincante do Pina”, já citada, que tem como intuito ser um espaço de comunicação do povo para o povo. Aqui o idealizador do projeto, Kcal Gomes, fez de sua própria palafita um local de inclusão social pensando em proporcionar a construção de um espaço que incentivasse a leitura crítica, a cultura, e conscientização social a partir da organização coletiva.

Em contrapartida ao filme de Andrade, a metáfora do homem caranguejo também é flexionada se servindo de linguagens populares mas de cunho mais midiático, construindo outros sentidos e dobras. Assim, em janeiro de 2024 foi ao ar em uma das emissoras mais influentes do país, no horário dito como nobre para televisão brasileira, a refilmagem da **novela Renascer**, ambientada na Bahia, escrita e criada pelo autor Benedito Ruy Barbosa. Curiosidade diacrônica, a primeira versão de Renascer foi ao ar em 1993, mesmo período que surgia o *manguebeat* mas, agora, na reedição da novela, uma cena chama a atenção: um dos protagonistas, Tião é catador de caranguejo e carrega em si o sonho de sair do cenário de miséria e fome, na cena aparece coberto de lama da cabeça aos pés no meio de um manguezal enquanto conversa com os caranguejos em sua volta



Figura 30: Imagem retirada do capítulo do dia 21/02/2024 da novela Renascer, da Rede Globo. Fonte: Globoplay

sobre sua insatisfação por não ter outra opção a não ser comer caranguejo. Em outra cena, Tião está lendo um livro, é possível ver de relance o título, “Homens e Caranguejos”, e recita um dos trechos que diz: ““porque a gente mora no mangue e não na cidade?” (...) é o destino (...), lá do outro lado é o sonho dos rico, e aqui é sonho dos pobre” seguido de um trecho da música, “Palavra Acesa”, de Quinteto Violado, uma das bandas que surgiram do Movimento Armorial (1970), já mencionado, que diz

Palavra quando acesa, não queima em vão; Se o que nos consome fosse apenas fome; Cantaria o pão; Como o que sugere a fome; Para quem come; Como o que sugere a fala; Para quem cala; Como que sugere a tinta; Para quem pinta; Como que sugere a cama; Para quem ama (Trecho

da música “Palavra acesa”, lançada em 1978 no álbum “Até a amazônia?” da banda Quinteto Violado)

A arte e a ficção permite tais infiltrações: Benedito Ruy Barbosa ao fazer esse atravessamento do romance de Josué de Castro, com uma música do movimento Armorial, que se opôs fortemente ao movimento mangue na década de 90, cria um nexo de compreensão para a atualidade do problema da fome nas cidades. Esse esforço representativo de uma realidade social em canal de emissora aberta mostra a amplitude que a obra de Josué de Castro conseguiu atingir, e a potência de metáfora que assume tantas faces.

Os manguezais têm gradualmente ultrapassado as fronteiras que foram estabelecidas pelos projetos higienistas das décadas de 1930 e 1970 no Recife. No entanto, há um traço comum em todas essas representações apesar de suas linguagens e dispositivos distintos: a concepção da "sociedade do mangue" de Josué de Castro, o retrato do "Povo Caranguejo" na Revista Realidade, a cultura dos *mangueboys* e até mesmo personagens como Tião da novela Renascer. Todos eles apresentam formas de estabelecer vínculos com o território, baseados não em uma relação vertical, como propunham os projetos de progresso ou desenvolvimentismo, mas sim em uma conexão horizontal e multiespecífica, com os elementos que permeiam o território: os mangues, os caranguejos, a lama e suas raízes intrincadas.

Essas narrativas criam uma **cidade-mangue**, explorando relações que são regidas por leis para além do humano. Talvez não seja possível “reinventar a cidade”, ou evitar a iminente queda proveniente da ideia de uma tragédia climática, mas sim

descobrir os “para-quedas” que nos permitem uma experiência territorializada que amplie as visões de mundo além das palavras “natureza”, “cultura”, “cidade”. Como diz Ailton Krenak: “Talvez seja outra [a] palavra [a ser usada] para o que costumamos chamar de natureza. Não é nomeada, porque só conseguimos nomear o que experimentamos” (KRENAK, 2019).

“(...) algumas vezes cidades diferentes sucedem-se no mesmo solo e com o mesmo nome, nascem e morrem sem se conhecer, incomunicáveis entre si.” (CALVINO, 1990, 30)

EPÍLOGO

"PARA ALÉM DO HUMANO"

Propomos para este epílogo conjunções e sínteses provisórias que forneçam indícios para desdobramentos e caminhos de pesquisa. Nesta dissertação, a investigação iniciou ao se debruçar sobre o romance de Josué de Castro, *Homens e Caranguejos*, publicado durante seu exílio em 1966. O romance, fora desdobramento de uma antologia que Castro publicou em 1937, com textos de anos e caráter diversos, no qual ele reflete sobre a “paisagem viva do nordeste” no contexto de metropolização do Recife durante os anos 1930.

Compreender de que cidade emerge a metáfora do “homem caranguejo” foi essencial para fazer o nexos de sua potência como disparador cultural, portanto, ético e poético. Conforme a pesquisa foi avançando, foi possível assimilar



Figura 31. Raízes aéreas de manguezal. Fonte: Atlas dos Manguezais

que cidade que emerge do romance de Castro figura os efeitos de segregação territorial através do processo de adensamento urbano associado ao fenômeno da metropolização de Recife. Vimos como a ocupação dos manguezais aconteceu de forma acelerada, e a precoce formação da “mocambópolis” e de uma “sociedade do mangue”. Fomos entendendo que Recife, o mangue, os homens caranguejos, entre fabulações e lutas pelo de resistência pelo território, produzem-se mutuamente.

Buscamos entender a construção do imaginário dos mangues em Recife, a partir de 1928, quando, como aponta Lira e Charlot (1998), havia uma “angústia” relacionada com a presença dos mocambos na cidade, que eram vistos como

“cistos” que “prejudicavam a beleza da cidade” (LIRA; CHARLOT, 1998). Ao aproximar a “Liga social contra os mocambos”, decreto aprovado por Agamenon Magalhães em Recife, 1939, com surgimento de comunidades ribeirinhas (JUCA, 2021), como a de Brasília Teimosa, 1945, e da Ilha de Deus, 1959, ambas em Recife em áreas isoladas do olhar do “interventor” (JUCA, 2021). Dessa forma, nessa pesquisa entendemos como o imaginário do mangue está atrelado não apenas à questão do ideal moderno da época, mas também a questões de segregação social e cultural.

Os anos 1960 foram marcados no Brasil por uma noção de identidade coletiva comunitária a partir da cultura e também pela construção de uma “identidade coletiva” (JUCÁ, 2021, 36). Organizados através de movimentos, associações comunitárias, grupos passaram a reivindicar reformas urbanas que incorporassem as questões que valorizassem a cultura popular.

A exemplo do Movimento de Cultura Popular⁸² (MCP), no governo de Miguel Arraes, em maio de 1960, que buscava ampliar o acesso à cultura e à educação em comunidades pobres. Importante lembrar que em 1964 os movimentos de cultura popular foram interrompidos pelo golpe militar.

Os anos 1980, como aponta Rosa Maria Cortês de Lima, com o livro “A cidade autoconstruída”, se caracterizou como um momento em que a autoconstrução assumiu um papel de destaque nas políticas de habitação urbana (LIMA, 2005). Em julho de 1979, em Recife, a comunidade de Brasília Teimosa fez uma proposta de Projeto de Urbanização Comunitária, o projeto “Teimosinho”, pelo conselho de moradores, com o assessoria de técnicos, a comunidade comunicou a Prefeitura

do Recife através de um manifesto à opinião pública:

“Sabemos bem que nossa área torna-se cada dia mais cobiçada, sua boa localização. Isso não é culpa, nem mérito nosso: foi necessidade de sobrevivência que nos colocou aqui, há mais de 20 anos. E é pelo mesmo motivo de sobrevivência, que nós temos que fica aqui: perto das riquezas naturais do mar, e com acesso mais fácil ao emprego e trabalho no Centro e em Boa Viagem.

Além disso, não podemos admitir que se destrua valores, que dificilmente ainda se encontram na sociedade de hoje, e que marcam profundamente nossa vivência: boa vizinhança, alto grau de fraternidade, espírito de luta, e apesar dos pesares... Alegria de viver!”⁸³

Esse projeto foi muito importante para a comunidade, sendo o primeiro plano urbanístico brasileiro elaborado por grupos populares, que foi financiado pelo BNH (Banco Nacional de Habitação), sendo executado pela Prefeitura do Recife. As discussões e assembleias movimentaram grupos culturais, como nos apresenta Clara Torres, foi apartir dessas movimentações que surgiu o Grupo de Teatro Teimosinho, a Turma do Flau e o Centro de Educação Popular Mailde Araújo⁸⁴

Na Ilha de Deus, a comunidade também expressa a conexão com o território ligada aos meios de subsistência. Josué de Castro, já alertava que, das formas de criar vínculo com o território, a nutrição é uma das mais “tenazes” (CASTRO, 1965, 111). Jucá (2021), ao entrevistar moradores sobre o sentido de morar na Ilha de Deus, aponta que obteve muitos relatos que se associavam às necessidades básicas humanas, o “sustento” da vida, e complementa:

MANIFESTO À OPINIÃO PÚBLICA

Nós moradores de Brasília Teimosa, urbanizamos durante mais de vinte anos nossa área, há custo de dolorosos sacrifícios, e muitas vezes, contra o poder público. Nunca faltaram ameaças de expulsão. Mas conseguimos resistir com teimosia e dignidade, sob a liderança firme do Conselho de Moradores.

Contamos hoje com mais de 4.000 famílias, na maioria vivendo de salário mínimo.

Sabemos bem que nossa área torna-se cada dia mais cobiçada, por sua boa localização. Isso não é culpa, nem mérito nosso: foi a necessidade de sobrevivência que nos colocou aqui, há mais de vinte anos. E é pelo mesmo motivo de sobrevivência, que nós temos de ficar aqui: perto das riquezas naturais do mar, e com acesso mais fácil ao emprego e trabalho no Centro e em Boa Viagem.

Além disso, não podemos admitir que se destrua valores, que dificilmente ainda se encontram na sociedade de hoje, e que marcam profundamente nossa vivência: boa vizinhança, alto grau de fraternidade, espírito de luta, e apesar dos pesares... alegria de viver!

Agora, aproveitando do momento político, resolvemos nos dirigir ao Governo e à Opinião Pública, para comunicar as seguintes decisões, aprovadas em três assembleias gerais:

1. Antes de tudo exigimos a legalização dos terrenos para nós os atuais moradores, em termos de aforamento, proporcionando-nos uma segurança definitiva.
2. Estamos fazendo o nosso próprio projeto de urbanização com a participação de toda a população, o que achamos indispensáveis para qualquer projeto dessa natureza.
3. Depois do projeto ficar pronto vamos apresentá-lo ao poder público pedindo a sua aprovação e colaboração para realizá-lo.
4. Não aceitamos a expulsão de nenhum morador em hipótese alguma. Eventuais deslocamentos só admitimos dentro do próprio bairro.
5. No projeto de urbanização demos a prioridade à parte mais necessitada do bairro, que é a Beira-Mar, ou a área das Palafitas.
6. Caso for necessário, exigimos leis especiais para poder efetuar a legalização e urbanização do bairro, como também, meios especiais para todos, depois, poderem pagar os benefícios.
7. Toda e qualquer questão coletiva será tratada através do Conselho de Moradores.

Esperamos a solidariedade do Governo e do Povo de Recife.

Brasília Teimosa, julho de 1979.

Figura 32. Manifesto à Opinião Pública enviado pelo conselho de moradores de Brasília Teimosa em julho de 1979. Fonte: FERNANDES, 2010.

"As necessidades básicas de comer e garantir moradias levaram esse contingente de excluídos a fincar os pés no chão para sobreviver, fosse o chão de manguezal, encostas de morro ou área ribeirinha, locais naturalmente insalubres e de risco." (JUCA, 2021, 35)

Aproximar esses processos com a obra de Josué de Castro, que no romance ***Homens e Caranguejos***, em sua poética, narra a ocupação da comunidade fictícia de “Aldeia Teimosa” em áreas de alagados nos anos 30 e 40 de Recife ampliaram as formas, e entradas, para pensar a cidade. Começamos a perceber o “homem caranguejo” como um disparador cultural para iniciativas que criavam uma cidade a partir de um repertório que operam em uma dinâmica “para além do humano”.

No imaginário popular, o mangue agrega valores culturais e identitários, para além dos valores utilitários e exploratórios. Os processos de construção identitária e de cultura se associam com as formas que essas comunidades ocupam o território, o mangue, a natureza. Além das lutas de resistência pelos direitos básicos, pelo direito à cidade, **os processos de vínculo com território**, com a “terra”, com a lama, com os caranguejos, operam através de memórias e códigos secretos, a cidade que emerge do incomensurável, como nos lembra Denis Bernardes⁸⁵, em “A formação social do Recife”:

“A cidade é a mais permanente, complexa e rica criação cultural. Lugar do efêmero e do permanente, de códigos secretos/sociais, operacionais, de guetos – mas também de linguagens universais, nos anúncios, na publicidade, em alguns sinais de uso universal.” (BERNARDES, 2013, 153)

Buscamos entender como o “Homem Caranguejo” ajudou sucessivas gerações a atualizarem a crítica social sobre habitação precária, assim como sobre a potência ética e poética do manguezal. Fizemos uma “genealogia”, de imagens, textos e canções que narram as formas de construir no manguezal estão relacionadas com as práticas de manejo e interação com as outras formas de vida que participam, de forma interdependente, da construção da cidade-mangue.

Por exemplo, a matéria de Audálio Dantas e Maureen Bisilliat, “Povo do Caranguejo”, evidencia como o conflito e a simbiose entre o catador com a lama, mas também do caranguejo com o catador. Embora, ali, não se veja nenhuma cidade, a presença fantasmática das lutas cotidianas para encontrar alimento que comunidades ribeirinhas evidenciam outras formas de interagir com o território. O documentário de Paulo Andrade atualiza essa crítica com o curta-metragem que adapta a obra de Josué de Castro na comunidade do Bode, em 2021, ao mostrar que o “ciclo do caranguejo”, de Castro, ainda é atual.

O mangue se torna metáfora de Recife, entendemos que o mangubeat consegue traduzir bem. Os manguezais emergem nessas narrativas como uma metáfora, que se entranha e contamina eventos marcantes na história do Recife e que compuseram a configuração urbana assim como suas representações culturais. Entendemos que o disco *Da lama ao caos*, da banda Nação Zumbi, precursora do mangubeat, conseguiu atualizar a crítica à segregação social e a pobreza nas cidades.

Através da potencialização da imagem dos manguezais, com o Manifesto dos Caranguejos com Cérebro (1992), a imagem dos manguezais foi potencializada e

humanizada. Não podemos dizer ao certo que o manguebeat incentivou a criação de instrumentos legais que contribuíram para a preservação dos manguezais e das comunidades ribeirinhas de Recife. Mas, apenas dois anos após o manifesto ter sido lançado, a maior área remanescente de manguezal de Recife, foi denominada de “Parque dos Manguezais”, que em 2009 recebeu a adição de “Josué de Castro” em seu nome se tornando “Parque dos Manguezais Josué de Castro”.

Pode-se dizer que a partir dos anos 1990, há um esforço de positivação da imagem dos manguezais, a começar pela cultura, e que está sendo incorporado em instrumentos legais de urbanização da cidade. Com ebulição de uma “mudança climática”, ambientalistas estão pensando nas mais diversas soluções para postergar o que os Yanomamis chamam de “queda do céu” (KOPENAWA, 2015).

No campo internacional o manguezal também está sendo incorporado em projetos de prevenção de catástrofes climáticas. Conceitos como “cidades esponja”, Soluções Baseadas na Natureza (SBN), assim como selos de incentivo a construções sustentáveis como as LEEDs (Leadership in Energy and Environmental Design) tem orientado arquitetos e organizações, indicando um esforço de buscar soluções baseadas nas formas de organização e interação das plantas e dos animais⁸⁶

Malcolm Ferdinand, em “Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho” (2022) aponta para a contradição dessas soluções que apesar de buscar romper com “valores de escala vertical” - ou seja romper com as fronteiras entre “natureza” e “homem” nos aproximando de soluções mais “sustentáveis” -, é preciso se atentar para o contexto onde a solução está inserida, e também analisar os “valores da escala horizontal” - ou seja, questionar como essas intervenções

se relacionam com as questões sociais, de gênero, de raça, com as dominações políticas ou a hierarquia das espécies (FERDINAND, 2022).

No Brasil, em 2024 o presidente Lula assinou o decreto Nº 12.045, que cria o Programa Nacional de Conservação e o Uso Sustentável dos Manguezais do Brasil (Pro Manguezal)² que inclui em suas diretrizes a melhora de vida das populações que têm o manguezal como principal meio de subsistência, a preservação da memória tradicional desses povos, a promoção da justiça climática e o combate ao racismo ambiental. Apesar disso, a líder da comunidade quilombola de Bananeiras, na Ilha de Maré, em Salvador (BA), Marizelha Lopes, diz que o decreto não desperta esperança na comunidade pesqueira:

“Nós vivemos num país de muita contradição. Os que têm uma preocupação, que chamam a gente para pensar a proposta de como proteger [o meio ambiente], são os mesmos que licenciam, por exemplo, a carcinicultura [criação de camarões em viveiros], a privatização de áreas de manguezal (...) A gente tem se colocado enquanto trabalhadores, enquanto militantes, pessoas que vivem diretamente da pesca, que vivem diretamente da natureza. E o que tem ainda de proteção dos manguezais está protegido por nós, povos das águas, das matas, das florestas (...) a gente tem poucas expectativas, na verdade.

“87

A história da Ilha de Maré, localizada na Baía de Todos os Santos, é marcada por processos de exploração da região desde o período colonial, onde as populações escravizadas se refugiaram dos engenhos da região do recôncavo baiano. Em 1941 foi construída a primeira petrolífera brasileira e, Candeias (BA), seguindo

da implementação do Complexo Industrial de Aratu, o Complexo Petroquímico de Camaçari e o Porto de Aratu-Candeias na década de 1970 até a recente venda da Petrobrás para um grupo árabe em 2021.

Entendemos então, que mesmo com essa positivação, ainda há um conflito entre políticas ambientais e sociais com as comunidades interessadas, o que nos aponta caminhos possíveis de continuidade da pesquisa.

Ir até as origens dessa crise nos aponta para a necessidade de considerar a cidade em toda sua complexidade e questionar os sentidos de soluções e selos que tem como suporte estruturas que restringem as múltiplas formas de vida. A cidade é um campo de disputas e relações que é indissociável dessa questão.

Nesta dissertação acompanhamos esse território híbrido que é o manguezal, atrelado à memória, criando uma temporalidade difusa e heterogênea. **Territórios de populações quilombolas e racializadas que, assim como as raízes respiratórias, encontraram nos manguezais uma forma de sobreviver à dinâmica funcionalista. A luta por justiça ambiental é uma luta aliada ao racismo ambiental.**

Dar voz aos representantes das comunidades interessadas, valorizando também linguagens que não são apenas escritas: a dança, a música, as histórias orais contadas pelos mais velhos. Essas narrativas nos ajudam a flexionar o sentido das coisas e reforçar a memória urbana dessas populações. Essas narrativas transfiguram os sentidos de relação com o território, nos oferecendo uma tradução que possibilita a compreensão de outras formas de habitar, culturas e

práticas como forma de preservação da memória de histórias outras nas ruínas do capitalismo.

Ao seguir a lama, os mangues e os caranguejos, podemos acompanhar nesta dissertação histórias tanto verdadeiras (não como verdades absolutas, mas como outras verdades possíveis), quanto "fabulosas". Existindo desde antes dos princípios civilizatórios e sobrevivendo às ruínas do capitalismo. Histórias de encontros que se dão nas reentrâncias da terra com o mar, de um solo denso e lamacento, e de suas raízes aéreas, que em um movimento de expansão, encontram modos de sobreviver em um ambiente saturado. Andar na lama ensina sobre um movimento instável, onde não se sabe quanto o pé afundará no próximo passo, nem que microrganismo será encontrado.

.

ANEXOS

A CIDADE⁸⁸

Recife, capital do Nordeste, não é cidade duma só cor, nem dum só cheiro, como muitas encontradas por Kipling em suas viagens, que depois as podia evocar admiravelmente num só adjetivo, expressão dum estado sensorial. Longe disto. Por seu arranjo arquitetônico, pela tonalidade própria de cada uma de suas ruas, o Recife é desconcertante, como unidade urbana, impossível mesmo de caracterizar-se. Casas de todos os estilos. Contrastes violentos nas côres gritantes das fachadas. Cidade feita de manchas locais diferentes, não há por onde se possa apanhar na fisionomia das casas o tom predominante da alma da cidade.

A Praça Rio Branco faz mesmo lembrar Hamburgo. Pois, não é mesmo um assombro p'ro viajante que vem da Europa?! Quem diria que dêsse outro lado do Atlântico, no Brasil, país de mestiços e bem nos trópicos, o viajante iria topar com um espetáculo dêstes, logo no primeiro pôrto que o navio toca? Espetáculo típico de cidade européia e das grandes. Salta o viajante do paquete, desce ao longo dos armazéns e desemboca mesmo na praça monumental. Cinco avenidas se abrindo em leque, com magníficos estabelecimentos comerciais. Ruas largas, limpas, retas, com as filas inquebrantáveis dos edifícios uniformemente solenes. Banco, telégrafos, companhias de vapôres... Prédios asseados, com um ar de disciplina e de riqueza. De recato mesmo e de desconfiança européias. Os homens de poucas palavras, tratando dos seus negócios. Fisionomia inteiramente européia. É verdade que estas ruas são curtas, curtinhas mesmo, se acabando logo ali adiante na beira do rio. Mas quando elas se acabam, lá vêm as pontes lançadas elegantemente sôbre o Capibaribe. E depois outras praças: a da “Independência” e a da “República”, com seus palácios e palacetes, do Govêrno, da Justiça, do

“Diário de Pernambuco”, todos feios, feíssimos, mas também monumentais como nas grandes cidades européias.

As pontes nos trazem ao Bairro de “Santo Antônio”, das repartições públicas, das casas de modas, do comércio a varejo, dos cinemas e das confeitarias, e da elegância da Rua Nova, dos cinemas e das confeitarias, e da elegância da Rua Nova, cheia de casas velhas. Ainda fisionomia européia, mas não a Paris, nem a Hamburgo, e sim, a Lisboa, num mais-à-vontade muito português. Casarões de três, quatro andares, pregados a meias-águas só de andar térreo. O Bairro da “Boa Vista” continua, com magros sobrados de varandas de ferro espremidos pela Rua da Imperatriz abaixo.

Já “São José” tem um aspecto quase suburbano, inteiramente diferente, com suas ruas atropeladas, enoveladas, com suas casas em promiscuidade, com seus pequenos funcionários públicos de vida apelada para parecer classe média, morando em casinha de porta e janela, e com seu comércio de artigos baratos, com preços apregoados nas portas por árabes e turcos. Ruas estreitas, becos, travessas. Confusão. O apêto da Rua Direita e da Rua do Livramento. Cenário oriental. Mercado de miudezas e de chitas vistosas pregadas nas fachadas das casas, de nomes ingênuamente deliciosos: “A Simpatia”, “A Magnólia” etc.

“Dois Irmãos”, “Madalena”, bairros antigos, históricos, tradicionais. Velhas igrejas barrôcas, recatadas, porém, sem o excesso de ornamentação que em geral o estilo comporta, como, por exemplo, nas do México - como uma catedral que vi em Puebla e tive a impressão, de momento, que um pé de vento ia desmanchar o rendilhado da fachada, de tão rendilhado que era. As do Recife são mais pobres e

mais discretas, porém de uma graça e doçura bem espirituais. Bairros de antigas residências patriarcais, dos hospitaleiros senhores de engenho. Casas de trinta quartos, com oito, dez janelas de frente.

“Casa Amarela”, bairro de residências novas, algumas ostensivamente ricas e de mau gosto, onde moram alguns usineiros enriquecidos de repente, outras bonitinhas, algumas interessantes, bem acabadas. Côr universal.

“Afogados”, “Pina”, “Santo Amaro”, zonas dos mangues, dos “mocambos”, dos operários, dos sem-profissão, dos inadaptados, dos que desceram do sertão na fome e não puderam vencer na cidade, dos rebelados e dos conformados - dos vencidos. Zona dos “mocambos”. Cidade aquática, com casas de barro batido a sopapo, telhados de capim, de palha e de fôlhas de flandres. Cumbucas negras boiando nas águas. Mocambos - verdadeira senzala remanescente fracionada em tórno às Casas Grandes da Veneza Americana. Poesia primitiva de negros e mestiços fazendo xangô e cantando samba. Fisionomia africana.

O Recife é todo êsse mosaico de côres, de cheiros e de sons. Nesse desadorado caos urbano, reflexo confuso da fusão violenta de várias expressões culturais, só uma coisa tende a dar um sentido estético, próprio à cidade. A absorver e a anular os efeitos dos contrastes desnorteados, dando um sêlo inconfundível à cidade. É a paisagem natural que a envolve. O seu mundo circundante, com seus acidentes geográficos e sua atmosfera sempre em vibração, varanda em todos os sentidos pelos reflexos intensos da luz sôbre as águas.

Êste ar e êste solo onde assenta a cidade do Recife, e donde a cidade tira tôda a vida

de sua fisionomia, são efeitos exclusivos dos rios que a banham. Do capibaribe e do Beberibe. Por tôda a cidade êles correm em ziguezague, passando aqui, acolá, debaixo duma ponte, dando um ar de doçura à paisagem. Cidade de paisagem doce, em pleno Nordeste adusto.

Heródoto dizia que o Egito era um dom do Nilo. tudo lá era fruto das águas: terra, economia e religião. Também o Recife - essa pitoresca cidade discreta e envolvente - é um dom dos seus rios. Das águas dos seus rios encontrando as águas do mar, formando bancos de pedras - recifes. Rios que deram origem à cidade e foram importantes fatôres de sua história. Rios nativistas, como os chamou Arthur Orlando, que ajudaram a expulsar da pátria o invasor holandês. Rios valentes, aos quais o caboclo do Nordeste empresta em sua fantasia, uma alma impetuosa e violenta de quem nasce predestinado à aventura. Alma igual à do próprio caboclo nordestino. Rios que vêm de muito longe, disfarçando no acaso de seus correios, a ânsia de se encontrarem.

O Capibaribe que vem de mais longe, da serra dos Jacararás, nos Cariris Velhos, desce aos trancos por cima das pedras, encontrando cidades e povoações, contando simbolicamente tôdas as peripécias da vida do sertão. Ora num tom humilde quando é tempo de sêca e de necessidade, escorrendo pelo meio do leito ardente seu escasso fiozinho d'água, muito em silêncio, com mêdo que ao menor ruído sejam atraídas as bôcas sedentas para chupá-lo até a última gôta. Ora num tom de pabulagem, transbordando das margens a opulência das suas águas ruidosas, relatando a abundância das terras onde as chuvas fertilizantes se derramaram copiosamente. Na descida vão as águas refletindo sempre paisagens diferentes, cada vez mais acolhedoras. O duro leito de pedras transforma-se num fôfo lençol

de areia e a paisagem árida do sertão com os cactos eriçados de espinhos e as folhas afiadas das macambiras, vai-se amolecendo em aspectos mais doces, indiferentes aos encontros com os pequenos afluentes generosos que trazem suas águas para ajudar o rio a descer nessas terras do Nordeste onde se ajuda a tudo e a todos. Afluentes humildes, mas, que também contam suas histórias: Ribeiro do Arroz, Ribeiro do Urubu, da Grota e da Fenda, do Mel e da Cachaça, do Pau da Arara, da Pedra Tapada e não sei mais donde. O Capibaribe continua descendo, surdo a essas histórias, cego ao regionalismo das paisagens, na ânsia infinita de encontrar o outro rio de fama. Cadê o Beberibe? Aparecem mais afluentes modestinhos: o Camaragibe, o Monteiro, o Tejipió, mas cadê o Beberibe? Já dentro da cidade, o Capibaribe lança um braço para um lado, segue para outro lado, fazendo um círculo pro Beberibe não escapar. Alcança-o logo adiante, e aí os dois rios se entrelaçam, se confundem e afogam nas suas águas misturadas, êsse prazer profundo das ânsias causadas pelas distâncias percorridas. Dois aventureiros de fama que se juntam com satisfação para contar suas aventuras. No ímpeto do abraço bárbaro, as águas se avolumam, se espalham e tontos da alegria do encontro, os rios perdem o rumo, saem embriagados a cambalear pelos baixios, a se esfrangalhar pelos charcos, a se deitar pelos remansos, formando, nessa boêmia de suas águas, as ilhas, os canais, os mangues, os pauis, onde assenta esta saborosa cidade do Recife, resumo das aventuras heróicas que os rios contaram e continuam contando, ao se encontrarem numa praia do Atlântico. Recife: telhados, torres e cúpulas. Ondulações. Ruínas históricas. Lendas portuguesas, holandesas e afro-brasileiras. Recife, azulejo lavado de luz, à sombra dos coqueiros, boiando nas águas.

CICLO DO CARANGUEJO⁸⁹

A família Silva mora nos "mangues" da cidade do Recife, num "mocambo" que o chefe da família fez quando chegou de cima.

A família é originária do sertão. Desceu do Cariri, na seca, perseguida pela fome. Fez uma paradinha no brejo, para tentar o trabalho das usinas, mas não se pôde aguentar com os salários dessa zona, sem ter o direito a plantar senão cana. Sem ter, nem ao menos o recurso do xiquexique e da macambira, como no sertão, para quando a fome apertasse.

Nesse tempo espalharam pelo interior um boato que o govêrno tinha criado um ministério para defender os interesses do trabalhador e que com os fiscais da lei, a vida na cidade estava uma beleza, trabalhador ganhando tanto que dava para comer até matar a fome. A família Silva ouviu esta história acreditou piamente e resolveu descer para a cidade, para gozar das vantagens que o governo bom oferecia aos pobres.

Logo de chegada a família viu que a coisa era outra. Não havia dúvida que a cidade era bonita, com tanto palácio e as ruas fervilhando de automóvel. Mas vida do operário, apertada como sempre. Muita coisa p'ros olhos, pouca coisa p'rá barriga.

O caboclo Zé Luís da Silva não quis desanimar. Adaptou-se: "Quem não tem remédio remediado está". Entrou na luta da cidade com tôdas as fôrças de que

dispunha, mas as forças dêle não rendiam que desse para a família viver com casa, roupa e comida. Casa só de 80 mil réis para cima, para comida uns 150 e os salários sem passarem de 5 mil réis por dia.

Começou o arrôcho. Só havia uma maneira de desapertar: era cair no mangue. No mangue não se paga casa, come-se caranguejo e anda-se quase nu. O mangue é um paraíso. Sem o côr-de-rosa e o azul do paraíso celeste, mas com as côres negras da lama, paraíso dos caranguejos.

No mangue o terreno não é de ninguém. É da maré. Quando ela enche, se estria e se espreguiça, alaga a terra tôda, mas quando ela baixa e se encolhe, deixa descobertos os calombos mais altos. Num dêles, o caboclo Zé Luís levantou o seu mocambo. As paredes de varas de mangue e lama amassada. A cobertura de palha, capim sêco e outros materiais que o monturo fornece. Tudo de graça encontrado ali mesmo numa bruta camaradagem com a natureza. O mangue é um camaradão. Dá tudo, casa e comida: mocambo e caranguejo.

Agora, quando o caboclo sai de manhã para o trabalho, já o resto da família cai no mundo. Os meninos vão pulando do jirau, abrindo a porta e caindo no mangue. Lavam as ramelas dos olhos com a água barrenta, fazem porcaria e pipi, ali mesmo, depois enterram os braços de lama a dentro para pegar caranguejos. Com as pernas e os braços atolados na lama, a família Silva está com a vida garantida. Zé Luís vai para o trabalho sossegado, porque deixa a família dentro da própria comida, atolada na lama fervilhante de caranguejos e siris.

Os mangues do Capibaribe são o paraíso do caranguejo. Se a terra foi feita p'rô

homem, com tudo para bem servi-lo, também o mangue foi feito especialmente p'rô caranguejo. Tudo aí, é, foi ou está para ser caranguejo, inclusive a lama e o homem que vive nela. A lama misturada com urina, excremento e outros resíduos que a maré traz, quando ainda não é caranguejo, vai ser. O caranguejo nasce dela, vive dela. Cresce comendo lama, engordando com as porcarias dela, fazendo com lama a carinha branca de suas patas e a geléia esverdeada de suas vísceras pegajosas. Por outro lado o povo daí vive de pegar caranguejo, chupar-lhe as patas, comer e lambe os seus cascos até que fiquem limpos como um copo. E com a sua carne feita de lama fazer a carne do seu corpo e a cerne do corpo de seus filhos. São cem mil indivíduos, cem mil cidadãos feitos de carne de caranguejo. O que o organismo rejeita, volta como detrito, para a lama do mangue, para virar caranguejo outra vez.

Nesta placidez de charco, identificada, unificada no ciclo do caranguejo, a família Silva vai vivendo, com a sua vida solucionada, como uma das etapas do ciclo maravilhoso. Cada elemento da família marcha dentro desse ciclo até o fim, até o dia de sua morte.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR., Durval M. A Invenção do Nordeste e Outras Artes. 2. Ed. Recife/ São Paulo, Fundaj/ Massangana/ Cortez, 2001. (1. Ed 1999) .

ALVES, Lourdes Kaminski. Regionalismo nordestino e processo mimético: representação da terra e do homem. Revista de Literatura, História e Memória, Vol. 2 - nº 2, p. 15-26. Cascavel, 2006.

AMORIM, Helder Remigio de. Nas trilhas da memória: escritas de si no romance “Homens e Caranguejos” de autoria de Josué de Castro. ANPUH-Brasil - 30º Simpósio Nacional de História. Recife. 2019

AMORIM, Helder Remigio de. Uma cidade pensada: um estudo sobre as representações do Recife na obra de Josué de Castro (1932-1967). ANPUH-Brasil - 31º Simpósio Nacional de História. Rio de Janeiro. 2021

AMORIM, Helder Remigio de. Josué de Castro: um pequeno pedaço do incomensurável. 1ed. Jundiá {SP}: Paco. 2022

AMOURY, Rita de C. Lemos. SERTÃO, METÁFORA E CONSTRUÇÃO POÉTICA EM O CÃO SEM PLUMAS, O RIO E MORTE E VIDA SEVERINA DE JOÃO CABRAL. Dissertação de Mestrado no Programa de Pós-Graduação, mestrado em Letras – Literatura e Crítica Literária, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 2011.

ANGELO, Michelly Ramos de. Les développeurs: Louis-Joseph Lebreton e a SAGMACS na formação de um grupo de ação para o planejamento urbano no Brasil. 2010. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Carlos, 2010;

ATIQUE, Fernando. Articulações profissionais: os Congressos Pan-Americanos de Arquitetos e o Amadurecimento de uma Profissão no Brasil, 1920-1940. In: Marco Aurélio A. Filgueiras Gomes. (Org.). Urbanismo na América do Sul: circulação de ideias e constituição do campo, 1920-1960. 1ed.Salvador: EDUFBA, 2009,, p. 41-91.

BARROS, Manoel de. Poesia Completa. São Paulo: Leya. 2010.

BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política. Ensaaios sobre literatura e

história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. Ed. Brasiliense 3ed. São Paulo. 1987

BENJAMIN, Walter. Imagens de Pensamento, Sobre o Haxixe e outras drogas. Tradução de João Barrento. Autêntica. São Paulo, 2013

BERNARDES, Denis. O Caranguejo e o Viaduto. 2. ed. – Recife : Ed. Universitária da UFPE, 2013.

BEZERRA, Onilda Gomes. O Manguezal do Pina: a representação sócio-cultural de uma paisagem. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000.

CALVINO, Italo. As cidades invisíveis. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAMPOS, D. J. S. L. A Via Mangue sob o olhar do ordenamento territorial urbano em Recife-PE. Revista Movimentos Sociais e Dinâmicas Espaciais, Recife, V. 04, N. 02, 2015.

CAMUS, Albert. Diário de viagem / Albert Camus; tradução Valerie Rumjanek. – 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

CARVALHO, Cristina, GAMEIRO, Rodrigo. O Movimento Manguebeat na mudança da realidade sociopolítica de Pernambuco. VI Congresso Português de sociologia. Universidade Nova e Lisboa, 2008.

CASTRO, Josué de. Geografia da fome.o dilema brasileiro: pão ou aço. 10 ed. Rio de Janeiro: Edições Antares. [1946]1984.

CASTRO, Josué de. Geopolítica da fome: ensaio sobre os problemas de alimentação e de população do mundo. Rio de Janeiro: Casa dos Estudantes Brasileiro, 1954a. 1954

CASTRO, Josué. A cidade do Recife: ensaio da geografia urbana. Rio de Janeiro: Casa do Estudante, 1954b.

CASTRO, Josué de. Ensaios de Biologia Social. São Paulo. Brasiliense. 1957. 1b

CASTRO, Josué de. Sete palmos de terra e um caixão: ensaio sobre o Nordeste, área explosiva. São Paulo, Brasiliense, 1965.

CASTRO, Josué de. Documentário do Nordeste. 3ª ed. Rio de Janeiro: Brasiliense, [1957]1965

CASTRO, Josué de. Homens e Caranguejos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

CASTRO, Josué de. O livro negro da fome. 3 ed. São Paulo. Brasiliense. [1957]1968.

CASTRO, Josué de. Geografia da fome. o dilema brasileiro: pão ou aço. 10 Ed. Rio de Janeiro: Antares Achiamé, 1980.

CERTEAU, Michael. A invenção do cotidiano I: as artes do fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. Estudos Avançados, 5(11), 173-191, 1991. Disponível em: <https://revistas.usp.br/eav/article/view/8601>

COSTA, Lucio. A alma dos nossos lares. A Noite, Rio de Janeiro, Edição 04421, 19 março de 1924. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=348970_02&pasta=ano%20192&pesq=&pagfis=11178 Acesso em: setembro/2024

DANTAS, Audálio; BISILLIAT, Maurren. Povo Caranguejo. Realidade. Editora Abril, São Paulo, n. 48, p.102-113, mar. 1970.

DEBORD, G. A Sociedade do Espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Sobrevivência dos vaga-lumes. Tradução: Consuelo Salomé, revisão. Editora UFMG, Belo Horizonte. 2011.

DRUMMOND, Washington; JACQUES, Paola Berenstein. Caleidoscópio: processo pesquisa. in Experiências Metodológicas para compreensão da complexidade da cidade contemporânea, Tomo I, Experiência apreensão urbanismo. EDUFBA: 2015

DRUMMOND, Washington. Cacopédia: Paralipomena para o Manual da Infância. Catu: Bordô-Grená, 2024.

DUPUY, Nicki. Contraditório? – Musical Style and Identity in the Contemporary Popular Music of Pernambuco, Brazil. Manchester, Inglaterra: University of Salford, School of Media, Music and Performance, 2002

FERNANDES, Bernardo Mançano; GONÇALVES, Carlos Walter Porto. Josué de Castro: Vida e

obra. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

FERNANDES, Ana Suassuna. Zeis e moradia: uma alternativa formosa para Brasília Teimosa?. Dissertação de Mestrado em Gestão Pública para o Desenvolvimento do Nordeste. 2010.

FIGUEIREDO, Maria do Socorro F. V.; ARAÚJO, Sandra S. M. de. Josué de Castro: Um olhar sobre o Recife. In: SILVA, Tânia Elias Magno da (Org.). Josué de Castro: Memória do Saber. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2012. p. 354-360

FISCHER, Brodwyn Michelle. A ética do silêncio racial no contexto urbano: políticas públicas e Desigualdade social no Recife, 1900-1940. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, São Paulo, v. 28, p. 1–45, 2020. DOI: 10.1590/1982-02672020v28d1e15. Disponível em: <https://revistas.usp.br/anaismp/article/view/156261>.. Acesso em: jun. 2024.

GALINSKY, Philip. Maracatu Atômico: Tradition, Modernity, and Postmodernity in the Manguê Movement of Recife, Brazil. New York: Routledge, 2002.

GOMES, Renato Cordeiro. Todas as cidades, a cidade. Rio de Janeiro, Rocco, 1994, s/n.

GORELIK, Adrian. A produção da "cidade latino-americana". Tempo Social, 17(1), 111-133. 2005. <https://doi.org/10.1590/S0103-20702005000100005>

GUIMARÃES, Maria. A vida na lama: Caranguejo de mangue e catador tradicional dependem um do outro para sobreviver. Revista Fapesp, São Paulo: Fapesp, n.134, 2007, p. 51-53.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. A lentidão no lugar da velocidade in REDOBRA n.9. EDUFBA: PPGAU. Salvador. 2012.

JACQUES,. Paola B. (org.) Apologia da Deriva: Escritos situacionistas sobre a cidade. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

JACQUES, Paola Berenstein; BRITTO, Fabiana. Cenografias e Corpografia Urbanas: um diálogo sobre as relações entre o corpo e cidade in Cadernos PPG-AU/UFBA Vol. 7, edição especial - Paisagens do Corpo. SALVADOR: EDUFBA. 2008

JACQUES, Paola Berenstein; BRITTO, Fabiana. Corpo & Cidade: Coimplicações em processo in Revista UFMG, v.19, n.1 e 2, p. 142-155. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

JACQUES, Paola. Montagem Urbana: uma forma de conhecimento das cidades e do urbanismo in Experiências Metodológicas para compreensão da complexidade da cidade contemporânea, Tomo IV, Memória narração história. EDUFBA: 2015

JUCÁ, Carolina de Queiroga. Ilha de Deus: uma história de resistência e transformação / Carolina de Queiroga Jucá, Vilma Dourado. São Paulo: Diagonal Empreendimentos e Gestão de Negócios, 2021.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LEÃO, Carolina. A maravilha mutante: Batuque, sampler e pop na música pernambucana dos anos 90, Recife. Dissertação de mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, 2002.

LEITE, Marcelo Eduardo; SILVA, Carla Adelina Craveiro; VIEIRA, Leylianne Alves. Fotografia e escrita: a dupla imersão de uma reportagem In: Revista Contracampo, v. 32, n. 2 , ed. abril-julho ano 2015. Niterói: Contracampo, 2015. Págs: 54-72.

LEME, M. C. (Coord.) Urbanismo no Brasil – 1895-1956. São Paulo: Studio Nobel, FAUUSP, Fupam, 1999.

LIMA, Tânia Maria de Araújo. Teia de sincretismo: uma introdução à poética dos mangues. Recife: Tese de Doutorado - Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação (CAC), Teoria da literatura, 2007.

LINS, Renato. Glossário. Mangue beat. Breve histórico do seu nascimento. Prefeitura do Recife. 2003. Disponível em: http://www.recife.pe.gov.br/chicoscience/textos_renatol3.html Acesso em: abril de 2024.

LIRA, José Tavares Correia de. A romantização e a erradicação do mocambo, ou de como a casa popular ganha nome. Recife, década de 30. In Espaço & Debates. São Paulo: Editora Parma Ltda, n.37, ano XIV, p.54, 1994.

LIRA, José Tavares Correia de. Mocambo e cidade: regionalismo na arquitetura e ordenação do espaço habitado. 1997. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

LIRA, José Tavares Correia de; CHARLOT, Michel. Mots cachés : les lieux du Mocambo à Recife. In: Genèses, 33, 1998. Les mots de la ville. pp. 77-106; doi : 10.3406/genes.1998.1540 <http://>

www.persee.fr/doc/genes_1155-3219_1998_num_33_1_1540.

LIRA, José Tavares Correia de. Naufrágio e Galanteio: viagem, cultura e cidades em Mário de Andrade e Gilberto Freyre. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 20, n.57, p. 143-176, 2005.

LIRA, J. T. C.; CASTRO, A. C. V. de; MELLO, J. Narrar por experiências: intrigas, história e cidade. In: *Nebulosas do Pensamento Urbanístico: Modos de Narrar* / Paola Berenstein Jacques, Margareth da Silva Pereira, Josianne Francia Cerasoli (organizadoras). Salvador: EDUFBA, 2020.

LUDEMIR, Bernardo. Josué e as Circunstâncias, p.57-72. In *Ciclo de Estudos sobre Josué de Castro: Depoimentos*. Recife: Academia Pernambucana de Medicina/ UFPE, 1983.

MACHADO, D. B. (Org.) ; PEREIRA, Margareth da Silva. (Org.) ; COUTINHO, R. M. (Org.) . *Urbanismo em questão: ensino, teorias e práticas*. 1a. ed. Rio de Janeiro: PROURB, 2003. v. 1. 312p .

MACNAE, W. A general account of the fauna and flora of mangrove swamps and forests in the Indo-West-Pacific region. *Advances in Marine Biology*, 6: 73-270. 1968 in *Atlas dos Manguezais do Brasil* / Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. – Brasília: Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, 2018.

MARINHO, G; LEITÃO, L; LACERDA, N. Transformações urbanísticas na região metropolitana do Recife: um estudo prospectivo. In: *Cadernos das Metrôpoles*, 2007. Nº 17, p -193-217. Disponível em: <http://www.cadernosmetropole.net/download/cm_artigos/cm17_99.pdf>. Acesso em: junho de 2024.

MARQUES, Armando. Josué de Castro - Sua Figura de Professor, p.22-56. In *Ciclo de Estudos sobre Josué de Castro: Depoimentos*. Recife: Academia Pernambucana de Medicina/ UFPE, 1983.

MELO, Mário Lacerda de. *Metropolização e Subdesenvolvimento: o caso do Recife*. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas (UFPE/CFCH). 1977.

MELO, Normando Jorge de Albuquerque. Josué de Castro: Um compromisso ético, estético e pedagógico. In: SILVA, Tânia Elias Magno da (Org.). *Josué de Castro: Memória do Saber*. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2012.

MELLO, Francisco Bandeira. Josué de Castro: uma certa fome de cinema, p.73-76. In Ciclo de Estudos sobre Josué de Castro: Depoimentos. Recife: Academia Pernambucana de Medicina/ UFPE, 1983.

MENDONÇA, Luciana Ferreira Moura. Manguebeat: a cena, o Recife e o mundo. 1ed - Curitiba: Appris, 2020.

MENEZES, Anna Waleska N. C. de. Compromisso com a vida, não com a ordem: arte e ciência em Documentário do Nordeste, p.150-163. In Ciclo de Estudos sobre Josué de Castro: Depoimentos. Recife: Academia Pernambucana de Medicina/ UFPE, 1983.

MONTEIRO, Circe Maria Gama; VIEIRA FILHO, Luiz Goes; MONTEZUMA, Roberto (organizadores). Parque Capibaribe: a reinvenção do Recife Cidade Parque. 2ª. ed. - Recife, PE : Cepe, 2022.

MORTIMER, J. DRUMMOND, W. Entre imagem e escrita: Aracy Esteve Gomes e a cidade de Salvador. Salvador: Edufba, 2020.

MOURA, Célio Henrique Rocha. Uma Imersão na maré para além das cercas: as representações sociais da Unidade de Conservação Parque dos Manguezais, Recife-PE. Dissertação de Mestrado. UFPE: Recife, 2022.

NASCIMENTO, Renato Carvalheira do. O papel da sociedade civil no campo da soberania e segurança alimentar e nutricional no Brasil: a contribuição de Josué de Castro in Josué de Castro e a diplomacia da fome / José Graziano da Silva, Carla Barroso Carneiro, Saulo Arantes Ceolin (Orgs.). -- Brasília : FUNAG, 2023.

NEWTON JÚNIOR, Carlos. O Pai, o Exílio e o Reino: A Poesia Armorial de Ariano Suassuna. Recife: Universidade Federal de Pernambuco/Editora Universitária, 1999.

NOGUEIRA, Maria Aparecida Lopes; SANTOS, Mercês. Sociedade dos mangues: Josué de Castro, sempre In: SILVA, Tânia Elias Magno da (Org.). Josué de Castro: Memória do Saber. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2012. p. 75-104.

PEREIRA, M. A Arquitetura Brasileira e o Mito. Gávea, Rio de Janeiro, n. 8, 1990

PEREIRA, Margareth da Silva. Corpos escritos, paisagem, memória e monumento: visões da identidade carioca in Revista do programa de pós-graduação em artes visuais. Rio de Janeiro:

EBA, UFRJ, 2000.

PEREIRA, M.. AS PALAVRAS E A CIDADE: O VOCABULÁRIO DA SEGREGAÇÃO EM SÃO PAULO (1890-1930). Espaço & Debates Revista de Estudos Regionais e Urbanos Ano XVII, n.º 42. 2001.)

PEREIRA, Margareth da Silva. Globalização e história ou atores sociais e culturas urbanas já são levados a sério? In Sobre Urbanismo (Coleção Arquitetura e Cidade). org. MACHADO, Denise B. P. Rio de Janeiro: Viana & Mosley: Ed. PROURB, 2006. p. 43-57

PEREIRA, Margareth da Silva. Dos conceitos de cidade ou pequeno manifesto em favor de objetos múltiplos, indecisos e fluídos. In: Seminário de História da Cidade e do Urbanismo X. Recife: MDU/UFPE, 2008.

PEREIRA, Margareth da Silva. Localistas e cosmopolitas: a rede do Rotary Club International e os primórdios do urbanismo no Brasil (1905-1935). Oculum Ensaios, Campinas, n. 13, p. 12-31. 2011. DOI: 10.24220/2318-0919v0n13a138.

PEREIRA, Margareth da Silva. Jardim. in TOPALOV, Christian; BRESCIANI, Stella; COUDROY DE LILLE, Laurent; RIVIÈRE D'ARC, Hélène (orgs.). A aventura das palavras da cidade: através dos tempos, das línguas e das sociedades. Tradução de Alicia Novick. São Paulo: Romano Guerra, 2014.

PEREIRA, Margareth da Silva. Fazer por cronologias in Nebulosas do pensamento urbanístico: tomo II – modos de fazer / Paola Berenstein Jacques, Margareth da Silva Pereira (organizadoras). – Salvador: EDUFBA, 2019.

PEREIRA, Margareth da Silva. Pensar por nebulosas in Nebulosas do pensamento urbanístico: tomo I – modos de pensar / Paola Berenstein Jacques, Margareth da Silva Pereira (org.). – Salvador: EDUFBA, 2018.

PEREIRA, Margareth da Silva. Narrar por transversalidades I in Nebulosas do pensamento urbanístico: tomo III – modos de narrar / Paola Berenstein Jacques, Margareth da Silva Pereira (organizadoras). – Salvador: EDUFBA, 2021a.

PEREIRA, Margareth. Cidade, território fugidio e híbrido in BAILLY, Jean-Christophe. A frase urbana: ensaios sobre a cidade. Tradução de André Cavendish, Marcelo Jacques de Moraes. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021b. 250 p.

PERES, Clara Torres . Entre a casa e o mar, a vida pulsa: As dimensões simbólicas do cotidiano na praia do Buraco da Véia e nos espaços públicos praianos de Brasília Teimosa. (Dissertação de mestrado). UFPE: Recife, 2022.

PERNAMBUCANO, Otávio. Josué de Castro, p. 195-234. In Ciclo de Estudos sobre Josué de Castro: Depoimentos. Recife: Academia Pernambucana de Medicina/ UFPE, 1983.

PONTUAL, Virgínia. O saber urbanístico no governo da cidade: uma narrativa do Recife das décadas de 1930 a 1950. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

PONTUAL, Virgínia. Tempos do Recife: representações culturais e configurações urbanas. Revista Brasileira de História. v. 21, n. 42, p. 417-434. São Paulo. 2001.

PONTUAL, Virgínia. Práticas urbanísticas em áreas históricas: o bairro de Recife. Biblio 3W, Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales, Universidad de Barcelona, Vol. XII, nº 752. out/2007. (Disponível em: <https://www.ub.edu/geocrit/b3w-752.htm>)

REZENDE, Maria José de Rezende. Geografia da fome: um estudo pioneiro sobre a fome no Brasil. In: SILVA, Tânia Elias Magno da (Org.). Josué de Castro: Memória do Saber. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2012. p.479-496.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. Homens Lentos, Opacidades e Rugosidades in REDOBRA n.9. EDUFBA: PPGAU. Salvador. 2012.

RIZEK, Cibele Saliba. Discutindo cidades e tempos in REDOBRA n.9. EDUFBA: PPGAU. Salvador. 2012.

RONDINI, Luis Carlos. Homens e Caranguejos: o diálogo entre arte, vida e ciência, p.163-181. In Ciclo de Estudos sobre Josué de Castro: Depoimentos. Recife: Academia Pernambucana de Medicina/ UFPE, 1983.

SANTOS, Milton. MetrÓpole: a força dos fracos é seu tempo lento (p. 39-41). In: SANTOS, Milton. Técnica, espaço, tempo – Globalização e meio técnico científico-informacional. São Paulo: Editora HUCITEC, 1994.

SANTOS, Milton. Técnica, espaço, tempo – Globalização e meio técnico científico-informacional. São Paulo: Editora HUCITEC, 1994

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SHARP, Daniel. Between Nostalgia and Apocalypse: Popular Music and the Staging of Brazil. Ph.D. Dissertation, Wesleyan University, 2001.

SILVA, Tânia Elias Magno da (Org.). Josué de Castro: Memória do Saber. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2012.

SILVA, Tânia Elias Magno da. Josué por ele mesmo: o diário. In: SILVA, Tânia Elias Magno da (Org.). Josué de Castro: Memória do Saber. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2012. p.30-67.

SILVA, Oswaldo Pereira. Histórias da Brasília Teimosa. Centro Educacional Profissionalizante do Flau: Recife, 2017

SOFFIATI-NETO, A.A. O olhar humano sobre os manguezais do Brasil através dos tempos. IV Encontro Nacional de Educação Ambiental em Áreas de Manguezal. Livro de Resumos. pp. 40-42. 1996. in in Atlas dos Manguezais do Brasil / Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. – Brasília: Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, 2018.

STENGERS, I. Reinventar a cidade? A escolha da complexidade. Tradução de Cecília Campello do Amaral Mello e Vladimir Moreira Lima Ribeiro. Redobra, n. 16, ano 7, p. 17-27, 2022.

TELES, José. Do Frevo ao Manguebeat. 1 ed. São Paulo: Editora 34. 2000.

TSING, Anna. O cogumelo no fim do mundo. Tradução: Jorge Menna Barreto, Yudi Rafael. São Paulo: n-1 edições, 2022.

VIEIRA, Leyliaanne A; LEITE, Marcelo E. A experiência da reportagem na revista Realidade. Revista Anagrama: Ano 8, Edição 2. São Paulo, 2014

ZERO QUATRO, Fred. Manifesto Caranguejos Com Cérebro. Prefeitura do Recife. 2003 (1992). Disponível em: http://www.recife.pe.gov.br/chicoscience/textos_manifesto1.html Acesso em: abril de 2024.

NOTAS

- 1 Área de Proteção Ambiental do Rio Mamanguape disponível em: <https://uc.socioambiental.org/>
Acesso em: Agosto de 2024.
- 2 Programa de Pós Graduação de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia, em Salvador
- 3 c.f. Plataforma Corpocidade. Disponível em: <https://corpocidade.dan.ufba.br/>
- 4 Trecho da canção “Da lama ao caos” (1994), da banda Nação Zumbi.
- 5 A banda Nação Zumbi em 1994 traz esse mote como crítica política na canção “Da lama ao caos” que diz que “organizando posso desorganizar; Que eu desorganizando posso me organizar”. Mote que já vinha sendo explorado pela geração do desbunde dos anos 1970, que também utilizava a música como crítica política. Não foi encontrado nesta pesquisa referências claras que relacionem o movimento manguebeat com o desbunde, mas Tom Zé em canção “Tô”, de 1976, também trás a ideia de “explicar” para “confundir”.
- 6 CASTRO, Geografia da Fome”. [1946]1994, p.55
- 7 Trecho de música “Fome de Tudo”, no álbum “Fome de Tudo”, lançado em 2007, da banda Nação Zumbi
- 8 Acesso em Janeiro de 2024, disponível em: <https://news.un.org/pt/audio/2024/01/1825632>
- 9 Acesso em Janeiro de 2024, disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2023/12/1825552>
- 10 Acesso em Janeiro de 2024, disponível em: https://youtu.be/lylSKP8xDmo?si=_YsSI-L4B9l9D6Kk
- 11 Dado disponível em relatório publicado pela FAO em 2023, “Panorama Regional de Seguridad Alimentaria y Nutricional”. Acesso em Janeiro de 2024, disponível em: www.fao.org
- 12 Acesso em Janeiro de 2024, disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2023/07/1816937>
- 13 Tradução nossa do relatório “Panorama Regional de Seguridad Alimentaria y Nutricional”, publicado em 2023, em Santiago, Chile, pela Organização das Nações Unidas pela Agricultura e Alimentação (FAO): “enfrenta notables desafíos para erradicar el hambre y la malnutrición en todas sus formas”. Acesso em Janeiro de 2024, disponível em: www.fao.org
- 14 Tradução nossa do relatório “Panorama Regional de Seguridad Alimentaria y Nutricional”, publicado em 2023, em Santiago, Chile, pela Organização das Nações Unidas pela Agricultura e Alimentação (FAO): “Las estadísticas muestran que la prevalencia del hambre en la región aumentó desde un 5,8% en 2015 a un 8,6% en 2021. Esta prevalencia está por debajo del promedio mundial del 9,8% en 2021; sin embargo, el aumento de la proporción de personas que padecieron hambre en la región durante la pandemia fue mayor que el incremento a nivel global. Entre 2019 y 2021, la prevalencia del hambre en la región aumentó un 28%, frente a un incremento del 23% a nivel mundial. En 2021, la inseguridad alimentaria afectaba al 40% de la población de América Latina y el Caribe, en comparación con la prevalencia mundial del 29,3%. (...) Estas preocupantes tendencias en materia de inseguridad alimentaria podrían explicarse, en parte, por el hecho de que la región tiene el mayor nivel de desigualdad del mundo, sumado a que fue fuertemente

impactada por la pandemia”. Acesso em Janeiro de 2024, disponível em: www.fao.org

15 A cidade, também ficou conhecida como a "Roliúde Nordestina" pela quantidade de longas-metragens gravados lá, entre eles: "O Auto da Compadecida" (1999), e parte do filme "Romance" (2007), ambos de Guel Arraes.

16 Vale ressaltar que nessa mesma vinda ao Brasil, em 194, o dominicano Louis-Joseph Lebreton funda a Sociedade para Análise Gráfica e Mecnográfica Aplicada aos Complexos Sociais (SAGMACS): “foi uma instituição de planejamento urbano que teve destacada atuação no Brasil, especialmente durante os anos de 1950. Foi a partir da necessidade de especialistas no tema do desenvolvimento para trabalhar na SAGMACS que Lebreton atuou na formação de um corpo de profissionais brasileiros das mais diversas áreas, dentre as quais arquitetos, urbanistas, engenheiros, geógrafos, cientistas sociais, sociólogos.” (Trecho retirado de verbete no site Cronologia do Pensamento Urbanístico. Acesso em Janeiro de 2024. Disponível em: <https://cronologiadourbanismo.ufba.br/>)

17 Deveria ser estudado mais a fundo o quadro institucional entre Josué de Castro e Padre Lebreton em relação, que devido ao tempo, não foi possível nesta dissertação. Para mais, conferir: RAMOS DE ANGELO, Michelly Ramos de. Les développeurs: Louis-Joseph Lebreton e a SAGMACS na formação de um grupo de ação para o planejamento urbano no Brasil. 2010. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Carlos, 2010; PONTUAL, Virgínia. O saber urbanístico no governo da cidade: uma narrativa do Recife das décadas de 1930 a 1950. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

18 Fonte: COSTA, Lucio. A alma dos nossos lares. A Noite, Rio de Janeiro, Edição 04421, 19 março de 1924. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=348970_02&pasta=ano%20192&pesq=&pagfis=11178 Acesso em: setembro/2024

19 Cf “Narrar por experiências: intrigas, história e cidade” de José Tavares Correia de Lira, Joana Mello de Carvalho e Silva e Ana Claudia Veiga de Castro publicado no Tomo III “Nebulosas do Pensamento Urbanístico: Modos de Narrar” (2020)

20 Disponível na Hemeroteca Digital: <https://memoria.bn.gov.br/>

21 O conto publicado em 1935 não difere do conto publicado na antologia Documentário do Nordeste em 1957.

22 Cf.: “SILVA, Tânia Elias Magno da (Org.). Josué de Castro: Memória do Saber. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2012”, “AMORIM, Helder Remigio de. Josué de Castro: um pequeno pedaço do incomensurável. 1ed. Jundiaí {SP}: Paco. 2022”, dentre tantas outras biografias de Josué de Castro.

23 José Tavares Lira (2005) nos mostra outras narrativas de cidade dos anos 1930 que enfatizam uma “cidade profunda” inseparável de interesses “subjetivos” e “sentimentais”, a exemplo do “Turista Aprendiz” de Mário de Andrade, que apesar de publicado apenas em 1976, tem seus textos escritos entre 1928 e 1930.

24 “Em sua primeira conferência no Rio de Janeiro, em junho de 1927, Agache definiria o urbanismo também como uma disciplina da polidez. O urbanista era a um só tempo artista, cientista e filósofo social, dotado de experiência visual e prática acumulada nas obras e gosto apurado em viagens pelo mundo.” (LIRA, 2005, 169)

25 Cf.: LIRA, José Tavares Correia de. Mocambo e cidade: regionalismo na arquitetura e ordenação do espaço habitado. 1997. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

26 Disponível em: <https://www18.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/liga-social-contr-o-mocambo>. Acesso em: 25/05/2022

27 Devido ao tempo necessário para a conclusão dessa dissertação, não vamos entrar mais a fundo na questão do chamado “urbanismo de plano”. Sobre o assunto veja: Maria Cristina Leme, em “Urbanismo no Brasil – 1895-1956” (1999), Virgínia Pontual, em “O saber urbanístico no governo da cidade: uma narrativa do Recife das décadas de 1930 a 1950” (1998), Margareth da Silva Pereira em “Localistas e cosmopolitas: a rede do Rotary Club International e os primórdios do urbanismo no Brasil (1905-1935)” (2011) e “Urbanismo em questão: ensino, teorias e práticas” (2003), Fernando Atique em “Articulações profissionais: os Congressos Pan-Americanos de Arquitetos e o Amadurecimento de uma Profissão no Brasil, 1920-1940” (2009) e Fernando Diniz Moreira em “Urbanismo e modernidade: reflexões em torno do Plano Agache para o Rio de Janeiro” (2007)

28 Sobre a vida e obra de Josué de Castro, sua atuação política, suas viagens, veja por exemplo: “SILVA, Tânia Elias Magno da (Org.). Josué de Castro: Memória do Saber. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2012”, “AMORIM, Helder Remigio de. Josué de Castro: um pequeno pedaço do incomensurável. 1ed. Jundiaí {SP}: Paco. 2022”, dentre tantas outras biografias de Josué de Castro.

29 “(...) a questão da migração, em um processo de estudo que começou com a análise das conseqüências da presença dos grupos migrantes a cidade (especialmente as villas miseria, barriadas, favelas ou todos os

nomes que em cada país foram dados às aglomerações de casebres miseráveis, principal evidência da “explosão urbana” desde os anos de 1940 e 1950) e continuou com a análise das causas da migração no lugar de origem (a pequena aldeia camponesa). Toda uma agenda temática e política se originou daí, desde os estudos sociológicos sobre as relações entre população “marginal” (um dos termos de grande e polêmico impacto) e economia (a questão da economia informal de serviços como característica da “cidade latino-americana”), população marginal e cultura política (o clássico trabalho de Germani sobre o populismo), até as políticas de moradia social e urbanização que caracterizavam as propostas desenvolvimentistas. ” Cf. (GORELIK, 2005)

30 Ariano Suassuna também ocupou o cargo de Secretário de Educação e Cultura do Recife durante a prefeitura de Antônio Arruda de Farias, do partido ARENA (Aliança Renovadora Nacional) entre 1975 e 1978. Em 1995 assumiu o cargo de Secretário de Cultura do Estado de Pernambuco no qual permaneceu até 1998, durante o governo de Miguel Arraes (PSB). Anos depois, em 2007, durante a prefeitura de João da Costa (PT) ocupou novamente esse mesmo cargo.

31 Para ver mais sobre as três fases do Movimento Armorial e suas poéticas e simbologias, ver: NEWTON JÚNIOR, Carlos. O Pai, o Exílio e o Reino: A Poesia Armorial de Ariano Suassuna. Recife: Universidade Federal de Pernambuco/Editora Universitária, 1999.

32 PERNAMBUCO. Secretaria de Cultura. Projeto cultural Pernambuco - Brasil. Recife: CEPE, 1995

33 SUASSUNA, Ariano. Yaari – Diálogo sobre a Ilumiara Brennand. In: SUASSUNA, Ariano. Almanaque Armorial. Seleção, organização e prefácio de Carlos Newton Júnior. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

34 “A insuperável juventude de dois sonhadores”, Jornal do Brasil (RJ), 19 de junho de 1997, Edição 00072. Disponível em: Hemeroteca digital brasileira.

35 “Exposição: “Cavalgada à Pedra do Reino” Disponível em: <https://mae.ufpr.br/cavalgadaapedradoreino/> Acesso em: maio de 2024

36 João Antônio se autoproclamou rei, e passou a pregar que o rei português Dom Sebastião estava encantado na Pedra Bonita, em São José do Belmonte, de onde era necessário libertá-lo, para que uma profecia de salvação fosse realizada. Entretanto, para que a profecia fosse realizada era necessário um sacrifício de sangue. O resultado foi um massacre sangrento que durou três dias, com 53 sacrifícios, de crianças, mulheres, e do próprio João Antônio dos Santos, que foi massacrado pelos fiéis que proclamavam que para Dom Sebastião retornar o próprio rei teria que ser sacrificado. Importante colocar que os sacrificados eram pessoas ainda mais pobres, dentro da povoação, vítimas de abandono e descaso. Fonte: “Ilumiara Pedra do Reino: a triste memória do arraial encantado”. Disponível em: <https://lugaresdememoria.com.br/ilumiara-pedra-do-reino/> Acesso em: maio de 2024

37 “Exposição: “Cavalgada à Pedra do Reino” Disponível em: <https://mae.ufpr.br/cavalgadaapedradoreino/> Acesso em: maio de 2024

38 “Ilumiara Pedra do Reino: a triste memória do arraial encantado”. Disponível em: <https://lugaresdememoria.com.br/ilumiara-pedra-do-reino/> Acesso em: maio de 2024

39 A estética armorial usa elementos ibéricos eruditos com base na simetria (NEWTON JR., 1999)

40 A palavra “contraste” aqui surge fazendo referência a reflexão de Isabelle Stengers em colóquio “Urbanidades - encontros para reinventar a cidade” organizado pela Fundação 93, durante a Citésplanète - Biental do Meio Ambiente, iniciativa do Departamento de Seine Saint-Denis, França, em colaboração com a ASTS (Association Science, Technologie et Société), 2000 (Redobra, n. 16, ano 7, p. 17-27, 2022) Para Stengers, “contraste” se diferencia de “oposição” à medida que se propõe a entender a formação de uma cidade como um “agenciamento complexo entre processos que inseparavelmente concorrem para o regime de existência” (STENGERS, 2022). Além disso, desde os anos 1990 o Laboratório de Estudos Urbanos (PROURB/UFRJ) e o Laboratório Urbano (PPGAU/UFBA) dentre vários outros pesquisadores estudam o significado das palavras de um “modo sistêmico mais aberto e conflitual da linguagem”, como disse Margareth Pereira (PROURB/UFRJ) em aula de orientação.

41 Entendemos que o debate Natureza x Cultura é um debate extenso que se atualiza a todo tempo, entretanto, esse não é o foco desta dissertação. Sobre o assunto de modo mais aprofundado no que diz respeito à Recife ver Virgínia Pontual, “Tempos do Recife: representações culturais e configurações urbanas” (op.cit. PONTUAL, 2001)

42 Vários projetos municipais foram realizados nos anos 1970, como o projeto de abertura da Avenida Dantas Barreto, o projeto da construção do edifício da Prefeitura, ver mais sobre “O Caranguejo e o Viaduto” (op.cit. BERNARDES, 2013)

43 O texto utilizado aqui foi uma republicação do texto original, feita em 2013 pela Universidade Federal de Pernambuco. Cf. BERNARDES, 2013.

44 Alguns exemplos são o Brasília Teimosa, Pina e Ilha do Chié. Sobre as ocupações dos alagáveis ver por exemplo, dentre outras referências: “Alexandrina Sobreira de Moura. Terra do Manguê: invasões urbanas no Recife. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1990”. Denis Bernardes, supra.cit. ; “Oswaldo Pereira da Silva. Pina: povo, cultura, memória. Olinda: Centro de Cultura Professor Luiz Freire, Produção Alternativa. 1990; Rosa Maria Cortés de Lima. O morar e a moradia: as representações dos moradores da Favela do Chié no Recife. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco. 1990.

45 “Autarquia de Urbanização do Recife (URB)”. Disponível em: <https://www2.recife.pe.gov.br/pagina/autarquia-de-urbanizacao-do-recife-urb>

46 *ibid.*

47 Comentários do arquiteto Jorge Martins Júnior em: A Construção Norte Nordeste, n. 16, set. 1974, p. 13. apud. Denis, Bernardes. O Caranguejo e o Viaduto, *op.cit.*

48 Denis, Bernardes. O Caranguejo e o Viaduto, 2013, *op.cit.*

49 “Criado o Plano de Regularização das Zonas Especiais de Interesse Social (PREZEIS), em Recife”. Disponível em: <http://cronologiadourbanismo.ufba.br/apresentacao.php?idVerbete=1428> Acesso: setembro de 2024

50 As áreas estuarinas (zonas de mangue) do Estado de Pernambuco fazem parte das APAs, e atualmente, mais de 20 APAs estão delimitadas. Disponível em: <http://www2.cprh.pe.gov.br/fauna-e-flora/unidades-de-conservacao/uso-sustentavel/area-de-protecao-ambiental/> Acesso em: maio/2022

51 Gustavo Krause foi governador de Pernambuco entre 1986 e 1987, quando Roberto Magalhães precisou se afastar para concorrer a eleição de senador.

52 Trecho da música “Antene-se” do disco “Da lama ao caos” (1994), da banda Nação Zumbi

53 “Chico Science: Poeta do Mangue” por Antônio Moraes in https://medium.com/@weso_ferreira/chico-science-poeta-do-mangue-parte-i-a18d35a70be7 . Acesso em: 26 de abril de 2024

54 DJ Dolores, hoje autor premiado de trilhas para o cinema, trabalhava na época como ilustrador, e Hilton Lacerda, hoje é reconhecido por ser roteirista de filmes como Amarelo Manga, Tatuagem e Baile Perfumado, trabalhava no cinema.

55 Fala de Chico Science em Documentário sobre Josué de Castro, “Cidadão do Mundo” (1994), dirigido por Silvio Tendler. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LFzNV08KIKg> Acesso: maio/2022

56 “As ideias básicas contidas neste plano estão referenciadas em experiências norte-americanas e europeias, especialmente as de Boston, Baltimore e São Francisco, nos EUA; Londres e Glasgow, na Grã-Bretanha; Barcelona, na Espanha e Lisboa, em Portugal” in PONTUAL, Virgínia. Práticas urbanísticas em áreas históricas: o bairro de Recife. Biblio 3W, Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales, Universidad de Barcelona, Vol. XII, nº 752. out/2007.

57 “O Bairro do Recife era só zona portuária, só tinha bordel... [...] A gente fez a primeira festa no Adília's Place”, local este que costumava ser um bordel. (MENDONÇA, Luciana Ferreira Moura. Mangubeat: a cena, o Recife e o mundo. 1ed - Curitiba: Appris, 2020.)

58 Fonte: página pessoal do DJ Dolores no Facebook, publicação de 18 de novembro de 2015.

59 Ver Heron Vargas: Hibridismos musicais em Chico Science & Nação Zumbi, Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

60 Disponível em: <http://meioambiente.recife.pe.gov.br/noticias/parque-dos-manguezais-inicia-processo-de-elaboracao-de-plano-de-manejo>

61 PEREIRA, Margareth da Silva. Jardim. in TOPALOV, Christian; BRESCIANI, Stella; COUDROY DE LILLE, Laurent; RIVIÈRE D'ARC, Hélène (orgs.). A aventura das palavras da cidade: através dos tempos, das línguas e das sociedades. Tradução de Alicia Novick. São Paulo: Romano Guerra, 2014.

62 BEZERRA, Onilda Gomes. O Manguezal do Pina: a representação sócio-cultural de uma paisagem. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000.

63 Disponível em: <https://diagonal.social/projetos-publico/ilha-de-deus/> Acesso em: setembro 2024

64 Disponível em: <https://diagonal.social/projetos-publico/ilha-de-deus/> Acesso em: setembro 2024

- 65 Disponível em: <https://www.tce.pe.gov.br/especial50/viamangue.html> Acesso em: setembro 2024
- 66 “A ideia de sistema de Parques aparece como conceito também no século XIX, com Olmsted nos Estados Unidos, e se difunde internacionalmente como possibilidade concreta de incorporação do verde na construção das cidades modernas. Não se pode deixar de reforçar que não se tratou, como vínhamos comentando, de uma formulação puramente norte-americana. As experiências europeias de arborização de vias, tais como os Cours, Allées e Bulevards; a experiência de Alphand em Paris de Napoleão III e a criação de anéis verdes ao redor das antigas muralhas, como realizado em Viena e em várias cidades na Alemanha, foram referências essenciais para a sistematização da ideia de sistema de parques nos Estados Unidos” in O nascimento da ideia de parque urbano e do urbanismo modernos em São Paulo de Fabiano Lemes de Oliveira. (Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10.120/3433>. Acesso em: Junho de 2024). Margareth da Silva Pereira desde 1987 vem insistindo em diferentes textos em pensar contudo uma história às avessas, estudando como o processo de construção de cidades no Brasil “exportou” a ideia de uma estreita relação cidade-natureza desde o século XVI antes de passar a “Importá-la” a partir do século XIX. Segundo a autora é isso que de certo modo atravessa vários processos de construção identitárias no país e explica por exemplo, dentre outros assuntos de suas pesquisas: a resistência do Rio de Janeiro como capital do país, estatuto questionado durante mais de 200 anos; aspectos da obra de Lucio Costa; a recepção e ressonância das ideias de Le Corbusier no Brasil; a potência do paisagismo do pernambucano Burle Marx. (cf. PEREIRA, M.. A Arquitetura Brasileira e o Mito. Gávea, Rio de Janeiro, n. 8, 1990 e PEREIRA, M.. AS PALAVRAS E A CIDADE: O VOCABULÁRIO DA SEGREGAÇÃO EM SÃO PAULO (1890-1930). Espaço & Debates Revista de Estudos Regionais e Urbanos Ano XVII, n.º 42. 2001.)
- 67 “MPPE investiga desmatamento de área verde na construção do Parque das Graças”. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/pernambuco/2021/04/12081596-mppe-investiga-desmatamento-de-area-verde-na-construcao-do-parque-das-gracas-no-recife.html> Acesso em: julho/2022
- 68 As mudas plantadas como forma de compensação ambiental, são de menor porte do que o indicado pela licença ambiental. Disponível em: <https://marcozero.org/sucesso-de-publico-parque-das-gracas-tem-menos-mangue-do-que-no-projeto-original/> Acesso em: Junho de 2024
- 69 “Sucesso de público Parque das Graças tem menos mangue do que no projeto original”. Disponível em: <https://marcozero.org/sucesso-de-publico-parque-das-gracas-tem-menos-mangue-do-que-no-projeto-original/> Acesso em: Junho de 2024
- 70 Overdrives é um efeito de som para guitarra que satura a onda sonora, como metáfora, podemos entender que se trata de um efeito de instabilização dos estratos que conduzem a vida na cidade.
- 71 Trecho da música “Manguetown”, lançada no disco “Da lama ao caos” da banda Nação Zumbi, com letra de Chico Science em 1994.
- 72 MELO, Normando Jorge de Albuquerque. **Josué de Castro: Um compromisso ético, estético e pedagógico**. In: SILVA, Tânia Elias Magno da (Org.). Josué de Castro: Memória do Saber. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2012.
- 73 “na defesa de sua estética ameaçada, que (...) o governador do Estado deu início a uma grande campanha contra os mocambos” (CASTRO, p. 98, 1966).
- 74 ONU News. “Pnua: destruição de manguezais é até cinco vezes maior que das florestas”. link: <https://news.un.org/pt/story/2014/09/1487291>. Acesso em: 03/08/2023
- 75 “João Cabral de Melo Neto: O Cão sem Plumas”. Disponível em: <https://vermelho.org.br/prosa->

poesia-arte/joao-cabral-de-melo-neto-o-cao-sem-plumas/ Acesso em: maio 2024

76 Em 1945 João Cabral de Melo Neto prestou concurso para diplomata, no qual exerceu funções até 1990. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/joao-cabral-de-melo-neto/biografia> Acesso em: maio de 2024.

77 “A cidade é passada pelo rio como uma rua é passada por um cachorro; uma fruta por uma espada.” (CABRAL DE MELO NETO, 1950)

78 “Nós vimos um filme, “O homem do Caranguejo”, de Ipojuca Pontes, e pensamos assim: “Vamos perguntar se a gente não pode fazer uma matéria sobre um povoado em Livramento na Paraíba. Foi uma coisa difícil de se fazer, pois foi numa época que tinha que se negociar o que se poderia mostrar do Brasil, mas conseguimos” - Fala de Bisilliat transcrita do cf. “Maureen Bisilliat o amor pela fotografia”, Acervo SP vídeo, disponível no YouTube em: <https://www.youtube.com/watch?v=Tr9a3d5EXmc> Acesso em: agosto de 2024

79 Além disso, Darel Valença Lins foi um pernambucano, ilustrador, gravador e artista plástico. Sua produção é marcada pelo tema das cidades imaginárias, em sua maior parte vistas a distância ou do alto. Já na 3a edição do Documentário do Nordeste, publicada em 1965, a cidade e as pessoas são vistas de perto, mas sem contornos definidos, em manchas, enfatizando os cheios e vazios. Fonte: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa5637/darel>

80 Utilizamos a publicação “Hibridismos musicais em Chico Science & Nação Zumbi” (VARGAS, Heron. Hibridismos musicais em Chico Science & Nação Zumbi. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2007), dentre tantas outras que falam sobre o surgimento de culturas e identidades híbridas na era moderna.

81 Aqui pego emprestado o termo que Anna Tsing usa ao observar a relação dos catadores de cogumelo no Japão (cf op. TSING, 2022). Contudo Margareth da Silva Pereira, em seus cursos, tem chamado a atenção para as dificuldades que introduzem certas traduções, às vezes. No caso da expressão de Tsing, “socialidade mais que humana”, ela tem insistido em se perguntar se a tradução mais próxima do pensamento de Tsing não seria “socialidade para além do humano”, o que muda, completamente, o campo em que a questão é pensada, restrita no primeiro caso e que remete apenas a uma graduação - mais que menos que – , cósmica e que remete à uma reflexão epistemológica e ontológica no segundo.

82 Cf. MEMORIAL DO MOVIMENTO DE CULTURA POPULAR. Recife, Prefeitura da Cidade do Recife, Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1986. Coleção Recife, v. XLIX.

83 Manifesto à Opinião Pública enviado pela Comunidade de Brasília Teimosa em resposta a proposta de urbanização de Brasília Teimosa enviada pela Empresa de Urbanização do Recife (URB)

84 Para mais sobre a história de Brasília Teimosa e suas representações culturais Cf. SILVA, Oswaldo Pereira. Histórias da Brasília Teimosa: Centro Educacional Profissionalizante do Flau: Recife, 2017 e PERES, Clara Torres . Entre a casa e o mar, a vida pulsa: As dimensões simbólicas do cotidiano na praia do Buraco da Véia e nos espaços públicos praianos de Brasília Teimosa. Dissertação de mestrado. UFPE: Recife, 2022.

85 Trecho retirado do livro "O Caranguejo e o Viaduto", no texto "A formação social do Recife", publicado como homenagem póstuma a Denis Bernardes em 2013: " Texto preparado para o Plano Diretor de Desenvolvimento da Cidade do Recife. Uma versão, incompleta, foi divulgada em 1990. Como para o texto anterior, a responsabilidade pelas opiniões emitidas não envolve nenhuma das instituições participantes da elaboração do PDCR". (Cf. BERNARDES, Denis, 2013, p. 122).

86 Como o Sanya Mangrove Park, projetado pelo arquiteto chinês Yu Kongjian (2019), que usa da capacidade de absorção dos manguezais, em uma região de 10 hectares no meio da cidade de Sanya, para evitar enchentes.

87 “‘A gente vai sumir’: liderança da Ilha de Maré alerta para efeito da crise climática em comunidades quilombolas de manguezais”. Disponível em: <https://racismoambiental.net.br/2024/06/14/a-gente-vai-sumirlideranca-da-ilha-de-mare-alerta-para-efeito-da-crise-climatica-em-comunidades-quilombolas-de-manguezais/>. Acesso: agosto/24.

88 CASTRO, Josué de. Documentário do Nordeste. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1965, p. 13-15.

89 CASTRO, Josué de. Documentário do Nordeste. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1965, p. 23-25



Universidade Federal da Bahia

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO
(PPG-AU)**

ATA Nº 1

Ata da sessão pública do Colegiado do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO (PPG-AU), realizada em 02/12/2024 para procedimento de defesa da Dissertação de MESTRADO EM ARQUITETURA E URBANISMO no. 1, área de concentração Urbanismo, do(a) candidato(a) MARIA EDUARDA AZEVEDO TELES DE PAIVA, de matrícula 2021100290, intitulada Entre a mocambópolis e a manguetown: Narrativas Urbanas em torno da Recife de Josué de Castro. Às 14:00 do citado dia, Faculdade de Arquitetura - UFBA, foi aberta a sessão pelo(a) presidente da banca examinadora Prof^a. MARGARETH APARECIDA CAMPOS DA SILVA PEREIRA que apresentou os outros membros da banca: Prof^a. Dra. ARIADNE MORAES SILVA, Prof. LUIZ ANTONIO DE SOUZA, Prof^a. Dra. VIRGINIA PITTA PONTUAL e Prof. Dr. WASHINGTON LUIS LIMA DRUMMOND. Em seguida foram esclarecidos os procedimentos pelo(a) presidente que passou a palavra ao(à) examinado(a) para apresentação do trabalho de Mestrado. Ao final da apresentação, passou-se à arguição por parte da banca, a qual, em seguida, reuniu-se para a elaboração do parecer. No seu retorno, foi lido o parecer final a respeito do trabalho apresentado pelo(a) candidato(a), tendo a banca examinadora APROVADO o trabalho apresentado, sendo esta aprovação um requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre. Em seguida, nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão pelo(a) presidente da banca, tendo sido, logo a seguir, lavrada a presente ata, abaixo assinada por todos os membros da banca.

Documento assinado digitalmente



VIRGINIA PITTA PONTUAL

Data: 11/12/2024 15:47:27-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. VIRGINIA PITTA PONTUAL, UFPE

Documento assinado digitalmente



WASHINGTON LUIS LIMA DRUMMOND

Data: 12/02/2025 13:17:28-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

iação

Dr. WASHINGTON LUIS LIMA DRUMMOND, UNEB

Examinador Externo à Instituição

Documento assinado digitalmente



ARIADNE MORAES SILVA

Data: 16/12/2024 07:44:50-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. ARIADNE MORAES SILVA, UFBA

Examinadora Interna

Documento assinado digitalmente



LUIZ ANTONIO DE SOUZA

Data: 11/12/2024 18:24:54-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

LUIZ ANTONIO DE SOUZA, UFBA

Examinador Interno

Documento assinado digitalmente



MARGARETH APARECIDA CAMPOS DA SILVA PEREIRA

Data: 12/02/2025 12:47:14-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

MARGARETH APARECIDA CAMPOS DA SILVA PEREIRA

Presidente



Universidade Federal da Bahia

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO
(PPG-AU)**

MARIA EDUARDA AZEVEDO TELES DE PAIVA

Mestrando(a)

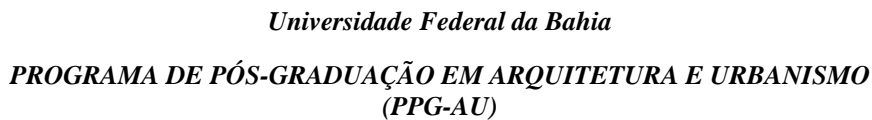


Documento assinado digitalmente

MARIA EDUARDA AZEVEDO TELES DE PAIVA

Data: 29/10/2025 12:39:56-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>



ATA N° 1

Banca examinadora:

Prof(a). LUIZ ANTONIO DE SOUZA Examinador Interno

Prof(a). MARGARETH APARECIDA CAMPOS DA SILVA PEREIRA Presidente

Os itens abaixo deverão ser modificados, conforme sugestão da banca

- | | | |
|----|-----|-----------------------|
| 1. | [] | INTRODUÇÃO |
| 2. | [] | REVISÃO BIBLIOGRÁFICA |
| 3. | [] | METODOLOGIA |
| 4. | [] | RESULTADOS OBTIDOS |
| 5. | [] | CONCLUSÕES |

COMENTÁRIOS GERAIS:

Declaro, para fins de homologação, que as modificações, sugeridas pela banca examinadora, acima mencionada, foram cumpridas integralmente.

Orientador(a)